



**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências humanas
Programa de Pós-Graduação em História
Linha de Pesquisa: Do Antigo ao Moderno:
poderes, culturas e discursos**

**Cortesãos e Ascéticos depravados: Discursos sobre os eunucos em Eusébio de Cesareia e
Procópio de Cesareia sob uma perspectiva Queer**

Silvio Romero Tavares Neiva Coelho

Recife, Fevereiro de 2025

**Universidade Federal de Pernambuco Centro
de Filosofia e Ciências Humanas Programa
de Pós-Graduação em História
Linha de Pesquisa: Do Antigo ao Moderno: poderes, culturas e discursos**

**Cortesãos e Ascéticos depravados: Discursos sobre os eunucos em Eusébio de Cesareia e
Procópio de Cesareia sob uma perspectiva Queer**

Silvio Romero Tavares Neiva Coelho

Dissertação apresentada pelo mestrando em História Silvio Romero Tavares Neiva Coelho à Banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE – Linha de Pesquisa: Do Antigo ao Moderno: poderes, culturas e discursos.

Orientador: Bruno Uchoa Borgongino

Recife, Agosto de 2024

Coelho, Silvio Romero Tavares Neiva.

Cortesãos e Ascéticos depravados: discursos sobre os eunucos em Eusébio de Cesareia e Procópio de Cesareia sob uma perspectiva Queer / Silvio Romero Tavares Neiva Coelho. - Recife, 2025.

102f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós graduação em História, 2025.

Orientação: Bruno Uchoa Borgongino.

Inclui referências e apen.

1. Eunucos; 2. História Eclesiástica; 3. História Secreta; 4. Teoria Queer; 5. Bizâncio. I. Borgongino, Bruno Uchoa. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

SILVIO ROMERO TAVARES NEIVA COELHO

**Cortesãos e Ascéticos depravados: Discursos sobre os eunucos em Eusébio de Cesareia e
Procópio de Cesareia sob uma perspectiva Queer**

Dissertação apresentada pelo mestrando em
História Silvio Romero Tavares Neiva Coelho
à Banca de Defesa do Programa de
Pós-Graduação em História da UFPE – Linha
de Pesquisa: Do Antigo ao Moderno: poderes,
culturas e discursos. Como requisito para
Obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 17/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Bruno Uchoa Borgongino (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Renato Pinto (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Wendell dos Reis Veloso (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que um dia pensaram não existir no passado. Espero que saiba que nós sempre existimos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todos que me ajudaram na caminhada. À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), que financiou a pesquisa aqui apresentada ao longo dos dois anos de mestrado. Às minhas companhias no LEOM e no GEAF, com quem dividi experiências e saberes para desenvolver essa pesquisa. Ao meu orientador, Bruno Uchoa, que acreditou em mim e aceitou orientar este trabalho, e o fez com dedicação e cuidado. Aos membros da banca que leram e entenderam este trabalho, permitindo que ele fosse aprimorado e aprovado. Aos meus professores da pós graduação que foram mestres excelentes.

Agradeço também aos colegas e companheiros que leram e questionaram este trabalho, o seu apoio foi fundamental. Acima de tudo, agradeço a minha mãe, Daniela, minha avó, Tereza e meu avô, Eduardo, por nunca me deixarem faltar o amor e a compreensão. Ao meu amor, Luana, quem esteve ao meu lado durante todo o processo e me incentivou mesmo quando parecia impossível. Aos meus primos e irmãs, Rafaela, Marcella, Guilherme, Maria Eduarda e Luiza, por me ensinarem o que é companheirismo e me acompanharem. Aos meus amigos, Giovanna, Rafaella e Victor, por serem companheiros e me salvarem quando eu precisei. E ao meu companheiro felino, Guto, que esteve ao meu lado nas intermináveis sessões de escrita e leitura madrugada adentro, sempre me fazendo descansar quando necessário, mesmo que fosse apenas para pedir sachê.

Resumo

Os eunucos eram proeminentes no universo bizantino tardo-antigo, circulando desde os espaços de corte aos ambientes eclesiásticos. Sua presença é diversificada, passando pelos espaços da aristocracia bizantina, pelas heranças culturais tardo romanas e até os espaços eclesiásticos dos primeiros cristianismos. Nesses contextos, os estereótipos atribuídos a esses sujeitos eram de moralmente depravados, participantes de maquinações e traições da aristocracia, deformados fisicamente e contrários à natureza. Eram símbolos de uma outridade inferiorizada em relação aos papéis hegemônicos de gênero. Nesse sentido, as perspectivas de gênero oriundas da Teoria Queer se tornam bem-vindas a investigar esses sujeitos que foram colocados, dentro do contexto bizantino tardo-antigo, em uma posição discursiva de não-normatividade. Neste trabalho, serão analisadas duas narrativas historiográficas produzidas no espaço do Império Bizantino durante a Antiguidade Tardia: *Historia Ecclesiae* de Eusébio de Cesareia (C. 326 E.C.) e *Anedocta* de Procópio de Cesareia (c. 550 E.C.) . O objetivo é investigar como esses estereótipos são construídos e em que medida eles indicam uma condição de queeriedade

Palavras-chave: Eunucos; História Eclesiástica, História Secreta, Bizâncio, Teoria Queer

Abstract

The eunuch is a prominent subject in the Byzantine Late Antiquity universe. Through the Byzantine courts, the late-roman cultural inheritances and even the ecclesiastical spaces of the early christianities. In this context the stereotypes in which they were put was of a morally depraved individual, participant in the plots and schemes of the byzantine aristocracy, deformed physically and morally and a non-natural being. They were a symbol of an subaltern otherness when compared to the hegemonic gender roles. In this sense, the gender perspectives from the Queer Theory are welcome in the investigation of these subjects that were put, onto the Byzantine Late-antiquity context, in a discursive position of non-normativity. In this essay, it will be investigated in two historiographical narratives made in the space of influence of the Byzantine Empire during the Late Antiquity: *Historia Ecclesiae* from Eusebius of Caesarea (C. 326 C.E.) and *Anecdota* from Procopius of Caesarea(c. 550 C.E.). The objective of this essay will be to verify which stereotypes are built about the eunuchs and by what measure it indicates a queerness condition.

Keywords: Eunuchs; Ecclesiastical History, Secret History, Byzantium, Queer Theory

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1 A Teoria Queer e o que (não) é o gênero	11
1.1.2 O Queer, O Antigo e o Medieval	17
1.2 Os eunucos e a castração na Historiografia	19
1.3 O Corpus documental.	23
1.3.1 A narrativa historiográfica tardo-antiga	23
1.3.2 A Historia Ecclesiae	26
1.3.3 A Anedocta	27
1. 4 Panorama dos capítulos	28
2. Contextualização	30
2.1 Os eunucos e a antiguidade-Tardia	30
2.1.1 Referências linguísticas, médicas e religiosas aos eunucos	30
2.1.2 Eunucos nas cortes bizantinas e conflitos políticos	34
2.1.3 Eunucos nos primeiros cristianismos mediterrânicos	36
2.2 Conclusão parcial: a condição do eunuco na Antiguidade Tardia	43
3. Os Eunucos de Eusébio	45
3.1 Meliton, o eunuco	47
3.2 Orígenes de Alexandria	52
3.3 Conclusão parcial: heréticos, apagados e exilados	57
4. Os eunucos de Procópio	60
4.1 Calígono, o eunuco de Antonina	63
4.2 Salomão, o general eunuco	68
4.3 Os eunucos da corte	70
4.4 Conclusão parcial: Queer e os Eunucos de Procópio.	74
5. Conclusão	76
Bibliografia	80
Fontes primárias	80
Referências	81
Apêndice I - Análise documental de História Ecclesiae	86
Apêndice II - Análise documental de Anedocta	97

1. Introdução

A figura do eunuco no mundo bizantino¹ e na Antiguidade Tardia² é diversa. Para o mundo eclesiástico, a presença de sacerdotes castrados se torna símbolo de um paradigma complexo. Ao mesmo tempo que seria desencorajado em determinadas circunstâncias, em outras se torna aceito e até incentivado. Para o mundo da corte, era representado como uma figura mística do servo ideal que se desvencilhou das suas necessidades carnis. Esta dissertação tem como objetivo identificar que elementos discursivos foram utilizados para construir a representação desses eunucos em duas obras: *História Eclesiástica* ou *Historia Ecclesiae*, de Eusébio de Cesareia, e *Historia Secreta* ou *Anekdotai*, escrita por Procópio de Cesareia, escritos respectivamente por volta do ano 325 E.C. e na data provável de 550 E.C. Para realização dessa análise serão utilizadas as lentes da *Teoria Queer*. Os pressupostos desenvolvidos por este conjunto de pensadores, como Judith Butler, Paul Preciado, Eve Kosofsky Sedgwick e Berenice Bento, auxiliam à medida que busca criticar e analisar os diversos sujeitos, sua performatividade de gênero e sexualidade fora de uma visão cishetoronormativa de mundo.

Sua presença no universo documental é evidenciada pela diversidade de termos utilizados para categorizar e definir. Em gregos, os mais gerais, como ευνούχος, traduzíveis diretamente para o português como “eunuco”. Outros, como σπάδων, έκτομίας, ἀπόκοπος, Θλιβίας e Θαλσίας³, apontam para as diferenças anatômicas no processo de castração. No latim, há também uma variedade para o ato de castrar, como *castratus*, *eunuchus*, e *spado*. Isso corrobora tanto a presença quanto a variedade desses eunucos na documentação.

A ambiguidade de gênero dos eunucos os tornava uma outridade bizantina incômoda (Stewart, 2017). Esses seriam descritos como seres deformados e moralmente depravados (Sideris, 2002). Essa percepção negativa é confrontada pela função atribuída a estes como

¹ Compreendo que o uso do termo bizantino possa ser contestado. Para efeitos deste trabalho, compreendo como Bizâncio todo o espaço regido pelo dito Imperador das terras que ficam ao oriente depois da separação do Império Romano em 395 E.C.

² Não pretendo aqui adentrar nos pormenores da querela historiográfica da Antiguidade Tardia, compreendo como uma temporalidade cômoda que privilegia a noção de transição em detrimento das rupturas como descritas por Queda do Império Romano dotado de especificidades que não são nem Antigas, nem Medievais (Silva, 2013, 80)

³ Os termos apontam para diferença no processo de castração, respectivamente traduzidos para removido ou retirado, cortado fora, cortado de, pressionado e amassado. Os pormenores desse processo, tais como ocorria e quais as implicações dele, serão melhor discutidos no segundo capítulo do presente trabalho.

servos ideais na sociedade de corte bizantina, especialmente por terem se desvencilhado de suas necessidades carnis (Ringrose, 2007). Pensar esta diversidade de representações que torna a figura dos eunucos instigante de ser investigada.

Neste trabalho, lançando mão destes recursos teóricos, identifiquei que elementos discursivos os autores construíram ao redor dos eunucos em duas obras: *Historia Ecclesiae* de Eusébio de Cesareia e *Anedocta* de Procópio de Cesareia. Com isto, pretendo entender como esses eunucos se posicionam frente à normatividade de gênero proposta no contexto de escritura dos documentos e observar como a literatura histórica e as traduções documentais lidaram com a compreensão e estigmas dado aos eunucos no mundo contemporâneo.

1.1 A Teoria Queer e o que (não) é o gênero

Com intuito de realizar esta investigação, serão utilizados um grupo de reflexões advindas da Teoria Queer. Queer surge como um termo guarda-chuva para a variedade de autoidentificações culturalmente consideradas como corpos desviantes, assim como para designar um conjunto teórico que se desenvolve a partir dos estudos gays e lésbicos tradicionais. Enquanto categoria, a *Queer* está em constante processo de formação e transformação; não que ela ainda vá se solidificar ou se autodeterminar em teoria, mas porque ela se define pela sua indeterminação e elasticidade – preceitos que fazem parte de sua natureza disruptiva (Jagose, 1996, 1).

O termo é fortemente influenciado pela consolidação dos *Lesbians and Gay Studies* nas universidades anglófonas a partir dos anos 1990. Isso é evidenciado pelo surgimento de revistas acadêmicas especializadas no tema, como o *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, lançado em 1993 nos Estados Unidos e o *Critical InQueeries*, que teve sua primeira edição publicada na Austrália em 1995. Também é ilustrativo da intensificação dos estudos em torno ao conceito as revistas não especializadas que produziram edições inteiras dedicadas à Teoria Queer, como a edição de verão do *Sociological Theory*, de 1994, o primeiro número do volume 22 do *Socialist Review*, de 1992, e o quarto número do volume 9 da *Social Text*, de 1991 (Jagose. 1996, 3).

Apesar de inicialmente utilizado como termo coloquial para insultar membros da comunidade LGBTQIA+, o Queer passa a ser utilizado como uma teoria guarda-chuva que busca evidenciar outras identidades que não apenas a gay e, em menor grau, a lésbica. Assim,

procura trazer a tona identidades e indivíduos que não se encaixam num regime de poder cisheteronormativo, como: travestis, transsexuais, pessoas intersexo, pessoas que passaram por cirurgia de redesignação de gênero e qualquer outra identidade que desestabilize os modelos analíticos e normativos que se baseiam em diferença de cromossomos para definir sexo, sexo, gênero e desejo sexual (Jagose, 1991, 4).

A princípio, a História e o gênero enquanto categoria se relacionavam como sinônimo de História das Mulheres, prestando atenção particularmente na relação entre as identidades masculinas e femininas. Essa perspectiva, derivada da Nova História Social, foi uma ferramenta valiosa para recuperar a agência feminina da História. Apesar de seu importante papel, foi um dos responsáveis pela determinação do patriarcado como uma teoria a-histórica, por vezes desconsiderando as alianças e resistências advindas das mulheres e transformando-o em uma causa única para toda opressão derivada de gênero (Kent, 2012, 67-68).

As reflexões de Michel Foucault foram fortes influências tanto para as discussões sobre gênero quanto para a Teoria Queer. Em especial, a noção de discurso discutida pelo autor ao longo de sua obra. Aqui destaco duas obras. Em *Arqueologia do Saber* (1969), o autor propõe um método de investigação para historicizar as construções de saberes. Neste mesmo texto, o autor apresenta uma breve definição de discurso como “uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia exata” (Foucault 2008, 52) esse discurso, para Foucault, seria então a forma com a qual diferentes regras atuam de forma anônima na construção e regulamentação dos corpos, saberes e a partir deles impõe uma definição do sujeito a partir das dinâmicas de poder (Azevedo, 2013, 156). Autoras feministas munidas dessa definição, como Joan Scott e Judith Butler, questionam o caráter ontológico atribuído à dualidade Gênero/Sexo.

De Foucault, também foram influentes os livros da série *História da Sexualidade* (1976). No primeiro volume, o autor defende que há o sexo e o poder se estabelecem a partir do que o autor chama de dispositivos, através dos quais o ser humano se define. Propondo que o poder não estabeleceria nenhuma relação com o sexo que não uma relação negativa focando em sua rejeição, exclusão, barragem, ocultação e mascaramento. O poder estabeleceria também uma binaridade entre o que é lícito e ilícito, fazendo com que o sexo se decifre através da sua relação com a lei e, por conseguinte, com a linguagem. Este dispositivo é a instância de regra. O sexo também existiria apenas na sombra do segredo, mantido sob

ameaça de castigo. O ciclo de interdição funciona na proibição daquilo que não quer se suprimir. A lógica da censura manteria as proibições sob a lógica da cadeia: afirmando o que não é permitido, impedindo que seja dito e negando a existência. Por fim, o dispositivo seria repetido do mesmo modo em todos os níveis, gerando uma unidade onde se encontraria uma forma geral de poder, atribuído de uma lógica formal (Foucault, 2020, 1993).

A percepção de gênero enquanto conceito histórico deve bastante à contribuição de Joan Scott. Segundo sua avaliação, os estudos sobre as mulheres não conseguiam cumprir o seu objetivo e continuavam abordando as mulheres como sujeitos periféricos da História tradicional. Partindo dessa crítica, Scott escreve sua definição de gênero sob a ótica do discurso na perspectiva foucaultiana. Para Scott, “o discurso é um instrumento de orientação do mundo”, logo, ela entende que a “linguagem não designa somente as palavras, mas os sistemas de significação - as ordens simbólicas - que antecedem o domínio da palavra propriamente dita, da leitura e da escrita” (Scott, 2017, 11). Seguindo esta definição a autora o Gênero se enquadra como:

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (Scott, 2017, 23)

Seguindo esta definição, Scott vai se preocupar em definir gênero como um *devoir*, um conceito historicamente modificável e permitindo pensar historicamente as hierarquias e opressões de gênero.

Seguindo a esteira da proposta de desconstrução de Scott, Judith Butler vai se preocupar na determinação de gênero e sexo como historicamente mutáveis. Conforme afirmado em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*:

o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, 2020a, 27).

Partindo dessas premissas, propõe a definição de gênero como:

a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. (Butler, 2020a, 33)

O conceito de gênero de Butler é partidário em grande medida da crítica à metafísica da substância em Nietzsche e Michel Haar. Segundo essa perspectiva, os pré-requisitos ontológicos de existência da categoria gênero são ilusões, ou seja, seu “ser” e sua “substância” não representam a ordem verdadeira das coisas. Críticas à metafísica da substância significam criticar a própria noção de pessoa psicológica como coisa substantiva (Butler, 2020a, 43).

Seguindo a influência de Butler, autoras como Berenice Bento (2006) e Guacira Lopes Louro (2008) salientam gênero como um construto social ao invés de um dado biológico (Silva, 2016). Nesse sentido, não teria em nenhuma circunstância determinações pré-sociais e externas das relações de poder-saber. Por sua vez, o sexo não se apresentaria em oposição ao gênero, pois seria falsa a dicotomia entre “natural” e “cultural” que baseia este postulado. Segundo essa visão equivocada, cada cultura moldaria o gênero segundo sua cultura sobre um elemento natural dado, pré-concebido e a-histórico, o sexo. A Teoria Queer parte da premissa de que essa dicotomia foi construída também por meio de relações saber-poder determinadas por um conjunto de expectativas criadas sobre os corpos. Estes mesmos corpos são forçados a uma aparência de gênero, a qual Butler designa performatividade de gênero (Bento, 2006, 87).

Na esteira da crítica do sexo e gênero como dado preconcebido da natureza, Paul B. Preciado (2000) critica, em “Manifesto Contrassexual”, o que chama de “contrato social heterocentrado”. Segundo ele, a regra cisheteronormativa era inscrita nos corpos como biológica (Preciado, 2014, 21) e deveria ser quebrada através do que o autor chama de contrato contrassexual, onde

Os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens e mulheres, e sim como corpos falantes. Reconhecem em si a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação. Enquanto sujeito, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas (Preciado, 2014, 22).

Partindo desse argumento, o autor irá extrapolar a definição de Butler. Preciado entende gênero não apenas como performance, mas também como pura fabricação, atuando

no corpo como um construto que tanto imita algo que acaba se tornando o imitado. Esta fabricação precisa que as relações não fujam da heteronormatividade para funcionar. Essa construção transforma tudo aquilo que não for cisgênero e heterossexual em um defeito perverso, uma exceção à regra (Preciado, 2014, 30). O *Queer* é toda exceção condenada à perversidade por aqueles que se adequam à norma e que, no processo de reprovação, tem sua identidade transformada em insulto paralisante justamente para que possa ser regulado (Butler, 2019, 369).

A materialidade do corpo também está presente nesse debate. Para Judith Butler, a concretude do corpo está intimamente ligada ao discurso. O “sexo”, entendido como uma expressão material dos mecanismos de controle de gênero, se configura por meio do discurso, e os corpos, no sentido mais concreto que essa expressão pode ter, se tornam incompletos e normatizados dentro do mesmo sistema regulatório. O corpo é estabilizado como resultado do poder, transformando-se na personificação da norma regulatória, e é por meio dessa norma que o corpo se manifesta (Butler, 2020b, 17).

Dado este breve histórico do que é *Queer*, cabe a compreensão de que ele busca refletir sobre todo aquele visto como desviado, escanteado e condenado a esta condição por aqueles que utilizam o saber-poder. Cabe elencar quais aplicações e metodologias esta perspectiva nos traz.

Uma reflexão fulcral à Teoria Queer é a proposta de Eve Kosofsky Sedgwick. Em *Epistemologia do Armário* (1990), a autora propõe uma reflexão sobre a figura metafórica do armário e sua influência na vivência de sujeitos Queer. A autora propõe que, mesmo quando exposta a todos, a condição de sujeito queer está fadada a ser um segredo aberto. Por mais claro e aberto que um sujeito seja sobre sua vivência fora dos espaços heterossexistas, sempre estará neste armário metafórico para alguém que é importante para ela, seja sentimental, política ou economicamente. Afinal, a heterossexualidade é sempre presumida e, quando não é, o sujeito se torna objeto de exclusão social (Sedgwick, 68, 1990).

Essa condição de armário, apesar de analisada pela autora especificamente no contexto dos homossexuais dos Estados Unidos, reflete-se de forma quase atemporal. Para o historiador que observa um passado distante, naturalizar a heterossexualidade é sempre tentador, mesmo quando esse conceito não foi originalmente concebido tendo em vista a temporalidade analisada (Schultz, 2006, 15). Para a época investigada nesta dissertação, a estranheza e a vivência de gênero e sexualidade fora da norma tornavam as pessoas excluídas

e forçaram os indivíduos a esconderem a sua condição ou repudiar ela publicamente. Mesmo que eles não se organizassem em grupos de forma voluntária, o contexto de produção dos documentos força a esses sujeitos através de um estereótipo, isso é, um mecanismo discursivo que, ao construir um outro e construir uma realidade produz uma identidade discursiva ao representado (Amossy & Pierrot, 2022, 137).

Com intuito de desestabilizar essa crítica, a obra de David Halperin se torna bastante valiosa. Em *How to do the history of the homosexuality* (2002)⁴, o autor busca evidenciar as presenças de sujeitos futuramente entendidos como Queer que foram apagados da historiografia. A proposta metodológica consiste em desconstruir o corpo como ator material e semiótico. Esta lógica permite contestar os usos heterossexistas do corpo como uma realidade universal, que independe do contexto histórico (Halperin, 2002, 84) Portanto, trata-se de buscar na documentação aquilo que está oculto devido à sua condição de insulto, compreender as diversidades através do entrelaçamento dos contextos de produção dos documentos e discursos. Isso permite assim retirar da história o armário que torna esses sujeitos ocultos.

Outra contribuição fortuita ao presente trabalho é a realizada por Raewyn Connell em relação às masculinidades. No seu artigo, *Masculinidade Hegemônica: Repensando o conceito* (2005), a autora australiana se propõe a repensar o conceito de masculinidade hegemônica. A autora entende hegemonia como um meio-termo entre as percepções gramscianas, buscando compreender uma estabilização de classes, como a ideia reduzida a um modelo de controle cultural.⁵ Connell compreende as masculinidades como diversas e múltiplas, mas havendo uma masculinidade hegemônica que seria o padrão de práticas que mantinha a ordem de gênero binária no lugar. Este padrão não se manteria dominante num sentido estatístico, tampouco estaria fixo e seria ahistórico, mas se apresenta como ideal a partir de uma normatividade estabelecida a partir do reforço de uma lógica patriarcal e heteronormativa (Connell, 2013, 245). As masculinidades hegemônicas e subalternas são construídas no campo das relações de poder, diferindo-se a depender do enunciado pelo qual o

⁴ A aplicabilidade de David Halperin no universo da Teoria Queer, entretanto, não é uma posição unânime. Em seu livro *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography* (1995), o autor vai tecer uma crítica à Teoria Queer. Afirmando que a Teoria Queer observa esses sujeitos unicamente como excluídos e só permite a existência de sujeitos queer quando comparados com a normatividade da época descrita. Apesar de criticamente, neste trabalho considero que as críticas de Halperin não o separam o suficiente da Teoria Queer para desconsiderar o suporte metodológico fornecido pelo autor.

⁵ O conceito de masculinidade hegemônica teria sido primeiro proposto em relatórios sobre classes sociais na Austrália. A autora afirma estar se apropriando do conceito tal qual estabelecido por Antonio Gramsci.

discurso é proclamado. Desenvolvem-se, ainda, a partir das interrelações de gênero, isso é, baseando-se nas relações entre os entendidos socialmente como homem e mulher (KIMMEL, 1998, 104). Nessa lógica, a Masculinidade Hegemônica se apresenta como o oposto do Queer. Não só representa o normativo por excelência, no caso contemporâneo, o cisgênero, heterossexual, branco, como também aquilo que mantém o sujeito Queer em sua condição de subalternidade e condenado ao insulto paralisante de sua própria existência.

1.1.2 O Queer, O Antigo e o Medieval

O uso de gênero como categoria de análise na medievalística brasileira sofreu aumento significativo entre os anos de 2000 e 2017. Em grande medida, foi desenvolvida através do uso de Joan Scott como referencial teórico (Jesus, 2017, 22). Apesar de proveitosa e tendo produzido diversas pesquisas importantes, a preferência pela medievalística brasileira por Joan Scott e a resistência ao uso da Teoria Queer deixa diversas perguntas. Aqui pretendo elencar um panorama de como esse conjunto teórico pode ser aplicado ao medievo e como ele se relaciona com as principais discussões contemporâneas dentro dos Estudos Medievais.

Apesar desse contexto, alguns pesquisadores utilizaram a discussão queer para embasar suas pesquisas. Os trabalhos de Marcelo Pereira Lima sobre gênero e sexualidade no discurso jurídico ibérico da Alta Idade Média (2010), de Wendell dos Reis Velloso sobre o discurso agostiniano acerca da sexualidade (2019) e de Cassiano Celestino Gomes sobre as masculinidades no medievo ibérico (2020), são exemplos de trabalhos que utilizam o queer na medievalística brasileira.

O medievo é um espaço diverso, inconsistente, fluido e com uma grande variedade de expressões individuais. O corpo era um espaço de negociação, estabelecimento e quebra de limites e fronteiras, produzindo percepções sobre gênero e sexualidade tão diversas quanto o espaço estudado – especialmente quando interseccionados com raça e classe e outras formas de semiótica corporal (Miles & Seal, 2023, 406). Termos como Queer podem desestabilizar a noção de gênero clássica empregada na pesquisa sobre a Idade Média, possibilitando a reflexão sobre a ficcionalidade com a qual as normas eram criadas. Essa normatividade é ela mesma a causa e o efeito e depende de uma estabilidade do tempo, isto é, uma noção de medievo fixa que não possa ser contestada para manutenção da ficcionalidade da norma. Pôr

em cheque esta estabilidade é, portanto, questionar a própria ficcionalidade com a qual a noção de medievo se construiu (Burger & Krueger, 2001, 11).

Ao refletirmos sobre essa ficcionalidade das normas e, consequentemente, do tempo, permitimo-nos adentrar a seara das percepções pós-coloniais de Idade Média. Acerca do tema, Jerome Cohen, na introdução do livro *The Post Colonial Middle Ages* (2000) estabelece uma série de postulados passíveis de utilização com o intuito de escrever uma História Medieval menos eurocêntrica, tais quais: desestabilizar identidades hegemônicas como gênero, raça, classe, religiosidade e idade através da historicização de seus respectivos medievais e desnaturalização de sua hegemonia, desvalidar o suposto domínio cristão (Cohen, 2000, 7). Pensando pelas vias destes postulados, pela Teoria Queer pode-se encontrar os sujeitos excluídos de uma lógica binária de gênero, o que coaduna com o postulado de Idade média pós-colonial. Essa perspectiva contribui para a busca por construções de gênero e sexualidade para além do binarismo e do determinismo biológico construídos por uma lógica eurocêntrica e violenta (Cohen, 2000, 8).

Pensar sujeitos excluídos acaba se tornando não só um instigante pelos termos do medievalismo pós-colonial, como pensá-los nos dá Teoria Queer nos oferece uma possibilidade de imaginar um passado e um futuro de pessoas Queer (Spencer-Hall & Gutt, 2021, 11). O uso dos termos da Teoria Queer, entretanto, são criticados por apresentar um suposto anacronismo. Os medievalistas são rápidos em utilizar palavras como homossexualidade ou transgeneridade como incorretos ou anacrônicos, mas não chegam a assumir os riscos e os danos que pressupor um passado estritamente heterossexual produz (Schultz, 2006, 14).

A aplicabilidade de chaves de leitura contemporâneas aos Estudos Medievais passa pela questão de discutir a Idade Média como um mundo onde esses conceitos estariam ou não presentes. Alguns dos possíveis exemplos são as operações realizadas a partir da perspectiva da pós-colonialidade empregada ao medievo. O recurso à pós-colonialidade pode oferecer caminhos valiosos ao manejo da Teoria Queer, especialmente pelas críticas ao anacronismo terem características similares. Nesse aspecto antes de concatenar o queer e o medieval devemos nos perguntar o que é o queer, seja ele comportamento ou sujeito, dentro daquele determinado contexto.

Os eunucos, lançados discursivamente em uma condição paralisante de ofensa devido à sua performatividade de gênero, podem ser um exemplo dessa correlação que

designe vivências de gênero e sexualidade consideradas desviantes ou atípicas. Por vezes, aproximando a vivência desses eunucos a experiências que hoje seriam lidas como casos de transexualidade, não-binariedade, gênero fluido, entre outras performances de gênero dissidentes, abarcadas todas pelo termo guarda-chuva Queer. Buscar neste trabalho uma aproximação desses termos se mostra uma ruptura das produções epistemológicas que privilegiam uma cisheteronormatividade e fujam do binarismo normativo de gênero (Spencer-Hall & Gutt, 2021, 11). Ao traçar paralelos que demonstrem, como as que observamos na contemporaneidade, as identidades de gênero dessa tardo-antiguidade bizantina, personificadas nas figuras dos eunucos, revelam uma alternativa para fuga do binarismo de gênero na compreensão desse passado.

Enquanto as fontes externas ao Império Bizantino tratam usualmente os eunucos como símbolo de uma outridade incômoda, especialmente devido à sua ambiguidade de gênero (Stewart, 2017, 34). A relação dos eunucos com a santidade é um elemento comum ao mundo bizantino, especialmente associado aos mártires nos primeiros cristianismos e demonstrados em hagiografias. Nicetas, o patrício (761/2-836 E.C.), Inácio de Constantinopla (797-877 E.C.), Nicéforo de Mileto (falecimento em 965-969 E.C.) e Simão, o novo teólogo (949-1022 E.C.) foram eunucos no período bizantino que teriam atingido a santidade. (Szabo, 2021, 110).

1.2 Os eunucos e a castração na Historiografia

A presença de eunucos na História remonta à época em que os humanos começaram a domesticar animais. A castração é um fenômeno complexo, estando relacionado a identidades, masculinidades, sexualidades e poder desde muito cedo (Taylor, 2013, 4). Apesar disso, estudos sistemáticos sobre os eunucos como sujeitos históricos e sociais são relativamente novos. A historiografia do final do século XIX e começo do século XX tem o costume de associá-los aos indícios de falecimento moral dos impérios onde estivessem inseridos. Exemplo são os livros de J. B. Bury sobre a queda do Império Romano, escritos entre o final dos anos de 1890 e de 1910. Em seu livro *History of the Later Roman Empire I e II* (1889) o autor associa os eunucos citados a atos de espionagem e a atitudes que apontam para a devassidão moral de forma geral.

A partir dos anos 1930, os eunucos aparecem de forma tímida em alguns trabalhos

espaçados. Esses estudos possuem a tendência de focar em sua posição social em uma cultura específica ou realizar uma história resumida, que condensa uma diversidade de temporalidades e espaços em um grande bloco. Até os anos 1990 as produções são esparsas e apresentam uma preocupação maior com reunião de um corpus documental e pouca abordagem teórica acerca do tema (Hester, 2005,18). Nessa fase inicial, destacam-se Peter Browe com *Zur Geschichte der Entmannung: Eine Religions-und Rechtsgeschichtliche Studie* (1936) e P. Guyot com *Eunuchen als Sklaven und Freigelassenen in der griechisch-römischen Antike* (1980).

A partir dos anos 1990 que estudos começam a surgir discutindo esses eunucos de forma mais crítica, usualmente focando seu lugar social, ainda que de forma compartimentada e restrita a especialidades específicas. São exemplos desse momento historiográfico as pesquisas de Mary Beard sobre os *galli* romanos (1994), de Katherin Ringrose sobre o mundo bizantino (1994 e 1996), Shih-shan Henry Tsai sobre a dinastia Ming (1996) e Serena Nanda sobre a Índia (1990). Nenhum deles segue um direcionamento comum, tirando o fato de tratarem de eunucos. Nanda e Ringrose se aproximam ao debater gênero, enquanto Tsai foca na História Política e Beard na identidade cultural romana (Tougher, 2002, 8). Outras obras com destaque são: *The Manly Eunuch: Masculinity, Gender Ambiguity, and Christian Ideology in Late Antiquity* (2001) de Mathew S. Kuefler, que examina os casos dos eunucos do início do século III ao meio do século V e é considerado em grande medida um fundador do campo; *Eunuchs in Antiquity and Beyond*, editado por Shaun Tougher e que conta com autores de diversas especialidades na Antiguidade e início da Idade Média, se concentrando em relatos da Grécia, Pérsia, Roma e Império Bizantino, dentre outros. Na obra de Tougher também é relevante destacar o caso de Orígenes de Alexandria. No capítulo escrito por Walter Stevenson, o escritor aponta para Orígenes como um símbolo do eunuco no mundo eclesiástico quando da possibilidade de estudos desses sujeitos. O autor aponta para a aceitação de Orígenes como um importante intelectual dos primeiros cristianismos e para a discussão que promoveu sobre castração, emasculação e negação sexual nos séculos II e III (Stevenson, 2002, 134). O lançamento do livro de Gary Taylor *Castration: An Abbreviated history of Western Manhood* (2000), dedicado à castração e às masculinidades ocidentais. Apesar de se aproximar mais de um viés psicanalítico do que histórico, há uma aproximação com a filosofia agostiniana, conforme tendência nos debates sobre os eunucos a partir dos anos 2000, especialmente no que diz respeito às suas relações com as masculinidades.

Outro livro relevante ao tema é a coletânea organizada por Laryssa Tracy, *Castration and Culture in the Middle Ages*. Nessa obra a autora reúne trabalhos que se ocupam cada um de um espaço e caso diferente. Há desde ensaios teóricos focados na Arqueologia a análises acerca do Império Romano, dos Primeiros Cristianismos, das Ilhas Britânicas e da Escandinávia. A temporalidade se estende do século III até o início da Idade Moderna.

Além desses estudos transculturais, reflexões como a de David Hester em *Eunuchs and the Postgender Jesus: Matthew 19.12 and Transgressive Sexualities* (2005) demonstram a possibilidade dos estudos de gênero penetrarem os estudos dos eunucos. Ao problematizar a redução do eunuco à prática do celibato dentro do mundo eclesiástico, o autor propõe uma rejeição do binarismo heterossexista e procura entender a importância do eunuco para os paradigmas relativos a gênero, sexualidade e a Igreja Católica (Hester, 2005, 13). A partir de 2016, a Teoria Queer fica mais evidente nos estudos dos eunucos na Antiguidade Tardia e Baixa Idade Média. Autores como Roland Betancourt em *Byzantine Intersectionality* (2020) e a proposta de Jake Glutt e Alicia Spencer-Hall em *Trans and Genderqueer Subjects in Medieval Hagiography* (2022) são exemplares em introduzir em aspectos tanto analíticos como fazer o balanço teórico do Queer e dos Estudos Transgêneros nos casos dos eunucos na idade média.

Em *Byzantine Intersectionality*, Roland Betancourt propõe uma aplicação do conceito de interseccionalidade aos estudos do mundo bizantino. O autor utiliza a definição de Kimberlé Crenshaw de 1989, que cunhou:

O termo “interseccionalidade” para enfatizar que as realidades vividas pelas pessoas marginalizadas não existem apenas como fatores isolados, mas, em vez disso, se reúnem na interseção de gênero, sexualidade, raça, status socioeconômico e assim por diante. Assim, a interseccionalidade analisa como a sobreposição de identidades sociais cria condições únicas de desigualdade e opressão. (Betancourt, 2020, 27).

A escolha de utilizar interseccionalidade no próprio título tem dois motivos: realizar estudos de Bizâncio sob uma perspectiva de múltiplas identidades que se sobrepõe e evidenciam múltiplos regimes de opressão; ressaltar que o próprio termo ‘bizantino’, utilizado de forma pejorativa, indica a estranheza e indica o quão complexa e diversificada a identidade que um sujeito bizantino pode ocupar (Betancourt, 2020, 27). O destaque do texto vem da aplicação de termos contemporâneos para o estudo do passado bizantino. Durante o segundo capítulo, o

autor utiliza o termo de *Slut-Shaming*, especialmente na análise das descrições da Imperatriz Teodósia na *História Secreta* de Procópio de Cesareia, onde os extensivos ataques do autor à figura da consorte de Justiniano. O autor também identifica os mesmos tropos sendo aplicados ao caso da hagiografia de Maria do Egito, escrito meio século após o livro de Procópio onde as táticas de *Slut-Shaming* são aplicadas à vida de uma santa, evidenciando a aplicabilidade de conceitos contemporâneos aos estudos do Mediterrâneo falante de grego (Betancourt, 2020, 12). Este livro, apesar de não abordar os eunucos diretamente, influenciou trabalhos que utilizaram esses entes para se referir aos eunucos.

Os estudos da coleção editada por Alicia Spencer-Hall e Blake Glutt *Trans and Genderqueer Subjects in Medieval Hagiography* (2021) onde os autores propõem os estudos de sujeitos Transgêneros e Gênero-Queer, especialmente no relativo aos estudos de santidade. Eles se preocupam em estabelecer uma origem para os estudos trans a partir dos anos 1990, especialmente com os trabalhos de Sandy Stone, *The Empire Strikes Back* e Susan Stryker, em *My words to Victor Frankstein*, atentando para seu aspecto acadêmico e político (Spencer-hall & Gutt, 2021, 22). A partir dessa ideia, refletem sobre as aplicações possíveis dos estudos trans para o medievo. Destacando o trabalho de M.W. Bychowski, cujo trabalho abriu possibilidades e serviu de impulsionamento para aqueles que desejam adentrar os estudos trans atualmente (Spencer-hall & Glutt, 2021, 24). Para a produção, são convidados diversos pesquisadores para expor as relações entre suas pesquisas e os usos dos estudos trans. Para esta dissertação o devido destaque será dado ao trabalho de Felix Szabo, *Non-Standard Masculinity and Sainthood in Niketas David's Life of Patriarch Ignatios*, onde o autor analisa a figura de Inácio de Constantinopla e a representação de sua santidade evidenciando a complexidade da relação de um eunuco com as características esperadas de alguém merecedor da santidade.

No caso brasileiro os eunucos aparecem já conectados aos estudos da antiguidade romana, na tese de doutorado de Renato Pinto Duas Rainhas, *um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana* (2011) o assunto aparece na historiografia, já associado a discussões de usos do passado e Teoria Queer. Em 2020, Semíramis Corsi Silva publicou o artigo *Por que de galo, então, chamamos quem se castra? Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano, também aplicando os elementos da Teoria Queer aos estudos dos eunucos*.

Ao longo das décadas de discussão sobre os eunucos, pode-se perceber viradas de abordagem. Num primeiro momento, anterior aos anos 1990, houve a admiração do exotismo, a associação dos mesmos à decadência e à depravação moral e a reunião de fontes. A partir dos anos 1990, os estudos de Gênero e Transculturais trouxeram novos ares para análise dos eunucos, ainda que de forma incipiente e restrita ao local social. Posteriormente, nos anos 2000, o debate foca cada vez mais em questões de gênero na medida em que perspectivas teóricas sobre o conceito adentram no campo. Em meados de 2016, a Teoria Queer começa a aparecer com mais força na análise desses sujeitos. Apesar disso, a limitação de fontes ainda persiste: as investigações são normalmente voltadas às hagiografias, cabendo análises futuras de tratados doutrinários, religiosos, textos normativos e proibitivos e tratados historiográficos, sendo estes últimos os casos que serão analisados nesta dissertação.

1.3 O Corpus documental.

Nesta dissertação serão analisados dois documentos. A *História Eclesiástica* ou *Historia Ecclesiae* é um relato cronológico dos primeiros cristianismos. Foi escrita em grego koiné por Eusébio de Cesareia (265-339 E.C.). A obra é dividida em 10 livros, tendo os nove primeiros sido publicados no Editio de Milão em 311 da era comum e o último entre os anos de 323 e 325 da era comum. Já a *História Secreta* ou *Anekdotia* foi escrita por Procópio de Cesareia na provável data de 550, apesar de somente editada em 1623. O autor teria escrito a obra para expor as situações que não estava autorizado a abordar em suas outras obras por medo de represálias do império.

1.3.1 A narrativa historiográfica tardo-antiga

Os principais documentos que serão analisados neste trabalho são de ordem historiográfica e, como tal, devem ter suas especificidades de produção e recepção consideradas e destacadas. Um dos aspectos comuns era, seja uma narrativa eclesiástica ou não, a preocupação com algum grau na inserção da História Política. Mesmo Eusébio, que explicitamente propunha falar apenas do eclesiástico, não ignorava a influência do político em seus textos. Tipicamente, a divisão cronológica seria feita pelos imperadores que regiam determinado momento, não por bispos. A história eclesiástica reconhecia a política e

vice-versa (Momigliano, 2019, 200). A distinção mais marcante, especialmente no que diz respeito ao *Historia Ecclesiae* de Eusébio, é a diferença entre os historiadores panegíricos do Império (Matthews, 2010, 297), como no caso de Procópio na maior parte de seus escritos, exceto no aqui analisado. Esses dois personagens se entrelaçam no contexto tardo-antigo de produção historiográfica. Em linhas gerais, do terceiro ao sétimo século da era comum, a tradição greco-romana de História esteve presente, como marcado pela reprodução e leitura dos textos de Heródoto e Tucídides e Salústio e Tito Lívio. Como exemplificado pelo escrito de Jerônimo na *Epistulae* 58, um novo historiador deveria tentar emular Heródoto, Tucídides, Salústio e Tito Lívio, assim como um novo general deveria emular Marco Camilo e Cipião Africano (Croke, 2010, 567). As tradições de Heródoto e Tucídides seriam as mais destacadas e repetidas durante o período. Heródoto propunha uma História preocupada com a memória das ações humanas, uma forma de retirar dos humanos sua mortalidade e a função do historiador seria preservá-la, fazendo-o focar no que é dito e não na crítica daquela coisa (Momigliano, 2019, 60-62). Ao passo que Tucídides, buscando inclusive criticar o trabalho de Heródoto entendia o presente como a base para compreender o passado e as questões sobre o passado seriam feitas a partir do presente e trabalhando para o futuro, ainda que esse uso futuro fosse incerto, a compreensão do passado do historiador deveria ser apenas o que o documento permitisse (Momigliano, 2019, 68-69). O método tuciditeano se torna a referência estilística e acadêmica para a escrita da História durante a Antiguidade Tardia. Em Constantinopla, era constantemente referenciado e compartilhado pelos oficiais do governo e cortesãos envolvidos nas atividades intelectuais e a demanda por uma história escrita nos modelos de Tucídides era vista como necessária, porém a sua reprodução não ficou fossilizada. Os historiadores tardo-antigos parecem ter aceitado o desafio de serem criativos em uma tradição específica, sem necessariamente criar algo novo e original por si só (Croke, 2010, 568). Nesse ponto, cada um dos autores estudados tem uma especificidade dentro deste contexto maior.

Sobre Eusébio, existe uma diversidade de problemáticas possíveis a serem levantadas. Uma delas é o tratamento das fontes.⁶ Eusébio utilizou de fontes. Os métodos de Eusébio para filtragem e uso das fontes, no entanto, eram pautados em sua visão da ortodoxia,

⁶ Parte significativa delas, provindas de bibliotecas destruídas pouco depois de sua morte, como as livrarias da Palestina e de Cesareia, os arquivos de Jerusalém e de Edessa e a livraria de Tiro. Os textos de Eusébio são nossa única forma de acessar o que estava contido em alguns desses documentos.

seu critério de tradição apostólica e sua avaliação da idade das fontes, o que gerou com que se acredite que seria rara a utilização de uma fonte falsa ou manipulada, que não por ele mesmo, porém acabando por vezes utilizar as fontes de forma exagerada com intuito de satisfazer seus propósitos apologéticos, como, por exemplo, a unidade da igreja ou o bom uso pelas futuras gerações cristãs (Winkelman, 2003, 9). Em muitas medidas, esse espaço tornou as fundações da *Historia Ecclesiae* uma obra que manipula as informações para construção de uma identidade discursiva cristã sobre a unidade que o autor considera a ideal.

Procópio de Cesareia é um escritor panegírico do Imperador Justiniano. Levado ao serviço do Império Bizantino ainda por Belisário, General do governo de Justiniano a quem ele acompanhou durante as expedições militares na Pérsia, em África e na Itália, e faleceu pouco depois de Justiniano. Seus trabalhos foram, em sua maioria escritos nos últimos anos de sua vida e marcados pela sua decepção com o governo do imperador (Cataudella, 2003, 393). A função Panegírica não é homogênea no trabalho de Procópio. Sua relação com o Imperador variou durante as épocas de produção de suas três principais obras. Em *Bella* ou História das Guerras de Procópio ele se mostra crítico das ações de Justiniano por diversos momentos, sendo contra alguns dos conflitos. Sobre os da campanha em África, por exemplo, ele aponta um perigo e destaca-os como tendo sido impostos por Justiniano (Cataudella, 2003, 394). Ao passo que em *De aedificiis* ou Edifícios, Procópio se mostra um escritor panegírico, utilizando o texto para ressaltar a glória do Imperador, o que levanta uma série de hipóteses sobre a intenção e contexto do autor, desde um tom irônico ter sido utilizado durante o texto até alguma benesse pessoal ter sido direcionada a ele e a escrita exaltando Justiniano ter sido fruto desta ou até uma forma do autor se proteger das acusações de deslealdade ao imperador. A afirmação continua sendo que a posição crítica apresentada em *Bella* e a exaltação em *De aedificiis* demonstram contrastes na obra do autor (Cataudella, 2003, 295). Essa contradição ganha outra camada quando consideramos a produção de *Anedokta* que consiste em um ataque direto a Justiniano e sua consorte, Teodora e a Belisário e sua esposa, Antonina. A forma de crítica direta e específica. A relação entre os três textos do historiador revela um Procópio dominado pelas relações emocionais e sociais de sua volta e, tendo assim sido, deixando estas transbordar para sua obra.

1.3.2 A *Historia Ecclesiae*

A História Eclesiástica (*Historia Ecclesiae* ou Ἐκκλησιαστικὴ ἱστορία) é uma obra escrita pelo historiador da igreja Eusébio de Cesárea, também conhecido como Eusebius Pamphilus (265 - 339 E.C.). A obra é dividida em 10 livros, com a provável data de escrita entre os anos de 313/314 E.C., tendo sido finalizada antes do ano de 326 E.C. (Louth, 1990, 121). O primeiro livro é de natureza introdutória, ele preenche as informações com o pano de fundo para os livros seguintes da obra. Os livros 2 a 7 cobram a História da Igreja da crucificação de Jesus, por volta do ano 30 E.C. até a chamada Grande Perseguição no ano de 303 E.C. Os livros 8 e 9 irão descrever a chamada pelo autor de Grande Perseguição do édito de Diocleciano no ano 311 até a conversão de Constantino e o fim da perseguição em 312. O livro 10 é uma celebração da suposta paz e harmonia atingida pela igreja pelos éditos de tolerância expedidos pelo Império Romano (Louth, 1989, 11). A obra foi escrita em Grego Koiné e foi preservada através de diversos manuscritos, assim como traduzida para o latim por Rufino (c. 345-410 E.C.), que ao fazê-la adicionou mais dois livros, continuando a narrativa até a morte do imperador Teodósio (395 E.C.) e uma versão siríaca que também chegou até nós em integralidade (Louth, 1989, 10).

Eusébio reivindica uma posição de prestígio entre os historiadores eclesiásticos. Apesar de influenciado por nomes como Clemente de Alexandria, Hegésipo e Júlio Africano as obras deles se restringem a tratados teológicos e crônicas, a preocupação de Eusébio com o registro e de ser influenciado por historiadores do mundo exterior ao eclesiástico, o que não o exime de um caráter político de sua obra, a preocupação com os supostos perseguidores do cristianismo e com os ditos heréticos (Momigliano, 2019, 196). É justamente essa preocupação com a normatividade do cristianismo que desperta a questão queer da obra de Eusébio. Um caso emblemático é o de seu mestre Orígenes. Ele teria praticado a castração a si mesmo para melhor ensinar as virtudes de Deus, segundo conta o próprio Eusébio. O caso de Orígenes e não só fundamental para entender as origens sociais e intelectuais do cristianismo como sua castração é ponto de partida para debates instigantes sobre a negação sexual e o paradoxo da castração nos primeiros cristianismos, somado ao caso de Orígenes, no mesmo documento, Melitão é dito como sendo um eunuco, apesar disso a escolha dos tradutores é por destacar que isso apenas significa que ele praticava celibato (Stevenson,

2002, 123). Sendo as próprias traduções, pontos de investigação instigantes para compreender essas figuras.

1.3.3 A Anedocta

História Secreta (Ἀπόκρυφη Ἱστορία ou *Apókryphe Historía*, ou ainda *Anecdota*) foi um dos livros escritos pelo historiador nascido em Cesareia, na atual Palestina, que foi responsável por diversas obras panegíricas sobre o governo de Justiniano. Além do livro analisado, o autor escreve a História das Guerras e a História dos Edifícios, obras que, diferente da História Secreta, apresentam relatos positivos sobre a figura do Imperador Justiniano. História Secreta, entretanto, visa escrever uma sátira aberta tanto a Justiniano e Belisário quanto às suas respectivas consortes, por se tratar de uma obra que somente foi publicada no ano de 1623 E.C., quando encontrada na biblioteca do Vaticano a sua datação é inexata, o consenso historiográfico é que ela foi escrita por volta de 550 E.C. (Codoñer, 2000, 36).

A proposta de Procópio durante o livro é escrever aquilo que ele diz ter sido censurado de escrever durante suas obras anteriores, inclusive revelando a causa de alguns acontecimentos que ele não pode narrar durante *Bella*. A obra começa com uma introdução explicando seu propósito. A primeira parte narra a vida de Belisário e Antonina, incluindo os casos extraconjugais de ambos e suas repercussões, que servem como pano de fundo para as campanhas na Itália e na Pérsia, narradas por Procópio em *História das Guerras*. A segunda parte conta das batalhas no norte da África dos generais Sergio e Salomão, que ele não havia destacado em seus livros anteriores (Codoñer, 2000, 39). O caso de Salomão merece um destaque considerável, visto que o próprio general é um eunuco. Foi o primeiro de três generais eunucos a servir sob a bandeira de Justiniano. O destaque para que o processo de castração fora forçado a ele quando infante provoca questões instigantes (Stewart, 2017, 40). Depois dessas duas partes, Procópio passa a se preocupar com a vida de Justiniano e Teodora, incluindo sobre as origens campesinas de Justiniano e a vida sexual de Teodora, com foco para as tramas e negociações da corte. A quarta parte descreve a coordenação de governo de Justiniano e Teodora. Apesar de estar focado na figura do Imperador, ele destaca eventualmente a crueldade e autoritarismo de Teodora. (Codoñer, 2000, 41). Durante toda a obra, podemos perceber não só a presença dos eunucos como generais, como no caso de

Salomão, como a sua atuação dentro dos espaços de corte. A partir dessas relações que esta análise deve prosseguir.

1. 4 Panorama dos capítulos

Estabelecidas as bases com qual este trabalho pretende dialogar e o *Corpus Documental* analisado será dividido em 4 capítulos subsequentes. Durante a introdução, foram apresentadas as discussões historiográficas sobre o tema e aspectos teóricos que serão utilizados na análise dos documentos e escrita do trabalho. Bem como foram apresentados os documentos que serão analisados. O capítulo também observou como a literatura histórica e as traduções documentais lidaram com a compreensão e estigmas dado aos eunucos no mundo contemporâneo.

Durante o primeiro capítulo construirei uma narrativa contextual dos eunucos durante os períodos tardo-romano e tardo-antigos, refletindo sobre as posições deles nos espaços palacianos, eclesiásticos e legais. Também busco destacar as possíveis razões com as quais a castração teria ocorrido e os possíveis métodos utilizados, passando por manuais de medicina com técnicas mais sofisticadas e relatos de cronistas com descrições mais fantasiosas. Este capítulo pretende compreender como esses eunucos se posicionam frente à normatividade de gênero proposta no contexto de escritura dos documentos analisados antes de partirmos para a análise deles. Aqui também serão apresentados os documentos secundários que serviram de suporte para a análise proposta.

O segundo capítulo está dedicado à análise de *História Ecclesiae* de Eusébio de Cesareia. Com destaque para a formação da normatividade cristã no documento e para o caso dos eunucos presentes no texto. O terceiro capítulo se debruça nas análises de *Anedokta* de Procópio de Cesareia, para as relações de corte bizantinas com os eunucos e as descrições de Calígono e Salomão, dois eunucos descritos e nomeados e os outros eunucos não nomeados que aparecem durante a narrativa.

No quarto e último capítulo desta dissertação, será realizada uma retomada das questões vistas separadamente ao longo dos capítulos para coordená-las. Elencando como as obras de Eusébio e Procópio retratam eunucos enquanto sujeitos queer e, por fim, expor quais elementos discursivos os autores construíram ao redor dos eunucos ao fazer uma história da

corte e eclesiástica bizantina e utilizaram para atribuir a esses sujeitos a condição de queeriedade.

2. Contextualização

2.1 Os eunucos e a antiguidade-Tardia

A presença e importância dos eunucos do contexto da Antiguidade Tardia pode ser evidenciada por diversas fontes. A castração de escravizados era uma prática difundida, pois se acreditava que assim seriam mais fáceis de se controlar. Além disso, cativos eunucos possuíam maior valor financeiro no período tardo-romano. A castração também seria utilizada como forma de punição, especialmente se levarmos em conta o alto índice de mortalidade da operação, seja qual método esteja sendo utilizado (Bullough, 2002, 6). Nesta parte do trabalho, vou elencar causos de eunucos para determinar um panorama com quais os autores estariam dialogando no momento de produção do documento. Como escolha metodológica, visto que elencar uma história completa dos eunucos por todo o globo seria tarefa profundamente árdua e por diversos momentos não estabeleceria uma conexão direta com o exposto na documentação analisada, escolhi por me manter em três contextos, todos conectados pela espacialidade mediterrânica: menções linguísticas, médicas e religiosas a eunucos, que influenciam direta e indiretamente os outros dois; causos das cortes do império bizantino, e causos religiosos dos primeiros cristianismos.

2.1.1 Referências linguísticas, médicas e religiosas aos eunucos

Um dos indicativos da presença de eunucos nos espaços de circulação do período Tardo-Romano está nos termos em latim e Grego para referir-se a eles. Em grego: ευνούχος ('eunuco'), σπᾶδων (removido ou retirado), ἐκτομίας (cortado fora), ἀπόκοπος (Cortado de), Θλιβίας (pressionado), Θαλσίας (amassado). Além dessa diferença de descrição de substantivos, Guyot também aponta uma diferença de verbos utilizados para o ato de castrar encontrados em textos latinos como: *Abscidere*, *abscindere*, *excidere*, *percidere*, *praecidere*,

recidere, castrare, eunuchiare, eunuchare, eunuchizare, eviriare, excastrare, resecare, adimere, frangere. (Guyot, 1980, 23), enquanto os termos *castratus, eunuchus*, e *spado*, assim como as derivações desses, seriam utilizados como sinônimos no latim. Essa variedade de termos tanto em grego quanto em latim é um indicativo da própria variedade de sujeitos os quais a categoria de eunuco seria atribuída (Stevenson, 2002, 126) a origem dos eunucos enquanto sujeitos não pode ser dissociada da origem etimológica de sua nomenclatura enquanto de guardiões dos aposentos da aristocracia, em grego ὁ τὴν εὐνὴν ἔχων, derivando da palavra εὐνή, utilizada para se referir a cama (Ringrose, 2007, 16)

As especificidades em relação ao significado dessas palavras e uso em relação aos eunucos. Um exemplo é na tradução em inglês do livro *História Eclesiástica* tanto no inglês quanto na versão brasileira, o caso de Melitão, o Eunuco, é apontado em notas de rodapé como sinônimo de celibato. Apesar dessa afirmação não ser impossível, já que por vezes o termo ευνούχος possa significar celibato, existem termos mais precisos para se referir a uma pessoa que não seja casada e/ou esteja se abstendo do ato sexual, como o termo ἄγαμος em grego e *caelebs* em latim. Seria, portanto, impreciso afirmar que ao usar os termos relativos a eunucos esteja-se sempre falando de celibato, baseando-se apenas no uso do termo (Stevenson, 2002, 124). Essa variedade linguística é um indicativo da variedade com que esses sujeitos seriam tratados e da própria dificuldade da historiografia em lidar com as suas classificações.

Considerando a presença desses indivíduos, a sua chegada em roma considerar algumas possibilidades. A maioria desses sujeitos era vinda da venda de escravizados e, portanto, não eram romanos. Enquanto era imperador, Domiciano decretou que a prática da castração não poderia acontecer dentro do Império (Tougher, 2013, 49). Apesar disso, os manuais de medicina, como o Epítome de Medicina de Paulo de Egina descreviam os métodos utilizados para realização de castração.

O Objetivo de nossa arte sendo de restaurar as partes danificadas em um estado não natural ao seu estado de natureza a operação de

castração professa justo o oposto. Mas, já que por vezes somos obrigados contra a nossa vontade por pessoas de alto escalão a performar essa operação, irei descrever brevemente a forma de fazê-lo. (Paulo de Egina, *De Re Medica Libri Septem*, VI:68)

Nesse trecho, percebemos, pelos testemunhos de médicos romanos e bizantinos, mesmo com a proibição de sua realização e sendo mal vista, que a prática ainda era exigida por clientes. Segundo relata ainda Paulo de Egina, a castração era executada da seguinte forma:

Há duas formas de realizar esta operação: uma por compressão e outra por excisão. A por compressão é realizada da seguinte forma: crianças, ainda de tenra idade, são colocadas em um recipiente de água quente, e então quando as partes do corpo são amolecidas no banho, os testículos devem ser espremidos com os dedos até que desapareçam, e, sendo dissolvidos, não podem mais ser sentidos. O método de excisão é o seguinte: coloque a pessoa a ser feita eunuco sobre um banco, e o escroto com os testículos agarrados pelos dedos da mão esquerda, e esticado; duas incisões retas devem ser feitas com um bisturi, uma em cada testículo; e quando os testículos começam a ser dissecados ao redor e cortados, tendo apenas deixado o vínculo muito fino de conexão entre os vasos em seu estado natural. Este método seria preferível em relação ao de compressão, pois aqueles que os tiveram apertados às vezes apresentam desejos venéreos. (Paulo de Egina, *De Re Medica Libri Septem*, VI:68)

O conhecimento de um autor do século VI sobre os processos de castração indica não só a presença desses sujeitos, mas também a necessidade de ensinar a realizar o processo, havendo hierarquização dos possíveis objetivos da operação seria realizada. Ao descrever os métodos, Paulo de Egina preocupa-se em apontar quais os mais adequados e de maior sucesso.

Um exemplo da presença de eunucos nos períodos tardo-romanos é o caso dos *galli*. Estes eram sacerdotes da deusa Cibele, conhecida como *Magna Mater*, em latim, e Μεγάλη Μήτηρ, em grego, ambos traduzidos para A Grande Mãe. Seus sacerdotes, os *Galli*, recebiam seu nome em referência ao Rio Galo na região da Frígia, atual Turquia. Esses sacerdotes

participavam de um ritual no qual eles eram castrados, em associação ao mito de Átis (Silva, 2021, 3). A representação desse mito é variada e complexa, como a maioria dos mitos antigos. Usualmente é descrito como Átis sendo consorte de Cibele, apesar de por vezes ser mencionado como seu irmão, e rejeitando seu amor de alguma forma, que por vezes seria através de infidelidade, fazendo com que a deusa o castrasse em frustração (Kuefler, 2001, 248). Ainda há algumas fontes antigas, como o poema *Fastos* de Ovídio, onde a castração de Átis é uma autopunição por trair a deusa. Independente disso, a castração dos sacerdotes ocorre em memória dessa passagem e na aproximação da transformação em uma “falsa mulher” ou um “homem sem virilidade” (Silva, 2021, 4). A castração realizada pelos *Galli* era vista como um símbolo de sacrifício individual de sua própria fertilidade em detrimento da fertilidade da comunidade, visto a conexão do ritual com a agricultura e a fertilidade da terra fornecida pela deusa. Este processo também significaria uma renúncia da própria masculinidade e associada também à dedicação dos sacerdotes com uma figura feminina (Kuefler, 2001, 248). As reações provocadas por esse ritual seguem um modelo similar a de Luciano de Samósata em *De Dea Syria*:

Enquanto os Galli cantam e celebram em suas orgias, Muitos deles entram em um frenesi e muitos dos quais seriam apenas telespectadores, descobrem-se cometendo o grande ato. Vou narrar como é feito. Qualquer jovem homem que decidiu fazê-lo, tira suas roupas, e com um grande grito irrompe no meio da multidão, e pega uma espada de um número de espadas que eu suponho que foram mantidos prontos por muitos anos para este propósito. E se castra e então corre solto pela cidade, trazendo em suas mãos o que ele Cortou. Ele o lança em qualquer casa à vontade, e de lá retira qualquer roupa ou ornamento feminino que encontrar, (*De Dea Syria* Luciano de Samósata, 51)

As descrições exageradas e irrealistas, bem como possíveis variações regionais da forma como esse ritual ocorre, não são estranhas. Esse breve panorama permite-nos entender como os pensadores dos primeiros cristianismos receberam esse ritual e como ele influencia sua percepção da castração (Kuefler, 2001, 249). O exemplo dos *Galli* nos mostra a posição

que os eunucos ocupam em relação a normatividade romana. vistos como *Semivir* ou Meio-homem, o eunuco teria sido privado de seu principal símbolo de masculinidade, ou *Virilitas*, que significava a sua possibilidade de penetrar e eram forçados a assumir uma posição de passivo. O pênis e a masculinidade, para os romanos, se mostram como sinônimos, a ausência do pênis ou incapacidade de penetrar representa a perda do valor enquanto masculino (Willians, 184, 2010).

Não é incomum encontrarmos entre os autores dos primeiros cristianismos referências negativas a eunucos. A exemplo da descrição de Clemente de Alexandria em *Protreptikos pros Ellenas*:

Não vês Moisés, o verdadeiro profeta da verdade, ordenando que aqueles com as genitais mutiladas não poderiam entrar na assembleia? e também o filho de uma protistuta? Ele estaria mostrando alegoricamente através dos tipos de descrentes acima, em um falta potencial de procriação e outro força divina. (Clemente de Alexandria, *Protreptikos pros Ellenas* 2:16 Apud Stevenson, 2002, 131)

Essa aproximação entre eunucos e prostitutas permite duas reflexões acerca desses sujeitos. Primeiro, eles se aproximam como sujeitos marginalizados, segundo, a opinião de exclusão dos eunucos das comunidades cristãs utilizava da imagem deles, enquanto sujeitos depravados, para se justificar. Como reforçado pelos causos, Ambrósio, ao ser ameaçado por um eunuco que acompanhava o Imperador Valentiniano II, classifica a atitude dele como iguais às de qualquer eunuco, afirmando que “Então sofrerei como um bispo e você fará tal qual um eunuco” (Ambrósio Epist. 20.28 apud. Kuefler, 2001, 247) Esses casos são marcadores que nos fornecem valiosas pistas da posição da elite tardo-romano sobre os eunucos, especialmente quando considerarmos quais desses estereótipos serão herdados e transportados para as cortes e para o mundo eclesiástico.

2.1.2 Eunucos nas cortes bizantinas e conflitos políticos

Em grande medida, a origem dos eunucos não pode ser dissociada de sua origem etimológica de guardiões dos aposentos da aristocracia. Dada esta relação, os estudos sobre os eunucos tendem a dar ênfase, entre outras coisas, à sua relação com a corte e ao seu papel político. Esse papel para o contexto tardo romano foi possibilitado em grande medida através do cargo de *Praepositus sacri cubiculi* pelo qual eles poderiam ascender ao poder político (Tougher, 2002, 143). A posição dos eunucos era, para o mundo tardo-romano, a de estrangeiro. Essa ideia encontra vazão na legislação romana, já que Constantino I (306-37) determina que eunucos não poderiam ser criados dentro da fronteira do Império e Leão I (457-74) legisla que a única fonte de eunucos tolerada seria a importação de escravizados estrangeiros já castrados (Tougher, 2002, 145).

No ano de 395 E.C., um caso de eunucos subindo ao poder acaba por ganhar destaque e demonstrar tanto a ambiguidade de gênero quanto a posição de estrangeiro desses sujeitos pode ser contestada. No caso de Eutrópio (c.350-399 E.C.), *Praepositus sacri cubiculi* de Teodósio I e Arcádio, tendo ascendido ao cargo de cônsul no ano de 399 E.C., do qual foi destituído no mesmo ano devido à falha em sufocar a revolta de Trígibildo (Tougher, 2015, 149). A presença do eunuco em posição política tão elevada resultou na publicação de dois volumes escritos pelo poeta Claudiano (370 - 404) da obra *In Eutropium* ou *Contra Eutrópio*, na qual o autor escreve de forma oprobriosa sobre o eunuco. A motivação para se referir desta forma a uma pessoa castrada não é motivo de espanto as fontes bizantinas frequentemente os lembram como sujeitos fisicamente deformados e moralmente depravados (Sideris, 2002, 161) e autores externos ao Império Bizantino enxergavam a ambiguidade de gênero como um fator de incômodo, um marcador de outridade que deve ser lembrado tanto daquele sujeito quanto daquela sociedade (Stewart, 2017, 35). Um poeta que ocupava os espaços de corte da Roma ocidental escrevia dessa forma acerca de um eunuco em posição de cônsul do oriente, era previsível e, em alguma medida, pouco original. Em grande medida o destaque é para uma suposta devassidão moral e efeminada, em detrimento de um espaço romano:

Por que desfigurar a Itália beligerante com a mácula geral e
contaminar os seus povos austeros com a sua devassidão mortal?
Expulse essa poluição estrangeira(*peregrina piacula*) para fora das

fronteiras de nosso Lácio Viril; Não sofras com a vergonha de permitir essa coisa cruzar os Alpes; deixe-a permanecer fixa no país onde nasceu (Claudiano, *In Eutropium*, 1.425-430).

Essa mácula estrangeira, ou *Peregrina Piacula* é um termo que sintetiza as opiniões de Claudiano não só sobre Eutrópio, mas sobre a figura do Eunuco como um todo. O fato de um estrangeiro trazer consigo a capa de cônsul e, além de tudo, ser um sujeito que teria “abandonado os leques” (Claudiano, *In Eutropium*, 1.462), quando o autor faz alusão à prostituição de eunucos em oposição à virilidade de si próprio.

O contexto de Eunucos vistos como estrangeiros continua a aparecer durante os séculos vindouros no contexto bizantino, Estêvão, o Persa foi tesoureiro (*σακελλάριος* ou *sakellarios*) do império durante o governo de Justiniano II (685-95 E.C.), posteriormente durante o século IX, Damião, o Esloveno foi o *parakoimomenos* (*παρακοιμώμενος*) de Miguel III (842-67 E.C.), mas diferente de seu antecessor no Império Bizantino prática de criação de eunucos era realizada de maneira interna ao Império (Tougher, 2002, 149). A diferença de origem desses eunucos pode ser explicada pelos conflitos provocados pelo próprio Justiniano, com o fim da comercialização de escravizados eunucos vindo dos abasgos, haveria aumentado a necessidade da criação de eunucos internamente para a aristocracia bizantina (Tougher, 2002, 150). Nesse espaço, podemos perceber uma tendência presente nas fontes de retratar eunucos como seres moralmente ambíguos, parte das maquinacões da aristocracia. O seu estereótipo era de pessoas dotadas da falta de autocontrole e destinadas à servidão, amaldiçoadas e de ambição desenfreada, que os tornava dotados de traição, lascívia, gula, avareza, fraqueza física, covardia e efeminação (Parani, 2013, 433). e esse estereótipo será reforçado por Procópio durante sua *Anedocta*.

2.1.3 Eunucos nos primeiros cristianismos mediterrânicos

A presença de eunucos no corpo clerical era evidenciada pela sua própria proibição, o Concílio de Nicéia em 325 E.C. tê-la proibido leva a crer a presença considerável de membros do corpo clerical que se tornaram eunucos, seja por castração ritual ou por punição. Suposição corroborada por relatos de época (Hester, 2005, 33).

Se alguém ao adoecer passou por cirurgia nas mãos de médicos ou foi castrado por bárbaros, deixe-o permanecer entre o clero. Mas se alguém com boa saúde tiver se castrado, se for membro do clero, deve ser suspenso e, no futuro, tal homem não deveria ser readmitido. Mas, como é evidente que se refere àqueles que são responsáveis pela própria condição e pretendem castrar-se, e se alguém foi feito eunuco por bárbaros ou pelos seus mestres, mas forem considerados dignos, o cânone admite tais homens ao clero (Council of Nicea 325 E.C., canon 1).

A discussão que orbita esse cânone, contudo, não foi encerrada após o concílio, nem teve nele seu primeiro indício. A castração ritual e os eunucos eram figuras proeminentes entre os primeiros cristianismos. As interpretações de Mateus 19:12 trouxeram uma discussão ampla sobre a castração nos primeiros cristianismos. A declaração

Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite (Mateus 19:12, Novo testamento)

Trouxe a possibilidade de interpretação literal, fazendo com que a prática de castração tivesse sido utilizada como um sinal de devoção e até santidade (Hester, 2005, 13).

Nas diversas traduções de *História Eclesiástica* ao descrever Melitão, o Eunuco, é destacado em nota de rodapé que esse suposto eunuquismo é apenas uma forma que os autores dos primeiros cristianismos utilizavam para apontar o celibato ou uma forma de ascetismo. Essa tendência de ocultar o tema permanece tanto em produções para o público leigo quanto para o público especializado (Stevenson, 2002, 123). O uso do termo ευνούχος como sinônimo de praticante de celibato nos textos cristãos não é exclusivo de sujeitos castrados. A documentação indica uma variedade enorme de usos para a mesma. O próprio trecho da Bíblia usa o plural ευνούχοι para se referir a eunucos. Apesar de atualmente ser unanimidade que essa passagem não fosse entendida literalmente, a relutância do autor em usar a palavra ἄγαμος, como utilizada por Paulo, simbolizando a especificidade do escolher se

abster do casamento, ou ἀποπαρθένευσας para indicar uma ascese heroica, teriam levado o público da época a entender a mensagem de forma mais clara (Stevenson, 2002, 124). Quer tenha sido a intenção do autor do versículo ou apenas uma interpretação de seus leitores, a castração ritual é um fenômeno presenciado nos primeiros cristianismos.

Esse fenômeno é intimamente ligado à crença escatológica dos primeiros cristianismos. A ameaça iminente de um fim do mundo trazendo danação eterna aos não-eleitos estava presente na mente dos seguidores dos primeiros cristãos, portanto, o comportamento adequado para evitar tal destino deveria ser considerado. Nesse caso, a interpretação de “tornar-se eunuco pelo reino dos céus” ganha significativa força. Ao contrário dos ensinamentos judaicos, que se preocupavam com a procriação e repudiavam a castração de eunucos por esse fator, os cristãos argumentavam que o fim da humanidade está mais próximo. Logo, a procriação se torna um fator desimportante, enquanto o casamento teria sua utilidade apenas para amenizar o pecado (Collins, 2013, 78).

Essa orientação para a salvação que entrelaça a castração ritual com o ascetismo. Os chamados apologeticamente de “Padres do Deserto” eram comumente encontrados nas cidades e por muitas vezes associados à profunda abnegação do corpo. A castidade foi uma característica vital ao ascetismo. A adoção de uma vida ascética se tornou bastante popular entre os jovens, tanto homens quanto mulheres, ganhando um aspecto político nos primeiros cristianismos (Brown, 1990, 166). Profundamente influenciados por regras monásticas, que seriam reconhecidas e formalizadas posteriormente, esses ascetas viviam sobre regime de rígido controle corporal (Borgongino 2021, 304) e, apesar de usualmente o interesse maior do público ser dirigido a escolha pelo celibato a chamada mortificação do corpo também está associada ao controle da alimentação e vigílias também seria considerado e fazia parte do horizonte de tentações desses ascetas (Brown, 1990, 189).

Essa discussão está relacionada a uma questão levantada sobre as percepções desses corpos ascéticos nos séculos IV e V, onde os corpos mutilados pelas práticas ascéticas

poderiam ser vistos como a forma de se aproximar do corpo ideal. A modificação do corpo em nome de atingir a plenitude dele fazia parte do horizonte de ideais dos então chamados padres do deserto (Miller, 1994, 137-140).

Dentro dessa lógica, a mortificação do corpo realizada por esses sujeitos revela uma questão instigante sobre a posição que a castração ritual possui no mundo dos primeiros cristianismos. O corpo desfigurado seria visto como desejável pelo ascetismo como uma forma de manipular o corpo imperfeito, na tentativa de aproximá-lo o máximo do corpo ideal (Miller, 1994, 141). Causos de castração pareciam simultaneamente incentivados e repudiados, como é emblemático no caso de Orígenes de Alexandria, considerado uma figura significativa no entendimento das origens sociais e intelectuais da castração ritual cristã (Stevenson, 2002, 123).

O caso de Orígenes desperta bastante interesse quando analisado em seu contexto social. Tendo diversos discípulos, entre eles Eusébio de Cesareia, e tendo sido pupilo de Clemente de Alexandria, Orígenes habitava os espaços de convivência intelectual cristã. Supostamente havia cometido o ato de castração em vida com o intuito de evitar suspeitas caluniosas sobre si – um possível indício de que, na época, os cristãos se castrassem mesmo sendo desestimulados pelo discurso oficial (Stevenson, 2002, 123). Os detalhes sobre a construção da figura de Orígenes serão explorados em mais detalhes no terceiro capítulo desta dissertação. Neste momento, podemos perceber que, apesar de ele mesmo ter realizado a castração e ter sido penalizado por isso, as descrições do autor parecem ter sido feitas para desencorajar a prática. A princípio, o alexandrino divide os eunucos em categorias:

Por um lado, há aqueles que consideram o terceiro tipo de castração num sentido somático, de certa maneira isso vai de acordo com as operações das outras duas maneiras de castração, se consideradas no sentido que diz respeito ao corpo. essas pessoas se propõem a entregar-se e tornar-se eunucos da mesma maneira que os dois primeiros, por um lado por medo de Deus mas por uma falta de entendimento por outro. De fato eles se submeteram ao opróbrio e talvez à vergonha, não apenas nos olhos daqueles que são estranhos à Fé, mas àqueles que compartilham opiniões similares nas questões

humanas básicas sobre quem (por temor à Deus e um amor desmedido a moderação) produziria a dor e mutilação do corpo. (Orígenes de Alexandria, *Commentariorum in Matthaeum*, 1)

Avisando da presença dos eunucos ao nascer ou que foram feitos pela prática humana contra a vontade de quem tivesse feito ele cita que o erro daqueles que entendem os eunucos que merecem o reino dos céus como um sentido literal, e até aponta para o absurdo que seria a castração mesmo para aqueles que não fossem cristãos. Essa percepção sobre o eunuquismo não é exclusiva de Orígenes nem encontra nele seu primeiro defensor, seu mestre e conterrâneo, Clemente de Alexandria, também havia tocado no tema em diversos momentos, especialmente no tocante à censura de seus praticantes:

Alguns homens possuem uma aversão às mulheres ao nascer. Eles seguem a sua maquiagem física e fazem bem a não casar-se. Esses, como dizem os mestres, são eunucos ao nascer (*γενετῆς εὐνοῦχοι*). Aqueles que são eunucos por necessidade (*εὐνοῦχοι γεγόνασι κατὰ ἀνάγκην*) são aqueles ascéticos que gostam da iluminação e de exercitar o controle sobre si mesmo na esperança de serem dignos. Mas, aqueles que se fizeram eunucos por amor ao reino dos céus (*βασιλείας εὐνουχίσαντες*) estão fazendo essa escolha a partir de uma visão racional sobre os incidentes da vida em matrimônio; estão preparados para o tempo gasto na provisão dessas necessidades[...]” (Clemente de Alexandria, *Stromatae*, 3:1)⁷

Clemente levanta alguns elementos fundamentais para entender a relação dos pensadores dos primeiros cristianismos com os eunucos. Primeiro, há neles uma definição ontológica. Na definição de um Eunuco ao Nascer (*γενετῆς εὐνοῦχοι*), considera-se o entendimento do autor de que existe quem esteja condenado e determinado por sua condição de nascimento a ser eunuco. Essa condição é inferior aos eunucos feitos pelo reino dos seus (*βασιλείας εὐνουχίσαντες*), estes, sim, dignos. Essa perspectiva é confirmada por outra citação do próprio autor sobre a indignidade de eunucos:

Não vês Moisés, o verdadeiro profeta da verdade, ordenando que aqueles com as genitais mutiladas não poderiam entrar na assembleia?

⁷ Φυσικὴν τινες ἔχουσι πρὸς γυναῖκα ἀποστροφὴν ἐκ γενετῆς, οἵτινες τῇ φυσικῇ ταύτῃ συγκράσει χρώμενοι καλῶς ποιοῦσι μὴ γαμοῦντες. Οὗτοι, φασίν, «εἰσὶν οἱ ἐκ γενετῆς εὐνοῦχοι· οἱ δὲ ἐξ ἀνάγκης, ἐκεῖνοι οἱ θεατρικοὶ ἀσκηταί, οἵτινες διὰ τὴν ἀνθολκὴν τῆς εὐδοξίας κρατοῦσιν ἑαυτῶν, οἱ δὲ ἐκτετμημένοι κατὰ συμφορὰν εὐνοῦχοι γεγόνασι κατὰ ἀνάγκην. Οἱ τοίνυν κατὰ ἀνάγκην οὐ κατὰ λόγον εὐνοῦχοι γίνονται. Οἱ δὲ ἔνεκα τῆς αἰωνίου βασιλείας εὐνουχίσαντες ἑαυτοὺς διὰ τὰ ἐκ τοῦ γάμου», φασί, «συμβαίνοντα τὸν ἐπιλογισμὸν τοῦτον λαμβάνουσι, τὴν περὶ τὸν πορισμὸν τῶν ἐπιτηδείων ἀσχολίαν δεδιότες.

e também o filho de uma protistuta? Ele estaria mostrando alegoricamente através dos tipos de descrentes acima, em um falta potencial de procriação e outro força divina. (Clemente de Alexandria, *Protreptikos pros Ellenas* 2:16, Apud Stevenson, 2002, 131)

Os eunucos para Clemente se mostram como sujeitos cuja disciplina lhes falta, a exemplo do terceiro tipo citado que é aquele que utiliza o eunuquismo por ser o único meio necessário para cumprir o ascetismo, ou eunuco por necessidade (εὐνοῦχοι γεγónασι κατὰ ἀνάγκην), simbolizando tanto essa necessidade (ἀνάγκην) quanto o evento (γεγónασι), levando a compreensão que esses seriam os eunucos que haveriam se castrado, sendo este γεγónασι o momento da castração ritual. Para Clemente, estes também se mostram indignos.

Clemente não foi o único autor dos primeiros cristianismos a propor uma classificação para eunucos e preocupou-se com sua classificação. No mundo latino, Agostinho de Hipona também demonstrou a preocupação de classificar esses sujeitos. A forma como esta hierarquia é construída no texto de Agostinho se apresenta a partir da sua classificação do matrimônio e celibato. Esta hierarquia entre o que o autor chama de *Continenti* e *Coniugali*:

É bom casar-se porque é bom ter filhos e ser mãe de família (1Tm 5,14), mas é melhor não casar-se, porque seria melhor para a sociedade humana não ter necessidade desse trabalho. Pois já de tal forma está constituído o gênero humano, que, por meio dos que não se contêm, além dos casados, mas também por meio dos muitos luxuriosos que se unem ilicitamente e pela bondade do Criador que da sua maldade sabe tirar bens, não faltará prole e abundante sucessão, donde possam surgir boas e santas amizades. (Agostinho de Hipona, *Bono coniugali*, 9)⁸

O hiponense considera ambas as virtudes, matrimônio ou continência, um bem em si mesmos, haveria, entretanto, um bem maior que o outro. No caso do matrimônio, observar pela manutenção do dever conjugal, como o autor chama, não deve ser considerado pecado. Porém, a virtude da castidade ainda seria maior e mais digna que a outra (Veloso, 2018, 146).

⁸ *Ac per hoc bonum est nubere, quia bonum est filios procreare, matrem familias esse; sed melius est non nubere, quia melius est ad ipsam humanam societatem hoc opere non egere. Ita enim iam sese habet humanum genus, ut aliis qui se non continent non solum per nuptias occupatis sed multis etiam per illicitos concubitus luxuriantibus, bono creatore de malis eorum faciente quod bonum est, non desit numerositas prolis et abundantia successionis, unde sanctae amicitiae conquirantur.*

Nessa hierarquia, os eunucos acabam ocupando um lugar inusitado. As classificações desses eunucos se mostram em:

Quem seriam os eunucos, sobre os quais Deus fala por intermédio de seu profeta Isaías e aos quais ele promete dar, em sua casa e em seus muros, um lugar reservado e muito mais honrável “do que filhos e filhas” (Is 56,5), a não ser os que se tornaram a si mesmos eunucos por causa do reino dos céus? (*Propter Regnum Caelorum*)(Agostinho de Hipona, *Sancta virginitate*, 24)⁹

Apresentando os eunucos *Propter Regnum Caelorum*, se referindo a aqueles que fossem praticantes da continência e do ascetismo sem a castração ritual ser realizada.

Mas tais eunucos não devem pensar em obter um lugar melhor “do que filhos e filhas”, porque não foi por virtude da alma, mas por impotência da carne, que não se casaram. Sustente quem quiser que o profeta vaticinou esse oráculo unicamente em relação aos eunucos quanto à carne. Posso até conceder, porque esse erro viria em apoio da causa que defendemos. (Agostinho de Hipona, *Sancta Virginitate*, 24)¹⁰

Enquanto aponta para a presença dos eunucos *Carnis Factos* o autor aponta para que, os eunucos que tivessem passado pelo processo de castração, sendo eles sujeitos menos dignos da recompensa divina. Como reafirmado pelo autor em:

“Mas então haverá alguém tão insensato na sua oposição à verdade, para chegar a crer que os eunucos quanto à carne terão na casa de Deus um lugar melhor do que os fieis casados, pretendendo assim que aqueles que observam piedosamente a virtude da continência, que castigam seu corpo até pela renúncia ao casamento, fazendo-se eunucos não quanto ao corpo, mas na raiz mesma da concupiscência, que, apesar de criaturas mortais e ainda na terra, já levam a vida celeste dos anjos, esses não venham a possuir mérito superior ao das pessoas casadas?”(Agostinho de Hipona, *Sancta Virginitate*, 24)¹¹

⁹ De quibus autem spardonibus loquitur deus per Esaiam prophetam, quibus se dicit daturum in domo sua et in muro suo locum nominatum meliorem multo quam filiorum atque filiarum, nisi de his qui se ipsos castrant propter regnum caelorum?

¹⁰ Nam illis quibus ipsum uirile membrum debilitatur ut generare non possint sicut sunt eunuchi diuitum et regum, sufficit utique, cum Christiani fiunt et dei praecepta custodiunt, eo tamen proposito sunt ut coniuges si potuissent haberent, ceteris in domo dei coniugatis fidelibus adaequari, qui prolem licite pudiceque susceptam in dei timore nutriunt, docentes filios suos ut ponant in deo spem suam, non autem accipere meliorem locum quam est filiorum atque filiarum. Neque enim uxores animi uirtute sed carnis necessitate non ducunt.

¹¹ itane tanta dementia quisquam est contrarius ueritati ut in carne factos eunuchos meliorem quam coniugati locum in domo dei habere credat, et pio proposito continentes, corpus usque ad contemptas nuptias castigantes, se ipsos non in corpore sed in ipsa concupiscentiae radice castrantes, caelestem et angelicam uitam in terrena mortalitate meditantes, coniugatorum meritis pares esse contendat, et Christo laudanti eos qui se ipsos

Fica evidente, portanto que a hierarquia estabelecida por Agostinho leva em conta três tipos de sujeitos: Os *Continenti* ou *Propter Regnum Caelorum*, praticantes do celibato e castidade divina e merecedores da recompensa divina acima de todos; Os *Coniugali*, fieis casados que observam as virtudes do matrimônio estipuladas pelo autor, porém ainda merecedores de uma recompensa divina, e os Eunucos *Carnis Factos*, que poderiam receber essa recompensa caso observassem uma vida em castidade, mas jamais se tornariam dignos como os outros acima deles.

Podemos perceber que os primeiros cristianismos, juntamente com a construção da ortodoxia nicena, propunham, ao mesmo tempo, uma percepção mista sobre os eunucos, variando em classificação e no grau de aceitação que eles teriam, mas concordam em atribuí-los a uma posição específica. Em todos os casos aqui analisados, o eunuquismo é tratado como algo a ser evitado. Por vezes suavizado, como em Agostinho e no caso de Orígenes, por vezes completamente excluídos, como em Clemente.

2.2 Conclusão parcial: a condição do eunuco na Antiguidade Tardia

Os casos relatados durante este capítulo demonstram uma posição de queeriedade dos eunucos frente à normatividade tardo-antiga. Casos como os *Galli* e Eutrópio que, mesmo em um contexto não cristão, geram estranhamento ou casos como os de Orígenes que geram, ao mesmo tempo, admiração e consequências institucionais revelam um paradoxo em relação à castração no contexto da Tardo-antiguidade.

Com sua presença não podendo ser ignorada, os eunucos aparecem na documentação durante esse período como um incômodo constante para a normatividade da época. Por vezes, sua ambiguidade de gênero é levantada como algo a se espantar e ser admirado com certo pavor, como vimos na documentação de Luciano de Samósata. Outras vezes, o discurso institucional desencoraja sua existência, como vimos nos casos do concílio de Niceia e na

castrauerunt non propter hoc saeculum sed propter regnum caelorum Christianus contradicat, adfirmans hoc uitae praesenti esse utile, non futurae?

expulsão de Orígenes. Há ainda uma tentativa de dissociar a imagem da normatividade a esses eunucos, seja ela de forma pessoal, como em Claudiano e Liutprando de Cremona, ou seja, ela de forma normativa, como em Clemente de Alexandria e Agostinho de Hipona. Mesmo no espaço de medicina, a operação é desestimulada pelo discurso oficial. Nesse aspecto, esse trabalho defende que a posição ocupada pelos eunucos nos discursos de gênero da Tardo-antiguidade é discursivamente queer.

Entendemos aqui que os estudos da pré-modernidade abrem o caminho para não apenas para encontrar semelhanças com as identidades de gênero do presente, mas para descobrir novas que pertenciam ao contexto específico desse passado, que extrapolam o binário (Gutt & Spencer-hall, 2021, 27). Nesse sentido, os eunucos demonstram ocupar justamente esse lugar, marcadamente queer o que os condena à posição de um segredo velado desprivilegiado institucional e socialmente, como proposto por Sedgwick ao analisar as dinâmicas de condições de queeriedade no presente (Sedgwick, 1990, 5-7). Nesse sentido, o queer se torna bem-vindo nas análises que virão nas páginas seguintes deste trabalho.

3. Os Eunucos de Eusébio

Eusébio de Cesareia, autor renomado pela escrita da História Eclesiástica, remonta um lugar de prestígio em relação aos historiadores da Antiguidade. Apesar de não ser o primeiro a escrever uma história dos cristãos, ganhou renome por sistematizá-la e relacioná-la ao político. Nomeadamente, ao dividir o tempo de sua obra com imperadores e se preocupar em definir o que era um bom cristão (Momigliano, 2019, 196). Esse debate conferiu a ele o título apologético de pai da história eclesiástica.

O texto produzido por ele, História Eclesiástica, *Historia Ecclesiae* ou Ἐκκλησιαστικὴ ἱστορία, é o grande responsável por conferi-lo esse título. Dividido em 10 livros separados entre si, seguindo ordem cronológica da crucificação de Jesus até o que o autor define como as Grandes Perseguições, nos livros 7,8 e 9, e por fim um décimo livro onde o autor comemora uma suposta unidade da Igreja (Louth, 1989, 11).¹²

Um dos elementos marcadores do texto de Eusébio é pensar o passado da Igreja e como ela se constitui. A duração e permanência da ortodoxia são elementos chaves para a escrita de seu texto (Winkelman, 2003, 9). Um dos responsáveis pela construção de uma ortodoxia nicena, o autor se preocupa tanto com elencar possíveis perseguidores do cristianismo quanto com o que ele classifica enquanto heresia.

E também quantos, quais e quando, absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram publicamente a si mesmos introdutores de um mal-chamado saber e devastaram sem piedade, como lobos cruéis, o rebanho de Cristo (Eusebius, *História Ecclesiae*, 1.01:01)¹³

Esta heresia compreendida como o que vai de encontro com a norma da fé, uma escolha de preferência contrária à ortodoxia (Zerner, 2017, 566), Para Eusébio, preocupado ele mesmo com construir essa ortodoxia, a descrição dos heréticos é algo a se preocupar, bem como sua condenação:

¹² Os aspectos formais do texto foram descritos no tópico 1.2.1 do presente trabalho

¹³ καὶ ὅσοι καὶ ὀπηνίκα νεωτεροποιίας ἡμέρῳ πλάνης εἰς ἔσχατον ἐλάσαντες, ψευδωνύμου γνώσεως εἰσηγητὰς ἑαυτοὺς ἀνακεκηρύχασιν, ἀφειδῶς οἷα λύκοι βαρεῖς τὴν Χριστοῦ ποίμνην

Aos que levavam tal vida, Deus, que tudo controla, perseguiu com inundações e incêndios devastadores, como se fossem uma floresta selvagem espalhada pela terra, e os abateu com fomes contínuas, com pestes e guerras, e ainda fulminando-os do alto (Eusebius, *História Ecclesiae*, 1.02:20)¹⁴

A obra de Eusébio é permeada por essa reflexão sobre heresia e ortodoxia, o exemplo do bom e do mau cristão permanece durante toda a obra. Ora elevando aqueles que lhe interessam e ora diminuindo aqueles que não. O título atribuído de Pai da História Eclesiástica aqui funciona tanto na contribuição do mito fundador da história da Igreja quanto na atribuição do papel regulador e definidor do que seria de fato o correto dentro dela. Eusébio é, para todos os fins, um autor preocupado com a definição de uma normatividade nicena.

O queer cabe a análise da documentação justamente quando essa definição de uma normatividade é definida. Esse agrupamento externo de sujeitos compreendidos e a relação com a sexualidade é o que os torna queer. O autor não se preocupa em esconder esse debate. Ao atribuir um mito fundador de heresias às “libações” de Simão e sua esposa (*Eusebius, Historia Ecclesiae*, 02.13.06). Serão esses exemplos de queeriedade no documento que serão abordados ao longo do texto.

As transformações discursivas de fenômenos considerados heréticos em excluídos e marginalizados baseados em sexualidade aparece algumas vezes ao longo da documentação. Ao descrever os encratitas e severianos, o autor escolhe por utilizar as suas visões sobre sexualidade:

Os chamados encratitas, que procediam de Saturnino e de Márcion, proclamavam a abstenção do matrimônio, rechaçando assim a primitiva criação de Deus e condenado indiretamente aquele que fez o varão e a fêmea para procriar homens. E em sua ingratidão para com o Deus que tudo criou, introduziram também a abstenção do que eles

¹⁴ αὐτοπροαιρέτου κακίας ὑπερβολῇ διαφθείροντες, ἀνοσιουργίας δὲ πάσαις ὅλους σφᾶς ἐκδεδωκότες, ὥς τοτὲ μὲν ἀλληλοφθορεῖν, τοτὲ δὲ ἀλληλοκτονεῖν, ἄλλοτε δὲ ἀνθρωποβορεῖν, θεομαχίας τε καὶ τὰς παρὰ τοῖς πᾶσιν βοωμένας γιγαντομαχίας ἐπιτολμῶν, καὶ γῆν μὲν ἐπιτειχίζειν οὐρανῷ διανοεῖσθαι, μανίᾳ δὲ φρονήματος ἐκτόπου αὐτὸν τὸν ἐπὶ πᾶσιν πολεμεῖν παρασκευάζεσθαι· ἐφ’ οἷς τοῦτον ἑαυτοῖς εἰσάγουσι τὸν τρόπον

chamam "animado" e negam a salvação do primeiro homem.
(Eusebius, *História Ecclesiae*, 4.29.02)¹⁵

De acordo com Eusébio, esses grupos, ao negarem a salvação de Adão e abstenção do que eles chamavam de animado, que pode ou não ser um caso de eunuquismo, nos mostram que a questão de sexualidade e o controle de como ela deveria ser realizada não foge do horizonte argumentativo do Alexandrino. Em seu texto, ao estabelecer uma ortodoxia, ele também cria um espaço para aqueles excluídos dela e ao associar a sua exclusão à sua sexualidade, ele os dota de queeriedade.

É essa possibilidade de percepção *queer* dos textos dos primeiros séculos passa pelos eunucos nos primeiros cristianismos. Esses sujeitos são encontrados na documentação e a partir deles serão analisados três casos. Primeiro, o caso de um possível apagamento de um eunuco na historiografia, como é o de Melitão de Sardes. Segundo, será discutida a figura de Orígenes de Alexandria, que tem seu eunuquismo conhecido. Por fim, serão debatidos possíveis exemplos de queeriedade e eunuquismo que Eusébio teria optado por manter ocultos em seu texto.

A partir desses exemplos, será possível traçar um perfil relativamente preciso de quais estereótipos e discursos são construídos sobre eunucos a partir do texto de Eusébio e, a partir daí, correlacioná-los com o contexto apresentado, levantando a possibilidade de queeriedade desses sujeitos.

3.1 Meliton, o eunuco

O então Bispo de Sardes, Melitão, é uma figura bastante misteriosa. Sabemos através de Eusébio um pouco sobre sua presença e seus escritos, resgatando alguns fragmentos que chegam até a contemporaneidade.

¹⁵ ἀπὸ Σατορνίνου καὶ Μαρκίωνος οἱ καλούμενοι Εγκρατεῖς ἀγαμίαν ἐκήρυξαν, ἀθετοῦντες τὴν ἀρχαίαν πλάσιν τοῦ θεοῦ καὶ ἡρέμα κατηγοροῦντες τοῦ ἄρρεν καὶ θῆλυ εἰς γένεσιν ἀνθρώπων πεποιηκότος, καὶ τῶν λεγομένων παρ' αὐτοῖς ἐμψύχων ἀποχὴν εἰσηγήσαντο, ἀχαριστοῦντες τῷ πάντα πεποιηκότι θεῷ, ἀντιλέγουσί τε τῇ τοῦ πρωτοπλάστου σωτηρίᾳ

Deles chegaram até nós as seguintes obras. De Meliton, os dois livros Sobre a Páscoa e o livro Sobre a conduta e sobre os profetas; os tratados Sobre a Igreja e Sobre o domingo; ainda, Sobre a fé do homem, Sobre a criação e Sobre a obediência dos sentidos à fé; além destes, os tratados Sobre a alma e o corpo...(..), Sobre o batismo e sobre a verdade e sobre a fé e o nascimento de Cristo; um livro Sobre sua profecia; e Sobre a alma e o corpo, Sobre a hospitalidade, A chave e os escritos Sobre o diabo e o Apocalipse de João e o livro Sobre Deus encarnado; e além de todos estes, um livrinho A Antonino.(Eusebius, *História Ecclesiae*, 5.26:02)¹⁶

A maior parte dos textos citados por Eusébio não chegaram até nós. Uma parte das passagens de *Perí tou páscha* (Sobre a Páscoa) chega até nós por causa da transcrição de trechos por Eusébio no *Historia Ecclesiae* bem como seu cânone das escrituras, que teria sido o mais antigo já registrado.

O caso de Melitão se torna interessante no presente trabalho a medida que temos seguinte descrição dele:

E que falta faz falar de Sardes, bispo e mártir, que descansa em Laodicéia, assim como o bem-aventurado Papirio e de Meliton, o eunuco, que em tudo viveu no Espírito Santo e repousa em Sardes esperando a visita que vem dos céus no dia em que ressuscitará de entre os mortos? Todos estes celebraram como dia da Páscoa o da décima quarta lua, conforme o Evangelho, e não transgrediram, mas seguiam a regra da fé (Eusebius, *História Ecclesiae*, 5.29:05-6)¹⁷

Aqui, o autor utiliza o termo *eunouchon* para se referir a Melitão, que desperta uma questão interessante. Nas traduções em português e em inglês do livro, as notas de rodapé apontam que o termo estaria sendo usado como sinônimo de celibato.

Seria bastante tendencioso afirmar que, durante o período de escrita do texto, o único sentido que a palavra eunuco assume seja a de um indivíduo castrado. O uso de eunuco como

¹⁶Μελίτωνος, τα Περί τοῦ πάσχα δύο καὶ τὸ Περί πολιτείας καὶ προφητῶν καὶ ὁ Περί ἐκκλησίας καὶ ὁ Περί κυριακῆς λόγος, ἔτι δὲ ὁ Περί πίστεως ἀνθρώπου καὶ ὁ Περί πλάσεως, καὶ ὁ Περί ὑπακοῆς πίστεως [καὶ Περί] αἰσθητηρίων καὶ πρὸς τούτοις ὁ Περί ψυχῆς καὶ σώματος [ἡνενοισ] καὶ ὁ Περί λουτροῦ καὶ Περί ἀληθείας καὶ Περί πίστεως καὶ γενέσεως Χριστοῦ καὶ λόγος αὐτοῦ προφητείας καὶ Περί ψυχῆς καὶ σώματος καὶ ὁ Περί φιλοξενίας καὶ ἡ Κλείς καὶ τὰ Περί τοῦ διαβόλου καὶ τῆς Ἀποκαλύψεως Ἰωάννου καὶ ὁ Περί ἐνσωμάτου θεοῦ, ἐπὶ πᾶσι καὶ τὸ Πρὸς Ἀντωνίνον βιβλίδιον.

¹⁷ τί δὲ δεῖ λέγειν Σάγαριν ἐπίσκοπον καὶ μάρτυρα, ὃς ἐν Λαοδικείᾳ κεκοίμηται, ἔτι δὲ καὶ Παπίριον τὸν μακάριον καὶ Μελίωνα τὸν εὐνοῦχον, τὸν ἐν ἀγίῳ πνεύματι πάντα πολιτευσάμενον, ὃς κεῖται ἐν Σάρδεσιν περιμένων τὴν ἀπὸ τῶν οὐρανῶν ἐπισκοπὴν ἐν ᾗ ἐκ νεκρῶν ἀναστήσεται

sinônimo de celibato era defendido por diversos intérpretes e exegetas dos primeiros séculos. O próprio Orígenes, tendo sido um deles.¹⁸ Alguns outros fatores se somam quando afirmamos o eunuquismo de Melitão baseado unicamente no termo como escrito no texto.

A primeira dessas problemáticas é que os termos para eunucos, tanto em grego quanto em latim, eram bastante variados. Os termos ευνούχος, σπάδων, έκτομίας, ἀπόκοπος, Θλιβίας, Θαλσίας em grego todos podem ser usados para se referir a eunuco, assim como os diversos termos em latim: *Abscidere, abscindere, excidere, percidere, praecidere, recidere, castrare, eunuchiare, eunuchare, eunuchizare, eviriare, excastrare, resecare, adimere, frangere* todos relacionados ao ato de castrar (Guyot, 1980. 23). Essa variedade de termos nos indica que o próprio grupo de sujeitos conhecidos como eunucos eram tão diversos que nomear com um só termo não era o suficiente (Stenvenson, 2002, 124).

Seria, portanto, um salto gigantesco afirmar que Melitão seria eunuco apenas com base no uso do termo ευνούχον. Tampouco seria correto afirmar que ele não o é. Tanto o latim quanto o grego possuem termos mais precisos para um praticante de celibato. Termos como ἀνάγκη, utilizado por Eusébio e em passagens bíblicas, teriam um sentido mais presente para indicar algum praticante de celibato. Por exemplo, ἀποπαρθένευας assumiria o sentido de ascese heroica, normalmente atribuído a Melitão, com bastante precisão (Stevenson, 2002, 125).

Esses termos não escapam ao universo de interpretações de Eusébio. Ele utiliza o termo ευνούχον somente duas vezes durante todo o texto de *Historia Ecclesiae* um para se referir a Melitão, no trecho citado acima, e outro para se referir à passagem de Mateus 19:12, quando narra os acontecimentos na vida de Orígenes, que sabemos ser de fato eunuco. Enquanto isso, uma série de outros termos foram utilizados para se referir a ascetismo ou celibato ao longo do texto.

O termo θηλείας é utilizado para se referir à virgindade e ἄφθορον para se referir a um sujeito masculino quando descreve a castidade das filhas de Nicolau (Eusebius, *História*

¹⁸ Conforme citado nos tópicos 2.1.3 e 3.2 do presente trabalho

Ecclesiae, 3.29:3) ou para se referir à castidade feminina dos ascetas do Egito, onde o alexandrino escreve:

Diz efetivamente que, com os homens de que fala convivem também mulheres, a maioria das quais chegam virgens à velhice depois de guardar a castidade, não por necessidade como algumas sacerdotisas dos gregos, mas sim por convicção voluntária, devido ao seu zelo e sede de sabedoria, com a qual se esforçam em viver, sem importar-se em nada com os prazeres do corpo e desejosas de ter não filhos mortais, mas imortais, os quais somente a alma amante de Deus pode gerar de si mesma. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 02.17.19)¹⁹

Onde o termo ἀνάγκη vai aparecer para se referir a sua castidade. E ao se referir a uma masculina, o termo utilizado é o ἑσωφρονίσθη (Eusebius, *História Ecclesiae*, 4.17:03). Além das formas alegóricas com as quais ele usa para se referir a castidade, como ao utilizar o termo θεραπευτὰς, que significa ‘terapeuta’ ou ‘aquele que trata’ como nome utilizado pelos seguidores de Philon (Eusebius, *História Ecclesiae*, 02.17.03). Todos esses termos demonstram que não havia ausência no vocabulário de Eusébio para se referir a castidade, nem de forma direta, nem de forma alegórica.

Também importante destacar que não é desconhecido para Eusébio a possibilidade de interpretação equivocada do evangelho de Mateus, como indicado na passagem:

Posto que ao escrever seus evangelhos Mateus e Lucas nos transmitiram genealogias diferentes acerca de Cristo, que para muitos parecem ser discrepantes, e como cada crente, por ignorância da verdade, se esforça por inventar sobre estas passagens, vamos adicionar as considerações sobre este tema que chegaram a nós e que Africanus, mencionado a pouco, recorda em carta a Aristides, acerca da concordância das genealogias nos evangelhos. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 1.07:01)²⁰

¹⁹ φησὶν γὰρ τοῖς περὶ ὧν ὁ λόγος καὶ γυναῖκας συνεῖναι, ὧν αἱ πλεῖσται γηραλέαι παρθέναι τυγχάνουσιν, τὴν ἀγνείαν οὐκ ἀνάγκη, καθάπερ ἔναι τῶν παρ' Ἑλλήσιν ἱερείων, φυλάσσειν μᾶλλον ἢ καθ' ἐκούσιον γνώμην, διὰ ζῆλον καὶ πόθον σοφίας, ἣ συμβιοῦν σπουδάσαι τῶν περὶ τὸ σῶμα ἡδονῶν ἡλόγησαν, οὐ θνητῶν ἐκγόνων, ἀλλ' ἀθανάτων ὀρεχθεῖσαι, ἃ μόνη τίττειν ἀφ' ἑαυτῆς οἷα τέ ἐστιν ἡ θεοφιλὴς ψυχὴ

²⁰ Ἐπειδὴ δὲ τὴν περὶ τοῦ Χριστοῦ γενεαλογίαν διαφόρως ἡμῖν ὁ τε Ματθαῖος καὶ ὁ Λουκᾶς εὐαγγελιζόμενοι παραδεδώκασι διαφωνεῖν τε νομί ζονται τοῖς πολλοῖς τῶν τε πιστῶν ἕκαστος ἀγνοίᾳ τάληθοῦς εὐρησιλογεῖν εἰς

Todas essas evidências nos apontam que o termo εὐνοῦχος não teria sido utilizado de forma imprecisa por Eusébio. Portanto, quais seriam as possíveis razões para o eunuquismo de Melitão de Sardes ser desconsiderado de forma tão imediata pelas traduções modernas?

A Enciclopédia Católica de 1905 aponta que Rufino de Aquileia, ao traduzir o texto de *História Ecclesiae* para latim, foi o primeiro a propor que o termo eunuco significasse virgem. A informação que Rufino possuía sobre Melitão, tendo nascido apenas 160 após o seu falecimento, não era muito diferente da nossa. Em grande medida intermediada por Eusébio. A partir dele, as diversas traduções contemporâneas repetem essa afirmação sem muita reflexão (Stevenson, 2002, 123), com exceção da reunião dos próprios trabalhos de Melitão realizadas por Othmar Perler em 1966, onde o autor suíço assume que não acredita no eunuquismo de Melitão (Perler, 1996, 6).

A queeriedade de Melitão se encontra justo no apagamento da sequer possibilidade de seu eunuquismo. Ao refletir sobre a tradução e suas conexões com a Teoria Queer partimos do pressuposto de que o fenômeno queer vai ser ignorado, marginalizado e apagado pelos regimes epistêmicos vigentes (Baer; Kaindl, 2017, 3). Revisitar textos como as traduções de Eusébio de Cesareia e/ou dos escritos de Melitão de Sardes e encontrar a afirmação de uma não queeriedade de forma incisiva baseada em pouca ou nenhuma evidência é uma demonstração desse fato.

Esse tipo de lógica evoca um modelo de escrita que transforma as identidades queer em impossibilidades no passado. O faz a partir da transformação do normativo de nossa época no normativo em todas e, ao ignorar as especificidades da época. Seja de forma consciente ou não, a tendência de assumir sempre o normativo é uma forma com a qual o passado é apagado e mal-interpretado. É tanto uma forma de reprimir o presente quanto de colonizar o passado (Schultz, 2006, 20).

τοὺς τόπους πεφλοτιμήται, φέρε, καὶ τὴν περὶ τούτων κατελθοῦσαν εἰς ἡμᾶς ἱστορίαν παραθώμεθα, ἣν δι' ἐπιστολῆς Ἀριστείδη γράφων περὶ συμφωνίας τῆς ἐν τοῖς εὐαγγελίοις

O assumir o normativo, nessa perspectiva, não é questionado. O apagamento da possibilidade de Melitão de Sardes ser um eunuco e a afirmação repetida desse fato, mesmo com evidências apontando o contrário, demonstra justamente como queerizar as traduções, produção e reproduções de textos históricos permite-nos trazer novas possibilidades. Essas mesmas antes inexploradas não por virtude metodológica, mas ideológica e política.

3.2 Orígenes de Alexandria

Orígenes é fundamental para a compreensão tanto da realidade social quanto intelectual dos primeiros cristianismos. Membro da Escola de Alexandria, é um dos nomes mais proeminentes a refletir sobre a exegese alegórica, já abordada anteriormente por Clemente, e parte dos princípios estoicos de análise para compreensão alegórica das escrituras (Gilbert, 1995, p. 85-93). Além de figura de renome para a teologia, possui uma alegoria bastante interessante, Orígenes teria sido castrado. O que também o torna figura fundamental para refletir sobre a posição dos eunucos durante os primeiros cristianismos (Stevenson, 2002, 123).

O ponto instigante que esse caso pode nos trazer é sobre como o discurso de exegese alegórica, estimulada na cidade de Alexandria durante os séculos III e IV E.C., condenava a interpretação literal do de Mateus 19:12 *pari passu* a prática da castração ocorre entre os fieis (Stevenson, 2002, 123).

A importância de e interesse por Orígenes não foi ignorada por Eusébio. O cesariense apresenta uma profunda admiração pelo intelectual da Escola de Alexandria. Ele próprio participa da obra *Apologia a Orígenes*, cuja única parte escrita que chega até nós é o prefácio escrito por Rufino de Antioquia.²¹

²¹ A versão da Obra não se encontra disponível em meio digital nem em meio acessível ao pesquisador no momento.

Além da participação de Eusébio nessa obra, a figura de Orígenes, incluindo a sua castração e as consequências desse fato, são discutidas na *História Ecclesiae* durante o livro VI. O autor discute desde a infância do cesarense até os momentos seguintes ao seu exílio. Por todo o texto, o tom assumido na narrativa é apologético.

A primeira menção à castração é a seguinte:

Neste tempo, estando ocupado no trabalho da catequese em Alexandria, Orígenes leva a cabo uma façanha que, se demonstra um ânimo imaturo e juvenil, oferece ao mesmo tempo uma prova plena de fé e de continência. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 6.07:01)²²

Aqui percebemos uma dualidade. Ao mesmo tempo que a castração citada como de “ânimo imaturo e juvenil” é destacada como equivocada a justificativa apresentada por Eusébio de prova de fé e continência. É nessa dualidade que o ato de Orígenes vai ser debatido e confrontado. Sabemos inclusive que, ele é aceito em um primeiro momento:

Mas não lhe era possível, mesmo querendo-o, ocultar semelhante façanha, e assim mais tarde soube-o Demétrio, como presidente daquela igreja. Muito se admirou por aquela façanha, e aceitando o zelo e a sinceridade de sua fé, exortava-o a ter ânimo e o estimulava a empenhar-se agora com mais força na obra da catequese. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 6.07:03)²³

Demétrio, então patriarca de Alexandria, é apontado por Eusébio como tendo admirado Orígenes e sua continência. Esse quadro mudaria futuramente por inveja, pelo menos, assim é relatado pelo cesarense em seu texto.

A castração de Orígenes é lida como uma leitura equivocada que ele teria feito enquanto infante. De fato, essa narrativa faz sentido se considerarmos o processo de castração e o índice de sobrevivência dele. Há, no texto, entretanto alguns elementos que chamam a atenção para esse fato:

Efetivamente, tomando muito ao pé da letra com ânimo bastante juvenil a frase: Há eunucos que se castraram a si mesmos pelo reino dos céus e pensando, por um lado, cumprir assim a palavra do

²² Ἐν τούτῳ δὲ τῆς κατηχίσεως ἐπὶ τῆς Ἀλεξανδρείας τοῦργον ἐπιτελοῦντι τῷ Ὀριγένει πρῶτά τι πέπρακται φρενὸς μὲν ἀτελοῦς καὶ νεανικῆς, πίστεώς γε μὴν ὁμοῦ καὶ σωφροσύνης μέγιστον δεῖγμα περιέχον. τὸ γάρ·

²³ οὐκ ἦν δὲ ἄρα δυνατὸν αὐτῷ καίπερ βουλομένῳ τοσοῦτον ἔργον ἐπικρύψασθαι. γνοὺς δὴτα ὕστερον ὁ Δημήτριος, ὅτε τῆς αὐτόθι παροικίας προεστώς, εὖ μάλα μὲν αὐτὸν ἀποθαυμάζει τοῦ τολμήματος, τὴν δὲ γε προθυμίαν καὶ τὸ γνήσιον αὐτοῦ τῆς πίστεως ἀποδεξάμενος, θαρρεῖν παρακελεύεται, καὶ νῦν μᾶλλον ἔχεσθαι αὐτὸν τοῦ τῆς κατηχίσεως ἔργου παρορμᾶ.

Salvador, e por outro, com o fim de evitar entre os infieis toda suspeita e calúnia vergonhosa, já que sendo tão jovem, tratava das coisas de Deus não apenas com homens, mas também com mulheres, decidiu-se a concretizar a palavra do Salvador, cuidando para que passasse despercebido para a maioria de seus discípulos. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 6.07:02)²⁴

Percebemos portanto dois motivos apontados para a realização da castração de Orígenes. Um erro de interpretação das escrituras, que teria sido feito de aparente boa fé. O próprio irá admitir esse problema interpretativo em sua leitura, conforme o trecho já citado durante o tópico 2.1.3 do presente trabalho:

Por um lado, há aqueles que consideram o terceiro tipo de castração num sentido somático, de certa maneira isso vai de acordo com as operações das outras duas maneiras de castração, se consideradas no sentido que diz respeito ao corpo. essas pessoas se propõem a entregar-se e tornar-se eunucos da mesma maneira que os dois primeiros, por um lado por medo de Deus mas por uma falta de entendimento por outro. De fato eles se submeteram ao opróbrio e talvez à vergonha, não apenas nos olhos daqueles que são estranhos à Fé, mas àqueles que compartilham opiniões similares nas questões humanas básicas sobre quem (por temor à Deus e um amor desmedido a moderação) produziria a dor e mutilação do corpo. (Orígenes de Alexandria, *Commentariorum in Matthaeum*, 1)

Orígenes, em seu comentário, não apresenta o debate em contexto muito diferente do já apresentado por outros autores do período. Clemente de Alexandria também se preocupa em estabelecer o lugar dos eunucos enquanto indignos em exortação aos gregos (*Protreptikos pros Ellenas* 2:16 Apud Stevenson, 2002, 131) e em hierarquizá-los de forma similar à feita por Orígenes (*Stromatae*, 3:1).²⁵ O que é instigante dessa hierarquia e posição dada por Orígenes não é a diferença que ela possui das demais intelectuais dos primeiros cristianismos, mas sua semelhança, especialmente quando levantado a causa de sua castração em conjunto.

²⁴ εἰσὶν εὐνοῦχοι οἵτινες εὐνούχισαν ἑαυτοὺς διὰ τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν ἀπλούστερον καὶ νεανικώτερον ἐκλαβόν, ὁμοῦ μὲν σωτήριον φωνὴν ἀποπληροῦν οἰόμενος, ὁμοῦ δὲ καὶ διὰ τὸ νέον τὴν ἡλικίαν ὄντα μὴ ἀνδράσι μόνον, καὶ γυναιξὶ δὲ τὰ θεῖα προσομιλεῖν, ὥς ἂν πᾶσαν τὴν παρὰ τοῖς ἀπίστοις αἰσχρᾶς διαβολῆς ὑπόνοιαν ἀποκλείσειεν, τὴν σωτήριον φωνὴν ἔργοις ἐπιτελέσαι ὠρμήθη, τοὺς πολλοὺς τῶν ἀμφ’ αὐτὸν γνωρίμων διαλαθεῖν φροντίσας.

²⁵ Ambos os trechos estão citados no tópico 2.1.3 do presente trabalho

Eusébio nos leva a crer que a castração de Orígenes era uma característica impossível de ser escondida e contra a vontade dele (*História Ecclesiae*, 6.07:03).

Não se sabe se Eusébio está apontando alguma característica física atribuída a Orígenes pelo eunuquismo ou se era um fato sabido, os efeitos dessa afirmação são os que se destacam ao refletirmos sobre o caso. Especialmente a posição paradoxal acerca da recepção dele.

A castração de Orígenes aparece em Eusébio como a única falha no comportamento supostamente ideal do alexandrino (Stevenson, 2002, 130). Quer Eusébio estivesse fazendo isso por admiração genuína ou por servir a seu projeto de ortodoxia.

O fato dessa castração indicar uma possibilidade do convívio de Orígenes entre homens e mulheres sem levantar “suspeita e caluniosa vergonhosa”²⁶ nos elementos sobre os eunucos que parecem estar de antemão dados. A prática de castração era conhecida e aceita entre os cristãos, pelo menos o suficiente para ter um eunuco enquanto professor de catequese. Esse eunuco cristão seria observado enquanto incapaz de praticar atos sexuais, embora saibamos a partir dos mais diversos relatos de pessoas passando noites e se envolvendo com eunucos que essa afirmação não seria bem verdade. Enquanto o ato de esconder essa castração mostra que a universalidade dessas duas afirmações acima não era absoluta. A experiência de Orígenes na antiguidade tardia era paradoxal. Possuidor de um segredo aberto, do qual ele era capaz de esconder, mas, ao mesmo tempo, tornava-o um sujeito a parte do comportamento sexual estipulado.

A queeriedade de Orígenes está justamente nessa condição. O segredo aberto que é o seu eunuquismo evoca as relações propostas por Eve Kosofsky Sedgwick. Isso é, esse segredo aberto que está constantemente ameaçando o sujeito da exclusão e dos papéis de violência do estado caso seja revelado (Kosofsky, 1990, 71).

²⁶ Não chegou até nós nenhuma dessas afirmações sobre Orígenes, se teria ele ou não se envolvido sexualmente durante os anos de catequese com alguém ou se essas calúnias fazem referência ao seu exílio.

É esse segredo exposto, no caso de Orígenes, nos espaços confessionais ao invés de pela porta de um armário, que nos revela sua queeriedade, e este fato não escapava a Eusébio. A castração de Orígenes aparece em seu texto como um problema. Tanto no modelo comportamental do próprio Orígenes como nas consequências que ele sofreria.

Logo após ser ordenado presbítero, Orígenes teria sua castração revelada e sofreria as consequências desse fato.

Tal era então a atitude de Demétrio. Mas não muito tempo depois, vendo o êxito de Orígenes, sua grandeza, seu brilho e sua fama universal, foi vítima de paixão humana e tratou de descrever aos bispos de todo o mundo aquela façanha como sendo totalmente absurda, quando os bispos mais experientes e mais ilustres da Palestina, a saber, os de Cesaréia e Jerusalém, considerando Orígenes digno de privilégio e da mais alta honra, impuseram-lhe as mãos para ordená-lo presbítero. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 6.07:04)²⁷

Aparentemente a castração de Orígenes não teria passado despercebida por quem via de fora e pouco depois de ordenado presbítero Demétrio utilizaria essa nomeação em seu favor:

Assim pois, no mesmo momento em que Orígenes havia alcançado uma grande glória e havia conquistado em todas as partes e entre todos os homens considerável renome e fama de virtude e sabedoria, Demétrio, não tendo nenhum outro motivo de acusação, armou um escândalo tremendo por aquela ação que Orígenes havia cometido sendo um menino e se atreveu a envolver em suas acusações os que o haviam promovido aos presbiterato. (Eusebius, *História Ecclesiae*, 6.07:05)²⁸

É nesse momento, utilizando-se da condição de eunuco de Orígenes tanto para condená-lo quanto para considerar aqueles que eram aliados dele dignos de acusação. É a

²⁷ οὐκ ἦν δὲ ἄρα δυνατόν αὐτῷ καίπερ βουλομένῳ τοσοῦτον ἔργον ἐπικρύψασθαι. γνοὺς δὴτα ὕστερον ὁ Δημήτριος, ἅτε τῆς αὐτόθι παροικίας προεστώς, εὖ μάλα μὲν αὐτὸν ἀποθανυμάζει τοῦ τολμήματος, τὴν δὲ γε προθυμίαν καὶ τὸ γνήσιον αὐτοῦ τῆς πίστεως ἀποδεξάμενος, θαρρεῖν παρακελεύεται, καὶ νῦν μᾶλλον ἔχεσθαι αὐτὸν τοῦ τῆς κατηχήσεως ἔργου παρορμᾷ.

²⁸ ἐπίσκοποι πρεσβείων τὸν Ὀριγένην καὶ τῆς ἀνωτάτω τιμῆς ἄξιον εἶναι δοκιμάσαντες, χεῖρας εἰς πρεσβυτέριον αὐτῷ τεθείκασιν. τηνικαῦτα δ' οὖν εἰς μέγα δόξης προελθόντος ὀνομά τε παρὰ τοῖς πανταχῇ πᾶσιν ἀνθρώποις καὶ κλέος ἀρετῆς καὶ σοφίας οὐ σμικρὸν κτησαμένου, μηδεμιᾶς ἄλλης εὐπορῶν ὁ Δημήτριος κατηγορίας, τῆς πάλαι ἐν παιδὶ γεγονυίας αὐτῷ πράξεως δεινὴν ποιεῖται διαβολήν, συμπεριλαβεῖν τολμήσας ταῖς κατηγορίαις τοὺς ἐπὶ τὸ πρεσβυτέριον αὐτὸν προάξαντας.

partir desse fato, no ano de 231 E.C., que Orígenes vai ter seu exílio na cidade de Cesareia e faleceu na cidade de Tiro no ano de 253 E.C.

Na breve descrição de Orígenes, nos ofertada por Eusébio, alguns elementos dos Estereótipos dos eunucos nos são evidenciados. A posição paradoxal dos cristianismos dos primeiros séculos, isso é, o desestímulo à prática enquanto ela acontece, demonstra que esse paradoxo é, na verdade, um mecanismo de exclusão de sujeitos. O eunuco é relatado como bom eunuco é aquele que se oculta e mesmo esse está sujeito à condenação. A posição paradoxal referente ao eunuquismo aqui aparece como uma resposta a um sujeito para o qual a normatividade do contexto considerava indigno.

O discurso normativo estabelecido para com esses sujeitos coloca sobre eles um estigma de exclusão, Essencializados discursivamente e condenados através de um discurso com aparência de substância esses sujeitos, representados nesse caso através da figura de Orígenes, podem ter um vislumbre de como seria sua aceitação e nós ao refletirmos sobre esses sujeitos compreendermos como as dinâmicas regulatória dos corpos funcionam nos mundos dos primeiros cristianismos.

3.3 Conclusão parcial: heréticos, apagados e exilados

Ao analisar o texto de Eusébio, podemos perceber que existe uma preocupação vigente na construção de uma ortodoxia. Descrever e estabelecer quais são os heréticos e determinar o que eles falavam. Escolher o que deve ou não deve ser mantido, exaltar alguns sujeitos e diminuir outros. Todos esses elementos são parte da escrita da história de Eusébio de Cesareia e não foram postos em seu texto ao acaso.

Essa discussão não escapa à historiografia tradicional. Compreender Eusébio de Cesareia como um sujeito que escreve seu texto a partir de um contexto político e social. Cercado por sua rede de contatos e pela tradição literária da época (Almeida, 2015, 10). O que

é apagado são justamente os sujeitos que foram marginalizados ao fazê-lo. Ao construir uma ortodoxia, o não-ortodoxo, herético, profano, depravado é excluído. Nesse processo de exclusão que esses sujeitos acabam sendo dotados de Queeriedade.

A reunião de diversos sujeitos sob uma identidade que parte não da autoidentificação deles, mas da exclusão sistemática de um determinado tipo de sujeito. Neste capítulo, foram elencados casos onde essa exclusão foi tanto realizada pelo autor quanto descrita por ele. Em seus mais diversos mecanismos.

Tanto ao descrever os Heréticos, o autor estabelece uma percepção de qual quadro regulatório de comportamentos de gênero deveriam ser seguidos por esses sujeitos quanto os exclui por não os seguir. Efetivamente, transformando-os no *Queer*, no sentido que a palavra assumia antes de sequer ser cogitada como corrente teórica. O estranho, o esquisito e o excluído pelo seu comportamento e sexualidade. Esse, porém, não é o único mecanismo de queeriedade que o autor utiliza.

Ao descrever tanto Melitão quanto Orígenes, o autor assume uma postura inicialmente elogiosa, mas acabamos por perceber dois outros mecanismos onde a queeriedade é exposta. Uma pela recepção do texto e outra pelo texto do próprio autor. A exclusão epistêmica e a exclusão sistemática.

Melitão, apenas a partir de um epíteto, tem a possibilidade de uma identidade queer negada. A simples possibilidade de queeriedade é rapidamente excluída. Esse feito não é questionado, pelo contrário, demonstra um esforço ao longo do tempo de reafirmá-lo ao longo das gerações.

Orígenes é visto por Eusébio como figura importante e uma referência intelectual para o escritor palestino. Por isso, tivemos a possibilidade de enxergar como o autor enxerga os eunucos e os mecanismos de exclusão aos quais ele foi exposto ao longo de sua trajetória. Desde a percepção negativa de sua castração até o exílio como consequência da mesma.

São esses elementos que elencam como as descrições desses eunucos no passado e pelo passado os penetram de queeriedade. Eusébio nos mostra como o mundo eclesiástico dos primeiros séculos refletia e via a presença desses sujeitos e a sua recepção nos mostra como, ao longo dos anos, essa percepção negativa foi continuada e não revista. Por fim, trarei alguns exemplos de eunucos da corte, não nomeados ou citados apenas uma vez.

4. Os eunucos de Procópio

Procópio de Cesareia foi um historiador bizantino durante o governo de Justiniano I, no século VI E.C. Ele serviu a Belisário, Chefe Militar do Imperador e ao próprio Imperador. Sendo uma das principais fontes escritas sobre o seu reinado. Nasceu na cidade de Cesareia, atual Palestina, e teria recebido uma educação tradicional tanto nos clássicos gregos quanto em retórica. No ano de 527 E.C., ele começa a acompanhar Belisário em suas campanhas militares das províncias na fronteira Ocidental do Império. Acompanha o general também na supressão da Revolta de Nika, na capital do Império e nas expedições no norte da África, onde permanece com Salomão, o sucessor de Belisário. Durante esta época, Procópio relata os acontecimentos vivenciados por ele.

A escrita da História secular no mundo bizantino encontra em Procópio de Cesareia uma figura de destaque. O seu nome vem à mente sempre que o tópico de historiografia bizantina é mencionado. Essa posição de destaque não vem em vão. A escrita de Procópio é marcada pela maneira de escrever a história de sua época. Sendo ela majoritariamente uma história contemporânea ao autor, consiste num testemunho de vários fatos narrados (Cataudella, 2002, 391).

Procópio foi responsável pela composição de três documentos: *Bella* (c.545-553), *De aedificiis* (c. 557) e *Anedocta* (c. 549-560). Em cada, vemos uma posição distinta do autor sobre alguns temas, inclusive em relação a Justiniano. As narrativas de Procópio são marcadas por suas paixões, emoções, interesses e inserção sociopolítica. O escritor era membro da elite política e assistente legal de Belisário²⁹ durante as campanhas da Pérsia, Norte da África e da Península Itálica. Algumas das vantagens almejadas e situações vivenciadas pelo historiador eram momentâneas, e essas mudanças se manifestaram em sua produção.

Em *Bella*, vemos várias discordâncias partindo de Procópio para com as políticas externas de Justiniano e suas decisões estratégicas, como a de ceder territórios nas frentes da

²⁹ Belisário foi o principal General que serviu a Justiniano I. Procópio descreve bastante seus feitos tanto em *Bella* quanto em *Anedocta*.

Pérsia e da Danúbia – especialmente após o enfraquecimento da relação do imperador com o general Belisário. As críticas não chegam a se tornar um desdém para com o imperador, como vemos acontecer em *Anedocta*, mas também não são completamente elogiosos (Cataudella, 2002, 394).

Já em *De aedificiis*, a postura do autor professa justo o oposto, pois o documento assume um caráter panegírico. Justiniano se torna o salvador do estado bizantino, tendo defendido a religião, fundado e reestruturado cidades, renovado leis e melhorado as condições de vida de seus súditos (Cataudella, 2002, 393). Essa mudança de comportamento de Procópio pode indicar desde um possível tom irônico até a tentativa de se proteger das acusações que poderiam ter vindo após as críticas presentes em *Bella*.

É, no entanto, em *Anedocta* que a querela dos contrastes ganha um novo escopo na obra do escritor palestino. O objeto ele descreve da seguinte forma:

Quem, na posteridade, conheceria a vida despudorada de Semiramis, ou as loucuras de Sardanapalus e Nero, caso nenhum memorial deles fosse deixado para nós escritores contemporâneos? A descrição de tais coisas também não será inteiramente sem valor para aqueles que daqui em diante serão assim tratados pelos tiranos; pois pessoas infelizes que não se consolaram com o pensamento de que eles seriam os únicos a sofrer. Por essas razões eu irei primeiro descrever o mal lavrado por Belisário e depois descrever os maus atos de Justiniano e Teodora. (*Prokopius, Anedoc.* 1.9-1.10) ³⁰

A publicação da obra, no entanto, não viu o tempo de Procópio, pelo menos até onde nos consta. O primeiro contato do público com a obra foi quando ela foi encontrada no ano de 1531 E.C., um milênio após o falecimento do autor. Seu ano de produção é uma questão que podemos resolver apenas por suposição. Sabemos que a sua escrita ocorre 32 anos após o início do reinado. Não sabemos se esse reinado se refere a quando Justiniano assume o poder, em 527 E.C. ou quando Justino era Imperador, mas Justiniano governava, no ano de 518 E.C.,

³⁰ τίς γάρ ἂν τὸν Σεμιράμιδος ἀκόλαστον βίον ἢ τὴν Σαρδαναπάλου καὶ Νέρωνος μανίαν τῶν ἐπιγενομένων ἀνθρώπων ἔγνω, εἰ μὴ τοῖς τότε γεγραφόσι τὰ μνημεῖα ταῦτα ἐλέλειπτο; ἄλλως τε καὶ τοῖς τὰ ὅμοια πεισομένοις, ἂν οὕτω τύχοι, πρὸς τῶν τυράννων οὐκ ἀκερδῆς αὕτη παντάπασιν [1.10] ἡ ἀκοή ἔσται. παραμυθεῖσθαι γὰρ οἱ δυστυχοῦντες εἰώθασιν τῷ μὴ μόνοις σφίσι τὰ δεινὰ ζυμπεσεῖν. διὰ τοι ταῦτα πρῶτα μὲν ὅσα Βελισαρίῳ μοχθηρὰ εἴργασται ἐρῶν ἔρχομαι· ὕστερον δὲ καὶ ὅσα Ἰουστινιανῷ καὶ Θεοδώρα μοχθηρὰ εἴργασται ἐγὼ δηλώσω.

nos deixando com a escrita de *Anedcota* entre 549 e 560 E.C. (Cataudella, 2002, 400). Uma suposição relativamente precisa quando consideramos a natureza e a trajetória da obra.

Esse propósito acaba sendo fortuito para o propósito deste trabalho. As descrições negativas e voltadas para a sexualidade e em críticas à virilidade, fornecendo por vezes detalhes gráficos da vida sexual de Teodora, então imperadora (Betancourt, 2021, 60). O autor recorre, tanto à imagem dela quanto dos outros personagens, se baseando em seu comportamento sexual não-normativo. Antonina, esposa de Belisário, é uma mulher descrita como obscena e maliciosa (*Prokopius, Anedoc.* 1.11), enquanto seu marido é descrito enquanto não confiável (*Prokopius, Anedoc.* 3.30).

São essas preocupações que despertam o interesse de utilizar o Queer para estudar este documento. O texto de Procópio fornece uma pista valiosa sobre como falas derogatórias sobre as práticas sexuais foram utilizadas como ferramenta política, especialmente contra sujeitos marginalizados. Tanto por Procópio como por aqueles que ele descreve (Betancourt, 2021, 61). É nesse aspecto que os Eunucos e os estereótipos desenvolvidos sobre eles nos interessam.

As histórias das cortes bizantinas são recheadas de referências aos eunucos. A bem da verdade, eles operavam em diversos níveis administrativos no palácio. Podiam ocupar o cargo de *praepositos*, responsável por questões financeiras, administrativas e cerimoniais do palácio. Essas figuras eram consideradas de grande importância e usualmente carregavam símbolos de poder, entregues diretamente das mãos do Imperador. Também havia aqueles que acompanhavam o imperador ou a imperatriz e cuidavam de servir bebidas, que organizavam os banquetes, que vestiam as roupas do imperador e sua consorte e até que os vigiavam em seus quartos. Como não pertenciam nem ao universo masculino e nem ao feminino, tornavam-se os servos ideais para acompanhar as intimidades imperiais (Ringrose, 2007, 168).

Isso não impedia que os eunucos fossem vistos de forma negativa pelos diversos escritores bizantinos. Esses eram especialmente rígidos ao tratar dos eunucos imperiais e considerá-los física e moralmente depravados (Sideris, 2002, 161). O texto de Procópio não se diferencia no tocante a isso. O tom derogatório presente nas descrições dos outros personagens na narrativa do historiador se soma ao estereótipo já negativo dos eunucos na época. Esse aspecto será o foco de minha análise no presente capítulo.

Analisei, portanto, dois casos com atenção especial. Primeiro, a Trajetória de Calígono. O Eunuco a serviço da esposa de Belisário, Antonina, citado no texto a partir das querelas políticas e conjugais do casal. Salomão, o eunuco que chega a se tornar general, está exposto aos feitos de seus sobrinhos que o substituíram. Por fim, irei analisar os eunucos do palácio, não nomeados ou brevemente mencionados, observando como eram descritos por Procópio.

4.1 Calígono, o eunuco de Antonina

Como levantado, os eunucos estavam por todos os lugares nas redes palacianas bizantinas. Essas figuras, no entanto, aparecem quase como amorfas, de comportamento homogêneo. Nesta seção será discutida a figura do Calígono. Ao focar em um único personagem somos levados a uma janela que tanto nos permite compreender as nuances da autoridade, lealdade e discriminação social nas cortes bizantinas como permite dar forma a figura do eunuco a partir de um indivíduo, considerando a sua participação nos escritos de Procópio de Cesareia.

Calígono, Καλλίγονον ou Kallígonon é descrito na documentação como o προαγωγὸν de Antonina, termo que poderia ser traduzido como “promotor”, termo que o autor o utiliza de forma irônica, com intuito derogatório. Tanto ele quanto a esposa de

Belisário são descritos de forma negativa durante a obra, sendo alvo das críticas e posições de Procópio.

A sua trajetória é imbricada nas questões envolvendo Belisário, Antonina, Fócio e Teodósio. O personagem é introduzido no terceiro capítulo de *Anedocta*, dedicado aos bastidores da campanha liderada por Belisário em 540 E.C. contra os persas, então sob o comando de Coeres I. Na ocasião, Antonina, diferente do costume, teria sido deixada em Constantinopla. Teodósio, Fócio e Calígono aparecem nesse caso por razões distintas.

Segundo Procópio, Teodósio nasceu na trácia e foi adotado por Belisário, seguindo os ritos cristãos após seu batismo. Além de não se opor à adoção, ao longo do tempo Antonina desenvolveu um amor além do maternal. Chegou mesmo a se relacionar sexualmente com Teodósio e, quando passou a não se importar mais em esconder, até o fazia em presença dos servos, não se importava em esconder (*Prokopius, Anedoc.* 1.15-18).

Já Fócio, filho de Antonina, é descrito enquanto nutria um ciúme e predisposição a desgostar de Teodósio e de tudo aquilo que roubasse atenção de si mesmo. Procópio descreve que, além da disputa pela atenção, ele tinha inveja da fortuna feita por seu irmão adotivo. A culpa é transferida para Antonina que supostamente negligenciou o seu filho de sangue em detrimento do amante e enteado (*Prokopius, Anedoc.* 1.31).

Belisário teria testemunhado o caso uma vez: quando estavam em Cartago, ele encontra sua esposa e o amante em uma câmara subterrânea, que Teodósio ludibriou o general bizantino para acreditar que era um esconderijo para a parte deles do saque dos olhos do imperador (*Prokopius, Anedoc.* 1.19). Uma escravizada teria relatado o caso para Belisário, o que provocou a fuga de Teodósio para Éfeso, onde este entra em um mosteiro (*Prokopius, Anedoc.* 1.38). Porém, essa seria apenas uma forma de enganar Belisário, possibilitando com que Antonina e Teodósio voltassem a se relacionar em segredo. A partir daí, Calígono aparece na narrativa.

Enquanto isso, Fócio tinha chegado furioso em Éfeso, tendo levado consigo em correntes Calígono, o eunuco e bajulador (*προαγωγόν*) de

Antonina, a quem ele havia torturado constantemente durante a jornada, forçando-o a contar todos os segredos da dama. Teodósio, porém, foi avisado a tempo e tomou abrigo no templo de São João, o apóstolo, que é reverenciado no lugar mais sagrado da cidade: mas André, o bispo de Éfeso, foi subornado para entregá-lo nas mãos de seu perseguidor. (Prokopius, *Anedoc.* 3:2-3-4)³¹

Alguns pontos se destacam nesse trecho dignos de atenção. Primeiro, Calígono e Antonina são apresentados como próximos, sendo ele um dos possíveis servos que conheciam a natureza da relação entre Antonina e Teodósio citada em *Anedoc.* 1.15. Além disso, Calígono é apresentado como *προαγωγόν*, ou *proagogón*, que se traduziria literalmente para promotor. O termo é utilizado em tom irônico, insinuando que o eunuco faria o trabalho de ser bajulador oficial de Antonina. Diferente dos outros eunucos, descritos a partir de outros cargos, a função de Calígono seria a de acobertar e diminuir os erros da esposa do general. Outro aspecto digno de nota é que a própria captura e tortura do eunuco não é descrita nem destacada. Enquanto isso, Fócio aparece enquanto sujeito agente de Belisário, tomando partido dele e agindo por si. Não nos é oferecido.

Não sabemos com certeza qual seria a função real de Calígono. Era certo que ocupava cargo de confiança da nobre e do general, afinal, estava imerso o suficiente no cotidiano do casal para ter conhecimento sobre os problemas conjugais deles. Isso leva a crer que Calígono teria um cargo similar aos *praepositoi* e aos *parakoimēnos* (Ringrose, 2007, 196).

Durante essa mesma época, Antonina apela à Imperatriz Teodora, pois ficou bastante incomodada com a ida de seu amante até Éfeso e com a captura de seu eunuco (*Prokopius, Anedoc.* 1.38). Atendendo a seu pedido, a imperatriz realiza diversas ações em nome de sua amiga: prende e retira seus títulos um dos senadores que acompanhava Belisário, causando a morte deste na prisão; força Belisário a se reconciliar com Antonina; captura Fócio e tenta

³¹ Φώτιος δὲ κατὰ τάχος ἐς τὴν Ἐφεσον στέλλεται, τῶν τινα εὐνούχων, Καλλίγονον ὄνομα, προαγωγὸν τῆς κεκτημένης ὄντα δεσμεύσας τε καὶ ξὺν αὐτῷ ἔχων, ὅσπερ αὐτῷ αἰκίζόμενος ἐν τῇ ὁδῷ ταύτῃ ἅπαντα ἐξήνεγκε τὰ ἀπόρρητα. καὶ Θεοδόσιος μὲν προμαθὼν ἐς τὸ ἱερὸν Ἰωάννου καταφεύγει τοῦ ἀποστόλου, ὅπερ ἐνταῦθα ἀγιώτατόν ἐστι καὶ ἐπιεικῶς ἐντιμὸν Ἀνδρέας δὲ ὁ τῆς Ἐφέσου ἀρχιερεὺς χρήμασιν οἱ ἀναπεισθεῖς τὸν ἄνθρωπον ἐνεχείρισεν.

fazê-lo revelar onde Teodósio e Calígono eram mantidos cativos, porém não obteve sucesso, pois, conforme a descrição de Procópio, era um homem honrado e fiel a seus votos; mesmo sem a colaboração de Fócio, descobre o paradeiro de ambos de forma não esclarecida na documentação (*Prokopius, Anedoc.* 3.9 - 3.18).

Fócio e Calígono aparecem no texto como um dualismo. Ambos são os principais assistentes dos protagonistas na obra, mas as características atribuídas a cada um são distintas. A forma como o autor escolhe retratá-los nos indica alguns elementos de percepção sobre eles. A preferência de Procópio por Fócio se torna exposta à medida que ambos são tornados cativos e torturados em determinado momento da narrativa. Em *Anedoc.* 3:2-3-4, o autor se refere ao cativo de ambos:

Fócio, por suas ordens [de Teodora], foi torturado como um escravo e espancado com paus nas costas e ombros, e foi ordenado a revelar o paradeiro de Teodósio e do Eunuco Bajulador. Mas, mesmo sendo cruelmente torturado ele mantém o voto que tomou de forma inviolada: e mesmo sendo naturalmente fraco e delicado, e sendo sempre forçado a cuidar bem de sua saúde e nunca experienciou nenhum mal-tratamento ou desconforto de qualquer forma, ainda assim, nunca revelou os segredos de Belisário. (*Prokopius, Anedoc.* 3.12-3.13)³²

A comparação entre os relatos de tortura que os dois sofrem demonstra uma clara preferência de Procópio. Enquanto desaprova o acontecido com Fócio e utiliza o episódio para diminuir o caráter tanto de Antonina como de Teodora, o eunuco é tratado com desdém. A sua tortura é, em algum grau, até um ponto positivo na visão de Procópio. Até a própria resistência à tortura é utilizada discursivamente pelo autor para valorizar a figura de Fócio em detrimento de Calígono.

³²Φώτιον δὲ αἰκισμοῖς τε ἄλλοις ἀνδραποδώδεσι περιβαλοῦσα καὶ ξάνασα κατὰ τε τοῦ νότου καὶ τῶν ὤμων πολλὰς, ἐκλέγειν ἐκέλευεν ὅποι ποτὲ γῆς Θεοδόσιός τε καὶ ὁ προαγωγὸς εἴη. ὁ δὲ καίπερ ὑπὸ τῆς βασάνου κατατεινόμενος τὰ ὁμωμοσμένα ἐμπεδοῦν ἔγνω, ἀνὴρ νοσώδης μὲν καὶ ἀνειμένος γεγωνὸς πρότερον, ἐς δὲ τὴν ἀμφὶ τὸ σῶμα θεραπείαν ἐσπουδακῶς, ὕβρεώς τε γενόμενος ἢ ταλαιπωρίας τινὸς ἄπειρος. οὐδὲν γοῦν αὐτὸς τῶν Βελισαρίου κεκρυμμένων ἐξεῖπεν.

Enquanto um deles resiste à tortura e mantém seus votos, o outro apenas revela os segredos de sua senhora. Enquanto a tortura sofrida por um é parte de um “banho de sangue contra inocentes” (*Prokopius, Anecl. 3.6*) O outro é apenas mencionado ter acontecido. Uma confirmação de uma visão de Procópio onde a remoção dos testículos também significaria a remoção das qualidades masculinas (Ringrose, 2007, 132) Como evidenciado pelas vezes onde ele se encanta com os generais eunucos Salomão e Narses, declarando-os exceções a seus companheiros (*Bella*, 6.1:13.11).

A imagem de Calígono e a imagem de Antonina se imbricam no texto. Os personagens se tornam alvos de uma tática dirigida não apenas diretamente contra o indivíduo, mas também à sua credibilidade pública e às suas conexões. O texto do Procópio é um indicativo de como isso era feito com relação às práticas sexuais de mulheres, nomeadamente o principal alvo dele seria Antonina e Teodora (Betancourt, 2021, 60). A identidade de gênero de Calígono é utilizada para reforçar a descredibilização das duas personagens.

Ao concluir a participação de Fócio na narrativa, Procópio narra sua fuga do cativeiro, relacionando-a com a interferência divina, o que o põe como digno de fé:

Vivendo nestas condições por três anos, o profeta Zacarias aparece para ele [Fócio] em sonho, comandando que escape e prometendo dá-lo assistência. Com confiança em sua visão ele se levanta e vai a Jerusalém disfarçado. Apesar de muitos terem visto o jovem, nenhum o reconheceria ele. Ali ele raspa seus cabelos e assume o hábito monástico, escapando assim das torturas que Teodora teria imposto a ele. (*Prokopius, Anecl. 3.27-3.30*)³³

A partir desta citação no capítulo 3, Calígono deixa de ser citado até o capítulo cinco. Nele, Procópio reafirma sua posição de bajulador de Antonina e coloca sua presença como punição para a fraqueza de Belisário (*Prokopius, Anecl. 5.23-5.27*). O eunuco é visto no

³³ τριῶν μὲν οὖν αὐτῷ ἐνιαυτῶν χρόνος ἐν ταύτῃ τῇ διαίτῃ ἐτρίβη, ὕστερον δὲ ὁ προφήτης αὐτῷ Ζαχαρίας ἐπιστὰς ὄναρ ὄρκους, φασὶν, ἐκέλευσε φεύγειν, συλλήψεσθαι οἱ ἐν τῷ ἔργῳ τῷδε ὁμολογήσας. ταύτη τε τῇ ὄψει ἀναπεισθεὶς ἀνέστη τε ἐνθὲνδε καὶ διαλαθὼν εἰς τὰ Ἱεροσόλυμα ἦλθε, μυρίων μὲν αὐτὸν διερευνωμένων ἀνθρώπων, οὐδενὸς δὲ τὸν νεανίαν, καίπερ ἐντυχόντα, ὁρῶντος. οὗ δὲ ἀποθριζόμενός τε καὶ τῶν μοναχῶν καλουμένων τὸ σχῆμα περιβαλλόμενος τὴν ἐκ Θεοδώρας κόλασιν διαφυγεῖν ἔσχε.

texto de Procópio como um sujeito sem moral e desonrado, somente assim poderia se associar a Antonina, que era tão igualmente vil. A tortura sofrida por ele é considerada algo positivo. Uma identidade a parte proposta discursivamente que assume uma aparência de ontologia, necessariamente vista como vil e imoral, especialmente por se enquadrar enquanto não masculina. Para Procópio, apenas o homem, definido pela presença do falo, é visto como viril, e mesmo o mais fraco deles, como no caso de Fócio, já é mais digno que um eunuco.

4.2 Salomão, o general eunuco

Outro eunuco presente no texto é Salomão (Σολόμων ou *Solómon*). O personagem foi por duas vezes prefeito pretoriano no Norte da África: entre 534 e 536 e 544. Foi o primeiro de uma sequência de generais eunucos que serviram a Justiniano. A primeira menção a ele é a serviço de Belisário nas campanhas da Pérsia entre 505 e 506 E.C. (Stewart, 2017, 40). Salomão é descrito por Procópio em *Bella* da seguinte forma: “Este Salomão era um eunuco, mas não foi pela intenção de nenhum homem que seus órgãos genitais foram cortados: algum acidente impôs isso a ele ainda criança” (*Bella*, 4.8.23).

A percepção de Procópio sobre Salomão é surpreendentemente positiva. O historiador relata seus feitos com admiração, exaltando-o como excelente combatente e um político hábil. O general foi criticado apenas por promover seus parentes a cargos de poder (Ringrose, 2007, 133). Salomão é percebido como alguém leal, inteligente, contido, inovador e corajoso, sendo considerado o personagem mais admirado na descrição das Guerras Vândalas³⁴ presente em *Bella*. Neste mesmo texto, o eunuquismo do general só é citado em sua introdução (Stewart, 2017, 41).

Em *Anedocta*, a crítica a Salomão por parte de Procópio é um pouco mais destacada. Ela acompanha a trajetória de Sérgio, sobrinho de Salomão, que, de acordo com Procópio,

³⁴ Conflito travado no norte da África entre as forças de Justiniano e o Reino Vândalo de Cartago entre 533 e 534 E.C.

teria sido o responsável pela derrota no Norte da África. Sérgio teria armado uma armadilha para o exército de Levathae³⁵, atitude que Procópio considera cruel e desonrosa (*Prokopius, Anedoc.* 5.28 - 5.29). Esse caso leva o historiador a descrever Sérgio, em sua única aparição no texto, como:

Mole e pouco guerreiro, muito jovem em idade e mente, excessivamente ciumento e insolente com todos os homens, de hábitos luxuriosos e inflado de orgulho. Contudo depois de aceitar ser o marido da sobrinha de Antonina, esposa de Belisário, a imperatriz não o deixaria ser punido de nenhuma maneira ou retirado de seu posto, embora ela visse claramente que a situação na Líbia ameaçava a sua ruína total; e ela até induziu o imperador a perdoar Salomão³⁶, irmão de Sérgio, pelo assassinato de Pégasio. Como isso aconteceu, explicarei agora. (*Prokopius, Anedoc.* 5:32.-5:33)³⁷

Seja intencionalmente ou não, ao utilizar os adjetivos *μαλθακὸς* e *μὲν ἀπόλεμος*, no texto traduzido como “mole” e “pouco guerreiro”, o autor acaba invertendo uma ordem narrativa comum no contexto da época. Esses adjetivos seriam normalmente utilizados para se referir a eunucos e denotam a ausência de uma masculinidade conscientemente ou não. Procópio inverteu o antigo topos do eunuco sem qualidades masculinas, minando as conquistas de um romano viril (Stewart, 2017, 43).

Em *The Perfect Servant: Eunuchs and the Social Construction of Gender in Byzantium*, Kathryn Ringrose defende que a descrição do eunuquismo de Salomão como um acidente seja uma forma de legitimar a sua posição de general e governante, pois não se tornou eunuco por meios convencionais. Isto é, ele não teria sido capturado enquanto infante, castrado e vendido como escravizado vindo de um local externo a Bizâncio (2007, 186). A

³⁵ Povo que vivia em uma antiga província romana que se estendia de Germa, atualmente no oeste da Líbia, até Nafta, na fronteira leste da atual Tunísia.

³⁶ Este Salomão seria o Irmão de Sérgio e também sobrinho do General, a essa altura o eunuco já teria falecido deixando seu posto para seus sobrinhos

³⁷ ἦν γὰρ ὁ Σέργιος μαλθακὸς μὲν καὶ ἀπόλεμος, τὸ δὲ ἦθος καὶ τὴν ἡλικίαν κομιδῇ νέος, φθόνῳ τε καὶ ἀλαζονείᾳ ἐς ὑπερβολὴν ἐχόμενος ἐς πάντας ἀνθρώπους, τεθρυμμένος τε τὴν δίαίταν καὶ τὰς γνάθους φουσῶν. ἀλλ' ἐπεὶ τῆς Ἀντωνίνης τῆς Βελισσαρίου γυναικὸς ἐγγόνης ἐτύγχανε μνηστὴρ γεγονώς, τίσιν τινὰ ἐς αὐτὸν ἡ βασιλὶς ἐξενεγκεῖν ἢ παραλύειν τῆς ἀρχῆς οὐδαμῇ ἤθελε, καίπερ ἐνδελεχέστατα διαφθειρομένην Λιβύην ὀρώσα, ἐπεὶ καὶ Σολόμωννα τὸν Σεργίου ἀδελφὸν τοῦ Πηγασίου φόνου αὐτῇ τε καὶ βασιλεὺς ἀθῶον ἀφῆκεν. ὃ τι δὲ τοῦτό ἐστιν αὐτίκα δηλώσω

autora sugere que esse caso só é destacado devido ao fato de Salomão ser um eunuco que ocupa posição de prestígio e possuir familiares conhecidos que foram levados a cargos de relevância por causa dele.

Necessário falar que ocorre uma translocação de uma realidade de gêneros subalternizados ao passado. A autora parece supor que, devido apenas à condição de eunuco, o general não poderia ocupar os cargos que ocupava, o que não se confirma na documentação. Mesmo com uma posição pouco positiva em relação a eunucos por parte das comunidades discursivas tardo-antigas, é possível observá-los em diversos espaços de poder no período tardo-romano, como o caso de Eutrópio citado na subseção 2.1.2, ou o caso de Orígenes no mundo eclesiástico, discutido no terceiro capítulo desta dissertação.

Entretanto, o ponto instigante da figura de Salomão se encontra nessa discussão. Apesar de uma conclusão apressada e baseada em uma translocação de uma realidade pela autora, ela acaba correta em afirmar que ocorre um apagamento da identidade de Salomão enquanto eunuco, seja de forma proposital ou não. Procópio acaba deixando claro em seu texto que as virtudes de Salomão só eram possíveis por ele ser um eunuco diferente dos demais. A crítica que seria feita a ele é translocada para seus sobrinhos e familiares. Tanto na tentativa de descredibilizá-lo como na constante negação de virtudes completamente positivas a eunucos estabelecida por Procópio.

A relação de Procópio com Salomão é um tanto quanto misteriosa, apesar de elogioso em seu texto, ele busca destacar sempre a diferença de Salomão para os outros eunucos. Mesmo nesse caso, o ambiente sob sua influência jamais será considerado tão digno quanto de um homem bizantino. Visto que Procópio não o enxergava como tal.

4.3 Os eunucos da corte

Nem todos os eunucos são nomeados como Calígono e Salomão. Durante toda a narrativa, esses ocupam os espaços diversos, desde a execução de afazeres dos palácios à

castração por punição. Desse modo, o eunuquismo é abordado de diferentes formas em *Anedcota*.

Quando Procópio discute as inovações legislativas de Justiniano, referindo-se ao *Código Justiniano*³⁸, acusa o imperador de provocar diversas mudanças na lei sem seguir o processo em nome da própria vaidade (*Prokopius, Anedoc. 11.1*). Ao relatar as diversas práticas que considerava abusivas, o autor nos fornece esse caso:

Depois, ele proibiu por lei a pederastia (*παιδεραστεῖν*), e ele fez com que esta lei se aplicasse não apenas àqueles que a transgrediram depois de ela ter sido aprovada, mas até mesmo àqueles que haviam praticado essa maldade muito antes. A lei foi aplicada de forma moralmente questionável, o testemunho de um homem ou menino, que possivelmente poderia ser um escravo que não estava disposto a testemunhar contra seu mestre, foi considerado uma evidência sólida. Aqueles que fossem condenados seriam carregados pela cidade, tendo seus genitais cortados. Essa crueldade não foi praticada em primeiro momento em ninguém que não pertencesse à facção verde³⁹ ou pessoas que ele pensava ter muitas posses, ou que tivessem ofendido-o de alguma forma (*Prokopius, Anedoc. 11.34*)⁴⁰

Neste trecho encontramos alguns vestígios valiosos sobre a castração e sua prática na época. Encontram-se relatos da aplicação dessa punição em sujeitos que ocupavam posições de poder, como Isaías, bispo de Roder, e Alexandre, bispo de Dion. Os condenados morreram por causa dessas penas (Lascaratos e Poulakou-Rebelakou, 2000, 1088). Procópio infere que Justiniano estava utilizando esta lei para punir seus adversários políticos com a morte, uma consequência comum e esperada quando realizada em adultos.

³⁸ Esse código se refere a uma junção de leis nos livros *Codex, Digesto, Institutiones e Novellae*. Cf.: BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. O 'Código Justiniano' e as estratégias do poder imperial. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. L.], n. 14, p. 87–99, 2019. DOI: 10.17648/rom.v0i14.28896.

³⁹ Verde se refere ao grupo político que apoiava Anastácio durante a chamada Revolta de Nika.. Sobre esta revolta Cf.: GREATREX, Geoffrey. The Nika riot: a reappraisal. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 117, p. 60–86, Nov 1997.

⁴⁰ Μετὰ δὲ καὶ τὸ παιδεραστεῖν νόμῳ ἀπειργεν, οὐ τὰ μετὰ τὸν νόμον διερευνώμενος, ἀλλὰ τοὺς πάλαι ποτὲ ταύτῃ δὴ τῇ νόσῳ ἀλόντας. ἐγένετό τε ἡ ἐς αὐτοὺς ἐπιστροφή οὐδενὶ κόσμῳ, ἐπεὶ καὶ κατηγοροῦ χωρὶς ἐπράσσετο ἡ ἐς αὐτοὺς τίσις, ἐνός τε ἀνδρὸς ἡ παιδὸς λόγος, καὶ τούτου δούλου, ἂν οὕτω τύχοι, καὶ ἀκουσίου μαρτυρεῖν ἐπὶ τὸν κεκτημένον ἀναγκασθέντος, ἔδοξεν εἶναι ἀκριβὴς ἔλεγχος. τοὺς τε οὕτως ἀλικομένους τὰ αἰδοῖα περιηρημένους ἐπόμπευον. οὐκ ἐς πάντας μέντοι κατ' ἀρχὰς τὸ κακὸν ἦγετο, ἀλλ' ὅσοι ἢ Πράσινοι εἶναι ἢ μεγάλα περιβεβλησθαι χρήματα ἔδοξαν ἢ ἄλλο τι τοῖς τυραννοῦσι προσκεκρουκότες ἐτύγγανον.

A associação entre essa penalização e a crueldade foi mobilizada por Procópio para acusar Justiniano de utilizar a lei de forma. O processo de castração é utilizado por ele como uma arma para seus atos. Associação que, como veremos adiante e já temos visto, tem sido comum.

Os eunucos também aparecem no texto sem serem nomeados em passagens em que Procópio narra maus momentos e tece críticas a Justiniano e Teodora. Essas figuras são citadas sempre apoiando os atos do casal imperial, como no caso:

Dizem também que um certo monge, altamente favorecido por Deus, foi enviado a Bizâncio por aqueles que viviam com ele no deserto, para implorar que o favor pudesse ser mostrado aos seus vizinhos, que tinham sido injustiçados e ultrajados além do que poderiam suportar. Ao chegar a Bizâncio, obteve imediatamente uma audiência do imperador; mas quando estava prestes a chegar aos seus pés, ele recuou e, virando-se, retirou-se de repente. O eunuco que o estava escutando, e também outros espectadores, imploraram-lhe sinceramente que fosse em frente, mas ele não respondeu, mas como alguém que sofreu um ataque de paralisia, voltou para seu alojamento. Quando aqueles que vieram com ele perguntaram por que ele agiu assim, eles dizem que ele afirmou claramente que viu o chefe dos demônios sentado em seu trono no meio do palácio, e ele não iria encontrá-lo nem pedir nada a ele. Como alguém pode acreditar que este homem tenha sido outra coisa senão um demônio maligno, que nunca se fartava de bebida, comida ou sono, mas roubava as refeições que lhe eram servidas de qualquer maneira, e perambulava pelo palácio em horas inoportunas do dia? noite, e ainda assim era tão apaixonadamente viciado na venérea. (*Prokopius, Anedoc.* 12. 24-12.27)⁴¹

⁴¹ Λέγουσι δὲ καὶ μοναχόν τινα τῷ θεῷ ἐς τὰ μάλιστα φίλον πρὸς τῶν αὐτῷ γῆν τὴν ἔρημον ξυνοικούντων ἀναπεισθέντα σταλῆναι μὲν ἐς Βυζάντιον τοῖς ἄγχιστα σφίσιν ἐνφικημένοις ἐπαμυνούντα, βιαζομένοις τε καὶ ἀδικουμένοις ἀνύποιστα, ἐνταῦθα δὲ ἀφικόμενον αὐτίκα εἰσόδου τῆς παρὰ τὸν βασιλέα τυχεῖν· μέλλοντα δὲ εἶσω παρ' αὐτὸν γενέσθαι, ἀμεῖψαι μὲν τὸν ἐκεῖνη οὐδὸν θατέρῳ τοῖν ποδοῖν, ἐξαπιναίως δὲ ἀναποδίζοντα ὀπίσω ἰέναι. εὐνοῦχον μὲν οὖν τὸν εἰσαγωγέα καὶ τοὺς τῇδε παρόντας πολλὰ τὸν ἄνθρωπον λιπαρεῖν ἐπίπροσθεν βαίνειν, τὸν δὲ οὐδέν τι ἀποκρινάμενον, ἀλλὰ καὶ παραπληγί εὐκότα ἐνθένδε ἀπαλλαγῆναι ἐς τὸ δωματίον, οὗ δὴ κατέλυε, γεγονότα· τῶν τέ οἱ ἐπομένων ἀναπνυθανομένων ὅτου ἔνεκα ταῦτα ποιοίη, φάναι λέγουσιν αὐτὸν ἄντικρυς ὡς τῶν δαιμόνων τὸν ἄρχοντα ἐν τῷ Παλατίῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου καθήμενον ἴδοι, ὃ δὴ ξυγγενέσθαι ἢ τι παρ' αὐτοῦ αἰτεῖσθαι οὐκ ἂν ἄξιοίη. πῶς δὲ οὐκ ἔμελλεν ὅδε ὁ ἀνὴρ δαίμων τις ἀλιτῆριος εἶναι, ὅς γε ποτοῦ ἢ σιτίων ἢ ὕπνου εἰς κόρον οὐδέποτε ἤλθεν, ἀλλ' ἀμηγέπη τῶν παρατεθέντων ἀπογευσάμενος ἄωρὶ νύκτωρ περήρχετο τὰ βασιλεία, καίπερ ἐς τὰ ἀφροδίσια δαιμονίως ἐσπουδακώς.

Nessa cena, o eunuco não passa de um objeto no plano de fundo da narrativa, não é ativo em suas atitudes ou presença. Aparece apenas como transmissor dos desígnios imperiais e, por isso, no texto de Procópio, esses são malignos e indignos.

Essa não vai ser a única vez que vemos os eunucos sendo utilizados dessa maneira no texto. Posteriormente, quando as funções de Teodora são descritas, vemos o caso de um nobre bizantino a procura para cobrar uma dívida para que pudesse pagar os próprios débitos. Procópio afirma conhecer o envolvido, mas afirma no texto que não dirá o nome para preservá-lo (*Prokopius, Anedoc.* 15.28), preocupação que ele não demonstra ter com nenhum outro personagem na narrativa. O autor afirma que o patrício se humilha diante da imperatriz, ao que ela responde da seguinte forma:

Teodora então começa a cantar, “o patrício” e os eunucos repetem suas palavras e se juntam ao coro, “você tem grave doença”. Quando ele novamente a implorou e acrescentou algumas palavras com o mesmo efeito de antes, sua única resposta foi o mesmo refrão, que foi retomado pelo coro de eunucos. Por fim, o infeliz, cansado de todo o caso, fez uma reverência à Imperatriz da maneira habitual e voltou para casa (*Prokopius, Anedoc.* 15.30)⁴²

Novamente, os eunucos aparecem no plano de fundo auxiliando Teodora sem serem nomeados, apenas como um objeto componente na narrativa. Novamente, apenas um transmissor dos maus usos do poder imperial. O fato do patrício deste ser um dos poucos personagens que Procópio anuncia recusar a nomear e a narrativa pormenorizada do episódio, inclusive com reprodução do que supostamente foi dito, levanta o caso de que o mesmo estava presente, seja como espectador, seja ele mesmo o dito patrício, ou que ele criou a história como recurso narrativo para propor um efeito de verdade. Em todos os casos, há uma

⁴² ἀντιβολῶ τοίνυν καὶ ἱκετεύω καὶ δέομαι βοηθησαί τέ μοι τὰ δίκαια καὶ τῶν παρόντων ἀπαλλάξαι κακῶν. ὁ μὲν ταῦτα εἶπεν. ἡ δὲ γυνὴ ἀπεκρίνατο ἐμμελῶς, πατρίκιε ὁ δεῖνα, καὶ ὁ τῶν εὐνούχων χορὸς ὑπολαβὼν ἀντεφθέγγατο, μεγάλην κήλην ἔχεις. αὐθις δὲ τοῦ ἀνθρώπου ἱκετεύσαντός τε καὶ ῥήσιν τινα ἐμπερῇ τοῖς ἔμπροσθεν εἰρημένους εἰπόντος κατὰ ταῦτα πάλιν ἡ τε γυνὴ ἀπεκρίνατο καὶ ὁ χορὸς ἀντεφθέγγατο, ἕως ἂν ἀπειπὼν ὁ ταλαίπωρος προσεκύνησέ τε ἥπερ εἰώθει καὶ ἀπιὼν οἶκαδε ὄχρετο. ἐν προαστείῳ δὲ τοῖς ἐπιθαλαττίοις τὸ πλεῖστον τοῦ ἔτους καὶ οὐχ ἥκιστα ἐν τῷ ἐπικαλουμένῳ Ἡρίῳ διατριβὴν εἶχε, καὶ ἀπ' αὐτοῦ τῶν ἐπομένων ὁ πολὺς ὄμιλος κακοπαθεῖα πολλῇ εἶχετο.

intenção clara de utilizar o caso para desacreditar a imperatriz e os eunucos são associados a ela.

Essa mesma precisão não vai ser utilizada em outro episódio: a morte de Eufhratas, o eunuco-chefe da corte. Ao morrer sem deixar testamentos, ocorre uma tentativa de desvio de sua herança pelo imperador:

Mais ou menos na mesma época, o eunuco-chefe da corte, chamado Eufhratas, também morreu sem testamento; deixou um sobrinho, que naturalmente teria herdado seus bens, que eram consideráveis. O Imperador apoderou-se de ambas as fortunas, nomeando-se herdeiro único, não deixando sequer uma moeda de três óbolos aos herdeiros legais. Tal era o respeito que Justiniano demonstrava pelas leis e pelos parentes de seus amigos íntimos. Da mesma forma, sem ter o menor direito, apoderou-se da fortuna de Irineu, falecido algum tempo antes (*Prokopius, Anedoc.* 29.13-29.16)⁴³

Quando o afetado é um eunuco, Procópio não apresenta o mesmo pudor em citar o seu nome e poupar a origem do ocorrido, não sabemos a causa da morte de Eufhratas, por exemplo. Tampouco deixa de o relacionar com Justiniano. Para Procópio, o tratamento com eunucos da corte se apresenta enquanto indignos de preocupação e são reduzidos a uma massa amorfa, sempre em serviço do poder imperial, sempre visto de forma negativa.

4.4 Conclusão parcial: Queer e os Eunucos de Procópio.

A análise de *Anedocta* revela um Procópio fazendo o oposto do realizado em suas obras anteriores: ao invés de exaltar, estava preocupado em diminuir a imagem de Justiniano, de Teodora e daqueles que os cercam. Os eunucos são inseridos nesse contexto narrativo. Relatados a serviço do imperador ou de alguém do seu entorno, portanto parte fundamental do Império, as maquinacões políticas passam pela presença e ação desses sujeitos. O fato de

⁴³ ὑπὸ χρόνον τε τὸν αὐτὸν καὶ τις ἄρχων γεγονὼς τῶν ἐν Παλατίῳ εὐνούχων ὄνομα Εὐφρατᾶς ἀπελύθη τοῦ βίου, ἀδελφιδοῦν μὲν ἀπολιπὼν, οὐδὲν δὲ ἐπὶ τῇ οὐσίᾳ διαθέμενος τῇ αὐτοῦ πολλῇ ἐς ἄγαν οὕσῃ. ἄμφω δὲ βασιλεὺς τὰς οὐσίας ἀφείλετο, κληρονόμος γεγενημένος αὐτόματος καὶ οὐδὲ τριώβολόν τι τῶν νομίμων κληρονόμων προέμενος. τοσαύτη αἰδοῖ ἔς τε τοὺς νόμους καὶ τῶν ἐπιτηδείων τοὺς ξυγγενεῖς ὁ βασιλεὺς οὗτος ἐχρήτο. οὕτως καὶ τὰ Εἰρηναίου πολλῶ ἔμπροσθεν τελευτήσαντος δικαίωμα οὐδ' ὅτιοι ἐπ' αὐτοῖς ἔχον ἀφείλετο.

também estar a serviço desse imperador não parece contraditório para o autor, nem tampouco a diferença de tratamento para com os desafetos eunucos.

No caso de Calígono, vemos quando comparado a Fócio que há uma diferença de tratamento entre ambos. Em ambos os sofrimentos e virtudes daqueles que o autor considera o sujeito viril ideal. As torturas e sofrimentos são, no texto, algo menor.

Já nos casos das cortes, vemos que o autor tenta, ao referir-se a problemas dos eunucos, tratá-los como algo menor, como no caso de Eufhrates, enquanto que em casos do patrício, há uma atenção e preocupação maior em preservá-los. Enquanto os outros eunucos da corte são sujeitos que acompanham os mal feitos de Justiniano e Teodora.

Ao descrever o caso de Salomão, Procópio tentou apagar que a figura não poderia obter as qualidades consideradas masculinas e viris. No texto, seja verdade ou não, Procópio resolve isso atribuindo a ele uma origem diferente, ao mudar a forma como a castração teria ocorrido e não mencionar mais esse acontecimento. Ocorre nesse próprio passado uma tentativa de Salomão, um mecanismo similar ao armário metafórico proposto por Eve Kosofsky Sedgwick para o mundo contemporâneo. Onde uma performance dissidente se torna apagada em detrimento da valorização de um sujeito universal (Sedgwick, 68, 1990).

Ao associá-los a esse poder imperial que ele considera vil e diabólico, Procópio confere aos eunucos essa mesma condição. Ao escondê-los, quando necessário, mostra um silenciamento desses sujeitos. Esses aspectos que demonstram uma identidade queer nos eunucos no texto de Procópio e a partir deles que podemos refletir sobre esses sujeitos e sobre as impressões tidas deles.

5. Conclusão

A análise histórica dos eunucos permite identificar identidades de gênero além do binário tradicional. Ao assumir isso, podemos interpretar o eunuquismo como uma forma de queeriedade discursiva, um espaço de transgressão que desafia a normatividade de gênero. Ao explorar as dinâmicas sociais e institucionais que moldaram a vida dos eunucos, analisamos como sua condição subalternizada. Essa possibilidade levanta a crítica à rigidez com que as relações de gênero do passado são compreendidas tanto no mundo acadêmico quanto no senso comum, assim como nos oferece uma luz sobre condições de queeriedade no presente.

A escolha de *Historia Ecclesiae* e *Anedocta* para comporem o *corpus* de análise foi feita pensando justamente em confrontar dois universos distintos onde os eunucos são tradicionalmente estudados: o eclesiástico e a corte. Ambos foram compreendidos a partir das lentes do Queer, o que permitiu lançar sobre esses documentos e os sujeitos descritos neles novos olhares e elencar novas discussões. Fazê-la partindo das fontes é uma forma de combater as possibilidades de apagamento de queeriedade que ocorrem epistemologicamente, como na proposta de Sedgwick. Sendo a heterossexualidade sempre presumida, torna-se prerrogativa de exclusão social dos sujeitos não identificados com ela (Sedgwick, 68, 1990).

Nessa proposta, busca-se ir diretamente aos documentos compreender esses sujeitos para além dos mecanismos epistêmicos. Trata-se de deixar de entender o eunuco enquanto alguém que fugia às regras das masculinidades e sim como um sujeito que operava segundo as próprias normas. Cabe compreender a pré-modernidade fugindo as lentes de binarismo de gênero e não assumindo que suas normas fossem centradas na mesma normatividade do presente (Schultz, 2006, 15).

A partir disso podemos perceber diversas mudanças nas abordagens, que deixam de associar os eunucos da corte apenas a atos de espionagem e à devassidão moral, como feito pela historiografia do final do século XIX e começo do século XX. Buscando resgatar os casos de Calígono, Salomão, demonstrando como a produção e contexto dos documentos afetou a percepção sobre eles. Nota-se, na forma como ao longo do texto de *Anedocta*, não por precisão histórica, mas por questões políticas que envolviam o próprio Procópio de Cesareia.

Somado a isso, podemos compreender casos como o de Eutrópio. A *Peregrina Piacula*, atribuída por Claudiano ao eunuco e cônsul, reaparece nos textos bizantinos. Nesse

texto, os eunucos são descritos como desprovidos de autocontrole, destinados à servidão, amaldiçoados e de ambição desenfreada que os tornava propensos à traição, lascívia, gula, avareza, fraqueza física, covardia e efeminação (Parani, 2013, 433). Esse estereótipo é reforçado em *Anedocta*.

Nos apontamentos sobre o mundo eclesiástico, compete compreender o caso de Orígenes de Alexandria e como a castração foi tratada em detrimento da construção de uma ortodoxia em *História Ecclesiae*. A proibição no Concílio de Niceia em 325 E.C. e as menções em Clemente de Alexandria e Agostinho de Hipona nos mostram que esse tratamento com eunucos não é um caso isolado. Apesar de diferenças e discordâncias teológicas, a exclusão desses sujeitos e/ou sua marginalização foi parte integral do projeto de ortodoxia discursivamente construído ao longo da Antiguidade Tardia.

Tanto que o próprio Orígenes escreve sobre o tema e acaba contribuindo ele mesmo com essa construção. Em seus *Comentários Sobre o Evangelho de Mateus* e em *Historia Ecclesiae* vemos uma continuação desse projeto. Uma tentativa de transformar a castração de Orígenes em uma única mácula em sua vida de santidade. Assim como no caso de Melitão, o eunuquismo não é mencionado, como uma tentativa de apagar a presença de eunucos do projeto de ortodoxia.

A lógica aplicada na sociedade tardo-romana aos *Galli* retorna nesse sentido. Tanto no mundo dos primeiros cristianismos quanto na sociedade tardo-romana, o eunuco ocupa um lugar fora do universo masculino. O pênis e a masculinidade para os romanos da Antiguidade Tardia estavam associados, levando o castrado a perder seu valor enquanto sujeito (Willians, 184, 2010). Nos primeiros cristianismos, o pênis ganha um fator ontológico ao se hierarquizar os eunucos – como feito por Agostinho, ao classificá-los como *carnis factos* e *propter pignum Caelorum*, ou por Clemente, ao separá-los entre *γενετῆς εὐνοῦχοι*, *εὐνοῦχοι γεγόνασι κατὰ ἀνάγκην* e *βασιλείας εὐνοουχίσαντες*. Em todo caso, atribuía-se a eles uma posição separada dos cristãos corretos.

Esse fator hierárquico e ontológico que acarreta um processo de exclusão e de mácula nos mundos de corte, tal como nos revela esta passagem:

O objetivo de nossa arte sendo de restaurar as partes danificadas em um estado não natural ao seu estado de natureza a operação de castração professa justo o oposto. Mas, já que por vezes somos obrigados contra a nossa vontade por pessoas de alto escalão a performar essa operação, irei descrever brevemente a forma de

fazê-lo. (Paulo de Egina, *De Re Medica Libri Septem*, VI:68)

Paulo de Egina trata a castração como uma operação não natural e não professa vontade de fazê-la. Nos diversos espaços, o eunuco é visto de forma negativa e tem a ele atribuídas características de uma identidade queer.

Apesar das diferentes formas e características que ele assume, nós percebemos a criação de uma aparência de substância, ou seja, um conjunto de discursos que criam uma aparência de ontologia.

A atribuição de características ontológicas ao eunuco se dava pela criação de um quadro regulatório, tal como percebido de forma clara nas normas eclesiásticas e nas dinâmicas da corte. Através de um conjunto de atos repetidos, diversos discursos e proibições, a normatividade se cristaliza ao longo do tempo.

Os corpos, nesse contexto, são como condenados à não-natureza, submetendo-se também a uma norma. Há, no caso de Orígenes e Salomão, por exemplo, uma forma correta de ser eunuco. E mesmo essa tem a sua identidade transformada em insulto e passível de regulação. Em contraposição, no caso de Calígono, percebemos a sua identidade sendo associada à perversidade e seu corpo sendo regulado através dos mecanismos discursivos de gênero da época.

Cabe, portanto, reflexão de que esses eunucos na Antiguidade Tardia possuíam uma identidade de gênero específica, que vai resultar em diferentes efeitos a depender do espaço onde estão inseridos, mas que permanece reprovável. O eunuco não é identificado nem ao masculino e nem ao feminino, é uma existência fora da binaridade presumida no presente. A questão para os autores tardo-antigos não é a possibilidade de outras vivências de gênero existirem, mas adequá-las aos discursos e quadros regulatórios da sociedade daquela época.

O Queer permite que quadros analíticos como este aqui feito sejam pensados e questionados. Dessa forma, coloca em xeque visões heterocentradas do mundo, que por vezes estão mais pautadas em percepções contemporâneas do que em análise documental, como observamos no caso de Melitão de Sardes. Possibilita também novas interpretações dentro da medievalística brasileira, evidenciando outras percepções de gênero que fujam do binarismo e de regimes epistêmicos que presumem a heterossexualidade sempre. Esse medieval diverso, inconsistente, fluido e com uma grande variedade de expressões individuais pode ser explorado através desse tipo de trabalho e, ao fazê-lo, buscamos desestabilizar esses

binarismos que são, um problema tanto para a compreensão do passado quanto para o presente.

Bibliografia

Fontes primárias

- AUGUSTINE, St. De Bono Coniugali and De Sancta Virginitate. Clarendon Press, 2001.
- CLAUDIANUS, Claudius. **Claudian with an English Translation by Maurice Platnauer (Complete)**. LONDON: Library of Alexandria, 2020
- D'EGINE, Paul. **The Seven Books of Paulus Aegineta**. [s.l.: s.n.], 2003.
- DE CESAREA, Procopio. **Historia secreta**. Trad. Juan Signes Codoñer. Madrid : Editorial Gredos , 2000.
- OF CESAREA, Procopius: Secret History, translated by Richard Atwater, Chicago: Covici Friede, 1927.
- OF CESAREA, Procopius. **The Secret History of the Court of Justinian**. [S.l.]: Project Gutenberg, 2004.
- OF CESAREA, Procopius. **The Wars** with Translation by H. B. Dewing. Harvard University Press, 1914.
- EUSEBIUS. **The History of the Church from Christ to Constantine**. Londres: Penguin UK, 1989.
- DE CESAREIA, Eusebio . **História Eclesiástica**. Tradução Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.
- CAESAREA), Eusebius (of Caesarea, Bishop of. The Ecclesiastical History: With an English Translation by Kirsopp Lake. Londres: William Heinemann, 1957.
- OF ALEXANDRIA, Origen., **Commentary on the Gospel according to Matthew, Book 15**. Translation & Notes by Justin M. Gohl. 2019
- OF ALEXANDRIA, Clement: **Stromateis – Book 3**: Fathers of the Church Series. [S. l.]: The Catholic University of America Press, 1991. v. 85. ISBN 0-8132-0085-7
- SAMOSATA., Lucian of; LIGHTFOOT, J. L. **On the Syrian Goddess**. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2003.
- CATHOLIC ENCYCLOPEDIA: ST. MELITO. CATHOLIC ENCYCLOPEDIA: ST. MELITO.** , 1917. Disponível em: <<https://www.newadvent.org/cathen/10166b.htm>>.

Referências

- ALMEIDA, N. DE B.; DELLA TORRE, R. M. G. A História Eclesiastica de Eusébio de Cesareia frente à tradição historiográfica classica. *In: A escrita da História na Idade Média*. São Paulo: Oikos, 2015.
- ALTSCHUL, Nadia R. Postcolonialism and the Study of the Middle Ages. **History Compass**, v. 6, n. 2, p. 588–606, 2008.
- AMOSSY, Ruth e PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022.
- AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. In *Revistas Eletrônicas Filogenese*. Vol. 6, nº 2, 2013.p. 148-162.
- BAER, B. J.; KAINDL, K. Introduction: Queer(ing) Translation. in.: BAER, B. J.; KAINDL, K. **Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism**, 2017. Nova York: Routledge.
- BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. O 'Código Justiniano' e as estratégias do poder imperial. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [S. l.], n. 14, p. 87–99, 2019.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. [s.l.]: Garamond, 2006.
- BETANCOURT, Roland. **Byzantine Intersectionality: Sexuality, Gender, and Race in the Middle Ages**. Princeton: Princeton University, 2020.
- BORGONGINO, Bruno Uchoa. As regras monásticas ocidentais (séculos IV-VII): características tipológicas, temas recorrentes e contextos de produção. *Brathair* 21 (1), 2021.
- BROWN, P. Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BULLOUGH, Vern L. . Eunuchs in History and Society . *In: Eunuchs in Antiquity and Beyond*. Londres: Classical Press of Wales, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo.”** [S.l.]: n-1 edições, 2020.
- BURY, J. B. **History of the later roman empire**. Massachusetts: Courier Corporation, 2012.

CATAUDELLA, M.R. . Historiography in the East. *In: Greek and Roman Historiography in Late Antiquity: Fourth to Sixth Century A.D.* Leiden: Brill, 2003.

COHEN, J. **The Postcolonial Middle Ages**. Londres: Palgrave Macmillan, 2001.

COLLINS, Jack . Castration as Symbol and Practice in Early Christianity. *In: Castration and Culture in the Middle Ages*. Cambridge: DS Brewer, 2013

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.

CROKE, Brian . Late Antique Historiography, 250–650 CE. *In: A Companion to Greek and Roman Historiography*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade do saber**. [Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2020.

GILBERT, Pierre. Pequena história da exegese bíblica. Petrópolis: Vozes, 1995.

GREATREX, Geoffrey. The Nika riot: a reappraisal. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 117, p. 60–86, 1997.

GUYOT, Peter. **Eunuchen als Sklaven und Freigelassene in der griechisch-römischen Antike**. Stuttgart: Klett- Cotta, 1980.

HALPERIN, David M. **How to Do the History of Homosexuality**. Chicago: University of Chicago, 2002.

HALPERIN, David M. **Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography**. Oxford: Oxford Paperbacks, 1997.

HESTER, J. David. Eunuchs and the Postgender Jesus: Matthew 19.12 and Transgressive Sexualities. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 28, n. 1, p. 13–40, 2005.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction**. Nova York: NYU Press, 1996.

JESUS, C. C. . **Corpos em chamas: masculinidades e práticas sexuais desviantes no medievo ibérico**. 1. ed. Aracaju: EDISE, 2020.

KENT, Susan Kingsley. **Gender and History**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2011.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103–117, 1998.

KUEFLER, Mathew. **The Manly Eunuch: Masculinity, Gender Ambiguity, and Christian Ideology in Late Antiquity**. Chigago: University of Chicago Press, 2001.

LASCARATOS, John e POULAKOU-REBELAKOU, Effie. **Child sexual abuse: Historical cases in the Byzantine Empire (324–1453 A.D.)**. *Child Abuse & Neglect*, v. 24, n. 8, p. 1085–1090, 2000.

LIMA, Marcelo Pereira. **O gênero do adultério no discurso jurídico do governo de Afonso X (1252-1284)**. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-graduação de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

LOUTH, Andrew. The Date of Eusebius' *Historia Ecclesiastica*. **The Journal of Theological Studies**, v. 41, n. 1, p. 111–123, 1990.

MATTHEWS, John. The Emperor and his Historians. *In: A Companion to Greek and Roman Historiography*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2010.

MILLER, Patricia Cox. **Desert Asceticism and “The Body from Nowhere.”** *Journal of Early Christian Studies*, v. 2, n. 2, p. 137–153, 1994

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004.

PARANI, Maria. Look like an Angel: the Attire of Eunuchs and Its Significance within the Context of Middle Byzantine Court Ceremonial. *In: BEIHAMMER , Alexander ; CONSTANTINOU, Stavroula ; PARANI, Maria (Orgs.). Court Ceremonies and Rituals of Power in Byzantium and the Medieval Mediterranean: Comparative Perspectives*. Leiden: Brill, 2013.

PERLER, O. **MÉLITON DE SARDES Sur la Pâque et fragments INTRODUCTION, TEXTE CRITIQUE, TRADUCTION ET NOTES PAR** . Paris: Cerf, 1966.

PINTO, Renato. **Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana**. 2011. 259 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1614317>.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RINGROSE, Kathryn M. Eunuchs in Historical Perspective. **History Compass**, v. 5, n. 2, p. 495–506, 2007.

RINGROSE, Kathryn M. **The Perfect Servant: Eunuchs and the Social Construction of Gender in Byzantium**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

SCHULTZ, James A. Heterosexuality as a Threat to Medieval Studies. **Journal of the**

History of Sexuality, v. 15, n. 1, p. 14–29, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

SIDERES, George . “EUNUCHS OF LIGHT” Power, Imperial Ceremonial and Positive Representations of Eunuchs in Byzantium (4th-12th centuries AD). *In: Eunuchs in Antiquity and Beyond*. Swansea: Classical Press of Wales, 2002..

SILVA, Natanael de Freitas. O Conceito de Gênero Em Scott, Butler E Preciado, Aproximações, Distanciamentos E a Contribuição Para O Ofício Do Historiador. **Revista Hominum**, v. 5, n. 19, p. 153–168, 2016.

SILVA, S. C. . Por que de galo, então, chamamos quem se castra [...]? Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. **MARE NOSTRUM ? ESTUDOS SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO** , v. 11, p. 287-316, 2020.

SILVA, Semíramis Corsi. Os Galli, Sacerdotes de Cibele Representações Literárias Femininas E Possibilidades Sobre as Práticas de Castração Ritual. **Natandum**, v. 56, p. 1–22, 2021.

SILVA, Paulo Duarte. O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à idade média: considerações sobre as noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média. **SIGNUM - Revista da ABREM**, v. 14, n. 1, p. 73, 14 Jun 2013.

SPENCER-HALL, Alicia; GUTT, Blake. **Trans and Genderqueer Subjects in Medieval Hagiography**. Amsterdam: Amsterdam University, 2021.

STEVENSON, Walter . Eunuchs and Early Christianity. *In: Eunuchs in Antiquity and Beyond*. Swansea: Classical Press of Wales, 2002.

STEWART, Michael Edward. Breaking Down Barriers: Eunuchs in Italy and North Africa, 400–620. *In: Byzantine Culture in Translation*. Leiden: Brill, 2017.

SZABO, Felix. Non-Standard Masculinity and Sainthood in Niketas David’s Life of Patriarch Ignatios. *In: SPENCER-HALL, Alicia; GUTT, Blake. Trans and Genderqueer Subjects in Medieval Hagiography*. Amsterdam: Amsterdam University, 2021.

TABB STEWART, David. LGBT/Queer hermeneutics and the hebrew bible. **Currents in Biblical Research**, v. 15, n. 3, p. 289–314, 2017.

TAYLOR, Gary. **Castration: An Abbreviated History of Western Manhood**. Londres: Routledge, 2000.

TOUGHER, Shaun. **Eunuchs in Antiquity and Beyond**. Swansea: Classical Press of Wales, 2002.

TOUGHER, Shaun. Eyeing up eunuchs: western perceptions of Byzantine cultural difference. In: LAMBERT, Sarah; NICHOLSON, Helen. *Languages of power and hate*. Conflict, communication, and identity in the medieval Mediterranean. Turnhout: Brepols, 2012. .

TOUGHER, Shaun. 8 Eunuchs in the East, Men in the West? Dis/unity, Gender and Orientalism in the Fourth Century. In: **East and West in the Roman Empire of the Fourth Century**. Leiden: Brill, 2015, p. 147–163. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1163/9789004291935_010>. Acesso em: 5 Feb. 2024.

TOUGHER, Shaun . In or Out? Origins of Court Eunuchs. In: **Eunuchs in Antiquity and Beyond**. Londres: Classical Press of Wales, 2002.

TOUGHER, Shaun . The Aesthetics of Castration: Roman Eunuchs. In: **Castration and Culture in the Middle Ages**. Cambridge: DS Brewer, 2013.

VELOSO, Wendell Dos Reis. “Continentes” ou “conjugati”? Uma análise do dispositivo de sexualidade agostiniano no contexto da Querela Jovinianista. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 11, p. 133–152, 2018.

_____. **Os Continentes, os Conjugati e os Outros: Identidade Cristã e a Instituição da Sexualidade Divina nos Escritos de Agostinho de Hipona (Séculos IV e V)**. 2019. 245f. Tese de Doutorado – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality: Second Edition**. Nova York: Oxford University Press, 2010.

WINKELMANN, Friedhelm. Historiography in the Age of Constantine. In: **Greek and Roman Historiography in Late Antiquity: Fourth to Sixth Century A.D.** Leiden: Brill, 2003.

ZEISET. **A Bíblia Sagrada: Almeida Atualizada (Portuguese)**. [s.l.]: Zeiset, 2020.

ZERNER, M. Heresia. **Dicionário analítico do Ocidente Medieval**. p.561–582, 2017. São Paulo: Unesp.

Apêndice I - Análise documental de História Ecclesiae

Citação	Original em grego	Tradução para o português	Tema
02.17.19	φησὶν γὰρ τοῖς περὶ ὧν ὁ λόγος καὶ γυναῖκας συνεῖναι, ὧν αἱ πλεῖσται γηραλέαι παρθένοι τυγχάνουσιν, τὴν ἀγνείαν οὐκ ἀνάγκη, καθάπερ ἔναι τῶν παρ' Ἑλλήσιν ἱερείων, φυλάσσαι μᾶλλον ἢ καθ' ἐκούσιον γνώμην, διὰ ζῆλον καὶ πόθον σοφίας, ἣ συμβιοῦν σπουδάσαι τῶν περὶ τὸ σῶμα ἡδονῶν ἡλόγησαν, οὐ θνητῶν ἐκγόνων, ἀλλ' ἀθανάτων ὀρεχθεῖσαι, ἃ μόνη τίκτειν ἀφ' ἑαυτῆς οἷα τέ ἐστιν ἡ θεοφιλῆς ψυχὴ	Diz efetivamente que, com os homens de que fala convivem também mulheres, a maioria das quais chegam virgens à velhice depois de guardar a castidade, não por necessidade como algumas sacerdotisas dos gregos, mas sim por convicção voluntária, devido ao seu zelo e sede de sabedoria, com a qual se esforçam em viver, sem importar-se em nada com os prazeres do corpo e desejosas de ter não filhos mortais, mas imortais, os quais somente a alma amante de Deus pode gerar de si mesma.	Castidade / Eunuquismo
3.29:03	πυνθάνομαι δ' ἐγὼ τὸν Νικόλαον μηδεμιᾶ ἐτέρα παρ' ἣν ἔγημε κεχρησθαι γυναικί, τῶν τε ἐκείνου τέκνων τὰς μὲν θηλείας καταγερᾶσαι παρθέτους, ἄφθορον δὲ διαμεῖναι τὸν υἱόν· ὧν οὕτως ἐχόντων ἀποβολὴ πάθους ἦν ἡ εἰς μέσον τῶν ἀποστόλων τῆς ζηλοτυπουμένης ἐκκύκλησις γυναικός, καὶ ἡ ἐγκράτεια τῶν περισπουδάστων ἡδονῶν τὸ ' παραχρᾶσθαι τῇ σαρκὶ ἐδίδασκεν. οὐ γάρ, οἶμαι, ἐβούλετο κατὰ τὴν τοῦ σωτῆρος ἐντολὴν δυσὶ κυρίοις δουλεύειν, ἡδονῇ καὶ κυρίῳ.	No entanto, eu sei que Nicolau não teve trato com nenhuma mulher que não aquela com quem estava casado, e que de seus filhos, as mulheres chegaram virgens à velhice e o rapaz permaneceu puro. Sendo isto assim, a exposição de sua mulher, da qual tinha ciúmes, no meio dos apóstolos, era um desprezo à paixão, e a abstenção dos prazeres que mais ansiosamente são procuradas ensinava a "abusar da carne", pois creio que, conforme o mandato do Salvador, ele não queria ser escravo de dois senhores ² , o prazer e o Senhor	Castidade / Eunuquismo
4.17:03	γυνὴ τις συνεβίου ἀνδρὶ ἀκολασταίνοντι, ἀκολασταίνουσα καὶ αὐτὴ πρότερον· ἐπειδὴ δὲ τὰ τοῦ Χριστοῦ διδάγματα ἔγνω, ἐσωφρονίσθη, καὶ τὸν ἄνδρα	Escreve assim: "Uma mulher vivia com seu dissoluto marido, e ela mesma havia-se dado anteriormente à vida dissoluta. Mas, depois que conheceu os ensinamentos de	Castidade / Eunuquismo

	ὁμοίως σωφρονεῖν πείθειν ἐπειρᾶτο, τὰ διδάγματα ἀναφέρουσα τὴν τε μέλλουσαν τοῖς οὐ σωφρόνως καὶ μετὰ λόγου ὀρθοῦ βιοῦσιν ἔσεσθαι ἐν αἰωνίῳ πυρὶ κόλασιν ἀπαγγέλλουσα . ὁ δὲ ταῖς αὐταῖς ἀσελγείαις ἐπιμένων , ἄλλοτρίαν διὰ τῶν πράξεων ἐποιεῖτο τὴν γαμετὴν · ἀσεβὲς γὰρ ἡγουμένη τὸ λοιπὸν ἢ γυνὴ συγκατακλίνεσθαι ἀνδρὶ παρὰ τὸν τῆς φύσεως νόμον καὶ παρὰ τὸ δίκαιον πόρους ἡδονῆς ἐκ παντὸς πειρωμένῳ ποιεῖσθαι, τῆς συζυγίας χωρισθῆναι ἐβουλήθη	Cristo, aprendeu a conter-se e tratava de persuadir seu marido a tornar-se casto também, apresentando os ensinamentos e anunciando-lhe o castigo que no fogo eterno terão os que não vivem castamente e conforme a reta razão.	
4.21.01	Ἡκμαζον δ' ἐν τούτοις ἐπὶ τῆς ἐκκλησίας Ἡγήσιππός τε, ὃν ἴσμεν ἐκ τῶν προτέρων, καὶ Διονύσιος Κορινθίων ἐπίσκοπος Πινυτός τε ἄλλος τῶν ἐπὶ Κρήτης ἐπίσκοπος Φίλιππος τε ἐπὶ τούτοις καὶ Ἀπολινάριος καὶ Μελίτων Μουσάνος τε καὶ Μόδεστος καὶ ἐπὶ πᾶσιν Εἰρηναῖος, ὧν καὶ εἰς ἡμᾶς τῆς ἀποστολικῆς παραδόσεως ἡ τῆς ὑγιоῦς πίστεως ἔγγραφος κατήλθεν ὀρθοδοξία .	Por estes tempos florescia na igreja Hegesipo, a quem já conhecemos pelo que foi dito anteriormente; também Dionísio, bispo de Corinto, e Pinito, bispo por sua vez dos fiéis de Creta. E além destes, Felipe, Apolinário, Meliton, Musano, Modesto e, sobre todos, Irineu. Deles chegou até nós por escrito a ortodoxia da santa fé da tradição apostólica	Meliton
4.26:01	Ἐπὶ τῶνδε καὶ Μελίτων τῆς ἐν Σάρδεσιν παροικίας ἐπίσκοπος Απολινάριός τε τῆς ἐν Ἱεραπόλει διαπρεπῶς ἡκμαζον , οἱ καὶ τῷ δηλω- θέντι κατὰ τοὺς χρόνους Ρωμαίων βασιλεῖ λόγους ὑπὲρ τῆς πίστεως ἰδίως ἑκάτερος ἀπολογίας προσεφώνησαν .	Neste tempo floresciam também, muito destacados, Meliton, bispo da igreja de Sardes, e Apolinário, da de Hierápolis. Ambos, cada um em particular, dirigiram ao imperador romano já mencionado daquele tempo vários tratados apologéticos em favor da fé.	Meliton
4.26:02	Μελίτωνος, τα Περι τοῦ πάσχα δύο καὶ τὸ Περι πολιτείας καὶ προφητῶν καὶ ὁ Περι ἐκκλησίας καὶ ὁ Περι κυριακῆς λόγος, ἔτι δὲ	Deles chegaram até nós as seguintes obras. De Meliton, os dois livros Sobre a Páscoa e o livro Sobre a conduta e sobre os profetas;	Meliton

	ὁ Περὶ πίστεως ἀνθρώπου καὶ ὁ Περὶ πλάσεως , καὶ ὁ Περὶ ὑπακοῆς πίστεως [καὶ Περὶ] αἰσθητηρίων καὶ πρὸς τούτοις ὁ Περὶ ψυχῆς καὶ σώματος [ηγενοῖς] καὶ ὁ Περὶ λουτροῦ καὶ Περὶ ἀληθείας καὶ Περὶ πίστεως καὶ γενέσεως Χριστοῦ καὶ λόγος αὐτοῦ προφητείας καὶ Περὶ ψυχῆς καὶ σώματος καὶ ὁ Περὶ φιλοξενίας καὶ ἡ Κλεις καὶ τὰ Περὶ τοῦ διαβόλου καὶ τῆς Ἀποκαλύψεως Ἰωάννου καὶ ὁ Περὶ ἐνσωμάτου θεοῦ, ἐπὶ πᾶσι καὶ τὸ Πρὸς Ἀντωνίνον βιβλίδιον .	os tratados Sobre a Igreja e Sobre o domingo; ainda, Sobre a fé do homem, Sobre a criação e Sobre a obediência dos sentidos à fé; além destes, os tratados Sobre a alma e o corpo...(..)306, Sobre o batismo e sobre a verdade e sobre a fé e o nascimento de Cristo; um livro Sobre sua profecia; e Sobre a alma e o corpo, Sobre a hospitalidade, A chave e os escritos Sobre o diabo e o Apocalipse de João e o livro Sobre Deus encarnado; e além de todos estes, um livrinho A Antonino.	
4.26:03	Ἐν μὲν οὖν τῷ Περὶ τοῦ πάσχα τὸν χρόνον καθ' ὃν συνέταπτεν, ἀρχόμενος σημαίνει ἐν τούτοις· “ ἐπὶ Σερουιλίου Παύλου ἀνθυπάτου τῆς Ἀσίας, ὃ Σάγαρις καιρῷ ἐμαρτύρησεν , ἐγένετο ζήτησις πολλὴ ἐν Λαοδικείᾳ περὶ τοῦ πάσχα, ἐμπεσόντος κατὰ καιρὸν ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις, καὶ ἐγράφη ταῦτα .”	Começando pois, o livro Sobre a Páscoa, indica o tempo em que o compôs, nestes termos: "Sob o procônsul da Ásia Servílio Paulo, tempo em que Sagaris sofreu martírio, houve em Laodicéia muitas disputas sobre a Páscoa, que caía precisamente naqueles dias, e escreveu-se isto."	Meliton
4.26:04	τούτου δὲ τοῦ λόγου μέμνηται Κλήμης ὁ Ἀλεξανδρεὺς ἐν ἰδίῳ Περὶ τοῦ πάσχα λόγῳ, ὃν ὡς ἐξ αἰτίας τῆς τοῦ Μελίτωνος γραφῆς φησιν ἑαυτὸν συντάξαι ἐν δὲ τῷ πρὸς τὸν αὐτοκράτορα βιβλίῳ τοιαῦτά τινα καθ' ἡμῶν ἐπ' αὐτοῦ γεγονέναι ἱστορεῖ· .	Este tratado é mencionado por Clemente de Alexandria em seu Sobre a Páscoa, que ele mesmo diz ter composto por causa do escrito de Meliton. E no livrinho dirigido ao imperador conta Meliton que, sob este, deram-se contra nós coisas como estas:	Meliton
4.26:05	“ τὸ γὰρ οὐδεπώποτε γενόμενον, νῦν διώκεται τὸ τῶν θεοσεβῶν γένος καινοῖς ἐλαυ νόμον δόγμασιν κατὰ τὴν Ἀσίαν . οἱ γὰρ ἀναι δεῖς συκοφάνται καὶ τῶν ἀλλοτρίων ἐρασταὶ τὴν ἐκ τῶν διαταγμάτων ἔχοντες ἀφορμὴν,	"Pois isto nunca havia ocorrido; agora persegue-se a linhagem dos adoradores de Deus, afetados na Ásia por novos editos. Efetivamente, os desavergonhados sicofantas e amantes do alheio, tomando pé nas prescrições, andam	Meliton

	φανερῶς ληστεύουσι , νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν διαρπάζοντες τοὺς μηδὲν ἀδικοῦντας . ”	roubando abertamente, e espoliam de noite e de dia os que nada fizeram de mal."	
4.26:06	καὶ μεθ' ἑτερά φησιν·"καὶ εἰ μὲν σοῦ κελεύσαντος τοῦτο πράττεται, ἔστω καλῶς γινόμενον · δίκαιος γὰρ βασιλεὺς οὐκ ἂν ἀδίκως βουλεύσαιτο πώποτε , καὶ ἡμεῖς ἡδέως φέρομεν τοῦ τοιούτου θανάτου τὸ γέρας · ταύτην δέ σοι μόνην προσφέρομεν δέησιν ἵνα αὐτὸς πρότερον ἐπιγνούς τοὺς τῆς τοιαύτης φιλονεικίας ἐργάτας, δικαίως κρίνειας εἰ ἄξιοι θανάτου καὶ τιμωρίας ἢ σωτηρίας καὶ ἡσυχίας εἰσίν . εἰ δὲ καὶ παρὰ σοῦ μὴ εἴη ἡ βουλή αὕτη καὶ τὸ καινὸν τοῦτο διάταγμα, ὃ μηδὲ κατὰ βαρβάρων πρέπει πολεμίων, πολὺ μᾶλλον δεόμεθά σου μὴ περιδεῖν ἡμᾶς ἐν τοιαύτῃ δημῳδῇ λεηλασίᾳ ".	E depois de outras coisas diz: "E se isto é feito porque tu o mandas, está bem-feito, porque nunca um imperador justo poderia querer algo injustamente, e nós suportamos com gosto a honra desta morte. Um só pedido, no entanto, te dirigimos: que tu mesmo examines primeiro os causadores de tal rivalidade e julgues com justiça se são dignos de morte e de castigo, ou de ficar salvos e tranquilos. Mas se não procedem de ti esta determinação e este novo édito - que nem sequer contra inimigos bárbaros seria conveniente -, com maior razão te pedimos que não nos abandones, indiferente a semelhante latrocínio público."	Meliton
4.26:07	τούτοις αὖθις ἐπιφέρει λέγων · “ ἡ γὰρ καθ' ἡμᾶς φιλοσοφία πρότερον μὲν ἐν βαρβάροις ἤκμασεν , ἐπανθήσασα δὲ τοῖς σοῖς ἔθνεσιν κατὰ τὴν Αὐγούστου τοῦ σοῦ προγόνου μεγάλῃν ἀρχήν, ἐγενήθη μάλιστα τῇ σῇ βασιλείᾳ αἷσιον ἀγαθόν . ἔκτοτε γὰρ εἰς μέγα καὶ λαμπρὸν τὸ Ῥωμαίων ἡὑξήθη κράτος · οὗ σὺ διάδοχος εὐκταῖος γέγονάς τε καὶ ἔση μετὰ τοῦ παιδός , φυλάσσων τῆς βασιλείας τὴν σύντροφον καὶ συναρξαμένην Αὐγούστῳ φιλοσοφίαν, ἣν καὶ οἱ πρόγονοί σου πρὸς ταῖς ἄλλαις θρησκευταῖς ἐτίμησαν, καὶ τοῦτο μέγιστον τεκμήριον τοῦ πρὸς ἀγαθοῦ τὸν	Ao dito acrescenta ainda isto: "Efetivamente, nossa filosofia alcançou sua plena maturidade entre bárbaros, mas havendo-se estendido também a teus povos sob o grande império de teu antepassado Augusto, converteu-se sobretudo para teu reinado em um bom augúrio, pois desde então a força dos romanos cresceu em grandeza e esplendor. Dela és tu o desejado herdeiro e seguirás sendo-o com teu filho, se proteges a filosofia que se criou com o império e começou quando Augusto e teus antepassados inclusive a honraram ao par com as outras religiões.	Meliton

	καθ’		
4.26:08	καὶ τοῦτο μέγιστον τεκμήριον τοῦ πρὸς ἀγαθοῦ τὸν καθ’ ἡμᾶς λόγον συνακμάσαι τῇ καλῶς ἀρξαμένῃ βασιλείᾳ , ἐκ τοῦ μηδὲν φαῦλον ἀπὸ τῆς Αὐγούστου ἀρχῆς ἀπαντῆσαι , ἀλλὰ τοῦναντίον ἅπαντα λαμπρὰ καὶ ἔνδοξα κατὰ τὰς πάντων εὐχάς .	A prova maior de que nossa doutrina floresceu para bem junto com o Império felizmente iniciado é que, desde o reinado de Augusto nada de mau aconteceu, antes pelo contrário, tudo foi brilhante e glorioso, segundo as preces de todos.	Meliton
4.26:09	μόνοι πάντων , ἀναπεισθέντες ὑπὸ τινων βασκάνων ἀνθρώπων , τὸν καθ’ ἡμᾶς ἐν διαβολῇ καταστῆσαι λόγον ἠθέλησαν Νέρων καὶ Δομετιανός, ἀφ’ ὧν καὶ τὸ τῆς συκοφαντίας ἀλόγῳ συνηθείᾳ περὶ τοὺς τοιούτους ῥυῆναι συμβέβηκεν ψεῦδος .	Entre todos, somente Nero e Domiciano, persuadidos por alguns homens malévolos, quiseram caluniar nossa doutrina, e acontece que deles derivou, por costume irracional, a mentira caluniosa contra tais pessoas.	Meliton
4.26:10	ἀλλὰ τὴν ἐκείνων ἄγνοιαν οἱ σοὶ εὐσεβεῖς πατέρες ἐπληρωθῶσαντο , πολλάκις πολλοῖς ἐπὶ · πλήξαντες ἐγγράφως, ὅσοι περὶ τούτων νεωτερίσαι ἐτόλμησαν · ἐν οἷς ὁ μὲν πάππος σου Αἰδριανὸς πολλοῖς μὲν καὶ ἄλλοις , καὶ Φουνδανῶ δὲ τῷ ἀνθυπάτῳ , ἡγουμένῳ δὲ τῆς Ἀσίας, γράφων φαίνεται, ὁ δὲ πατήρ σου , καὶ σοῦ τὰ σύμπαντα διοικοῦντος αὐτῷ, ταῖς πόλεσι περὶ τοῦ μηδὲν νεωτερίζειν περὶ ἡμῶν ἔγραψεν , ἐν οἷς καὶ πρὸς Λαρισαίους καὶ πρὸς Θεσσαλονικεῖς καὶ Ἀθηναίους καὶ πρὸς πάντας	Mas teus pios pais corrigiram a ignorância daqueles repreendendo por escrito muitas vezes todos que se atreveram a criar novidades sobre os cristãos. Entre eles destaca-se teu avô Adriano, que escreveu a muitas e diferentes pessoas, inclusive ao procônsul Fundano, governador da Ásia. E também teu pai escreveu às cidades sobre não inventar nada acerca de nós, inclusive nos tempos em que tudo administravas junto com ele. Entre esses escritos acham-se os dirigidos aos habitantes de Larisa, aos tessalonicenses, aos atenienses e a todos os gregos.	Meliton
4.26:11	Ἕλληνας . σὲ δὲ καὶ μᾶλλον περὶ τούτων τὴν αὐτὴν ἐκείνοις ἔχοντα γνώμην καὶ πολὺ γε φιλανθρωποτέραν καὶ φιλο-	E quanto a ti, que sobretudo nestes assuntos tens o mesmo parecer e até muito mais humano e filosófico, estamos persuadidos de que porás	Meliton

	σοφωτέραν, πεπείσμεθα πάντα πράσσειν ὅσα σου δεόμεθα .	em efeito o que te pedimos."	
4.26:12	Ἄλλὰ ταῦτα μὲν ἐν τῷ δηλωθέντι τέθιται λόγῳ · ἐν δὲ ταῖς γραφαῖσιν αὐτῷ Ἐκλογαῖς ὁ αὐτὸς κατὰ τὸ προοίμιον ἀρχόμενος τῶν ὁμολογουμένων τῆς παλαιᾶς διαθήκης γραφῶν ποιεῖται κατάλογον · ὃν καὶ ἀναγκαῖον ἐνταῦθα καταλέξει, γράφει δὲ οὕτως ·	Isto é o que se diz no tratado mencionado. E nos Extratos por ele escritos, o mesmo Meliton, ao começar, faz no prólogo um catálogo dos escritos admitidos do Antigo Testamento, catálogo que é necessário enumerar aqui. Escreve assim	Meliton
4.26:13	“ Μελίτων Ονησίμῳ τῷ ἀδελφῷ χαίρειν . ἐπειδὴ πολλάκις ἠξίωσας, σπουδῇ τῇ πρὸς τὸν λόγον χρώμενος, γενέσθαι σοι ἐκλογὰς ἔκ τε τοῦ νόμου καὶ τῶν προφητῶν περὶ τοῦ σωτήρος καὶ πάσης τῆς πίστεως ἡμῶν , ἔτι δὲ καὶ μαθεῖν τὴν τῶν παλαιῶν βιβλίων ἐβουλήθης ἀκρίβειαν πόσα τὸν ἀριθμὸν καὶ ὅποια τὴν τάξιν εἶν , ἐσπούδασα τὸ τοιοῦτο πρᾶξαι , ἐπιστάμενός σου τὸ σπουδαῖον περὶ τὴν πίστιν καὶ φιλομαθὲς περὶ τὸν λόγον ὅτι τε μάλιστα πάντων πόθῳ τῷ πρὸς τὸν θεὸν ταῦτα προκρίνεις , περὶ τῆς αἰωνίου σωτηρίας ἀγωνιζόμενος .	"Meliton a seu irmão Onésimo: Saúde. Visto que muitas vezes, valendo-te de teu zelo pela doutrina, tens pedido para ti extratos da lei e dos profetas, sobre o Salvador e toda a nossa fé; mais ainda, já que quiseste saber dos livros antigos com toda exatidão quantos são em número e qual é sua ordem, pus minha diligência em fazê-lo, sabendo de teu ardor pela fé e teu afã de saber sobre a doutrina, já que em tua luta pela salvação eterna e em tua ânsia por Deus, preferes isto mais do que tudo.	Meliton
4.26:14	ἀνελθὼν οὖν εἰς τὴν ἀνατολὴν καὶ ἕως τοῦ τόπου γενόμενος ἔνθα ἐκηρύχθη καὶ ἐπράχθη, καὶ ἀκριβῶς μαθὼν τὰ τῆς παλαιᾶς διαθήκης βιβλία, υποτάξας ἔπεμψά σοι · ὧν ἐστὶ τὰ ὀνόματα · Μουσέως πέντε, Γένεσις Εξοδος Ἀριθμοὶ Λευιτικὸν Δευτερονόμιον , Ἰησοῦς Ναυῆ, Κριταί, Ρούθ, Βασιλειῶν τέσσαρα , Παραλειπομένων δύο , Ψαλμῶν Δαβὶδ, Σολομῶνος Παροιμίαι ἢ καὶ	Assim pois, tendo subido ao Oriente e chegado até o lugar em que se proclamou e se realizou, informei-me com exatidão dos livros do Antigo Testamento. Ordenei-os e envio-os a ti. Seus nomes são: cinco de Moisés: Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio; Jesus de Navé, Juizes, Rute; quatro dos Reis, dois dos Paralipômenos; Salmos de Davi; Provérbios de Salomão, ou	Meliton

	Σοφία, Εκκλησιαστής, Αισμα Αισμάτων, Ίώβ, Προφητῶν Ἡσαΐου Ἱερεμίου τῶν δώδεκα ἐν μονοβίβλῳ Δανιήλ, Ἰεζεκιήλ, Ἑσδρας · ἐξ ὧν καὶ τὰς ἐκλογὰς ἐποίησάμην , εἰς ἕξ βιβλία διελὼν .” καὶ τὰ μὲν τοῦ Μελίτωνος τοσαῦτα.	também Sabedoria, Eclesiastes, Cantar dos Cantares, Jó; dos profetas, Isaías, Jeremias, os doze em um só livro, Daniel, Ezequiel; Esdras. Destes livros tirei os Extratos, que dividi em seis livros." E é isto que há de Meliton.	
4.29:04-05	ταῦτα μὲν ὁ Εἰρηναῖος τότε· σμικρῷ δὲ ὕστερον Σηνηρός τις τοῦνομα κρατύνας τὴν προδεδηλωμένην αἵρεσιν , αἴτιος τοῖς ἐξ αὐτῆς ὠρμημένοις τῆς ἀπ’ αὐτοῦ παρηγμένης Σευηριανῶν προσηγορίας γέγονεν . χρῶνται μὲν οὖν οὗτοι νόμῳ καὶ προφήταις καὶ εὐαγγελίοις, ἰδίως ἐρμηνεύοντες τῶν ἱερῶν τὰ νοήματα γραφῶν· βλασφημοῦντες δὲ Παῦλον τὸν ἀπόστολον, ἅθε τοῦσιν αὐτοῦ τὰς ἐπιστολάς , μηδὲ τὰς Πράξεις τῶν ἀποστόλων καταδεχόμενοι .	Isto é o que Irineu escreveu na ocasião. Mas um pouco mais tarde, um homem chamado Severo deu força à mencionada heresia e foi causa de que os membros da seita recebessem por ele o nome de severianos. Estes utilizam, é verdade, a lei, os profetas e os Evangelhos, interpretando de maneira peculiar o pensamento das Sagradas Escrituras; mas, blasfemando sobre o apóstolo Paulo, rechaçam suas Cartas e nem sequer aceitam os Atos dos Apóstolos.	Heresia encratita
4.29.02	ἀπὸ Σατορνίνου καὶ Μαρκίωνος οἱ καλούμενοι Εγκρατεῖς ἀγαμίαν ἐκήρυξαν, ἀθετοῦντες τὴν ἀρχαίαν πλάσιν τοῦ θεοῦ καὶ ἡρέμα κατηγοροῦντες τοῦ ἄρρεν καὶ θῆλυ εἰς γένεσιν ἀνθρώπων πεποιηκότος, καὶ τῶν λεγομένων παρ’ αὐτοῖς ἐμψύχων ἀποχὴν εἰσηγήσαντο , ἀχαριστοῦντες τῷ πάντα πεποιηκότι θεῷ, ἀντιλέγουσί τε τῇ τοῦ πρωτοπλάστου σωτηρίᾳ	"Os chamados encratitas, que procediam de Saturnino e de Márcion, proclamavam a abstenção do matrimônio, rechaçando assim a primitiva criação de Deus e condenado indiretamente aquele que fez o varão e a fêmea para procriar homens. E em sua ingratidão para com o Deus que tudo criou, introduziram também a abstenção do que eles chamam "animado" e negam a salvação do primeiro homem.	Heresia encratita
4.29.03	καὶ τοῦτο νῦν ἐξευρέθη παρ' αὐτοῖς Τατιανοῦ τινος πρώτως ταύτην εἰσενέγκαντος τὴν βλασφημίαν · ὃς Ἰουστίνου	Isto mesmo encontramos também agora entre eles, sendo um tal Taciano o primeiro a ter introduzido esta blasfêmia. Foi discípulo de	Heresia encratita

	ἀκροατῆς γεγονώς , ἐφ’ ὅσον μὲν συνῆν ἐκείνῳ , οὐδὲν ἐξέφηεν τοιοῦτον , μετὰ δὲ τὴν ἐκείνου μαρτυρίαν ἀποστὰς τῆς ἐκκλησίας , οἰήματι διδασκάλου ἐπαρθεὶς καὶ τυφωθεὶς ὡς διαφέρων τῶν λοιπῶν, ἴδιον χαρακτῆρα διδασκαλείου συνεστήσατο, αἰῶνας τινὰς ἀοράτους ὁμοίως τοῖς ἀπὸ Οὐαλεντίνου μυθολογήσας γάμον τε φθορὰν καὶ πορνείαν παραπλησίως Μαρκίῳ καὶ Σατορνίνῳ ἀναγορεύσας, τῇ δὲ τοῦ Ἀδὰμ σωτηρία παρ’ ἑαυτοῦ τὴν ἀντιλογίαν ποιησάμενος .”	Justino; enquanto conviveu com ele, nada manifestou de tal espécie, mas depois do martírio de Justino, afastou-se da Igreja. Envaidecido pela crença de ser um mestre e inflado por sentir-se diferente dos demais, constituiu um tipo próprio de escola, inventou alguns éons invisíveis - como faziam os seguidores de Valentim -, proclamou o matrimônio como corrupção e fornicção - como fizeram Márcion e Saturnino — e de sua própria invenção negou a salvação de Adão."	
5.29:05-6	τί δὲ δεῖ λέγειν Σάγαριν ἐπίσκοπον καὶ μάρτυρα, ὃς ἐν Λαοδικείᾳ κεκοίμηται, ἔτι δὲ καὶ Παπίριον τὸν μακάριον καὶ Μελίτωνα τὸν εὐνοῦχον, τὸν ἐν ἀγίῳ πνεύματι πάντα πολιτευσάμενον, ὃς κεῖται ἐν Σάρδεσιν περιμένων τὴν ἀπὸ τῶν οὐρανῶν ἐπισκοπὴν ἐν ἧ ἔκ νεκρῶν ἀναστήσεται	E que falta faz falar de Sagaris, bispo e mártir, que descansa em Laodiceia, assim como o bem-aventurado Papirio e de Meliton, o eunuco, que em tudo viveu no Espírito Santo e repousa em Sardes esperando a visita que vem dos céus no dia em que ressuscitará de entre os mortos? Todos estes celebraram como dia da Páscoa o da décima quarta lua, conforme o Evangelho, e não transgrediram, mas seguiam a regra da fé	Meliton
6.07:01	Ἐν τούτῳ δὲ τῆς κατηχήσεως ἐπὶ τῆς Ἀλεξανδρείας τοῦργον ἐπιτελοῦντι τῷ Ὀριγένει πρᾶγμα τι πέπρακται φρενὸς μὲν ἀτελοῦς καὶ νεανικῆς, πίστεώς γε μὴν ὁμοῦ καὶ σωφροσύνης μέγιστον δεῖγμα περιέχον. τὸ γάρ·	Neste tempo, estando ocupado no trabalho da catequese em Alexandria, Orígenes leva a cabo uma façanha que, se demonstra um ânimo imaturo e juvenil, oferece ao mesmo tempo uma prova plena de fé e de continência.	Orígenes
6.07:02	εἰσὶν εὐνοῦχοι οἵτινες εὐνούχισαν ἑαυτοὺς διὰ τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν ἀπλούστερον καὶ νεανικώτερον ἐκλαβόν, ὁμοῦ μὲν	Efetivamente, tomando muito ao pé da letra com ânimo bastante juvenil a frase: Há eunucos que se castraram a si mesmos pelo reino	Orígenes

	σωτήριον φωνὴν ἀποπληροῦν οἰόμενος, ὁμοῦ δὲ καὶ διὰ τὸ νέον τὴν ἡλικίαν ὄντα μὴ ἀνδράσι μόνον, καὶ γυναιξὶ δὲ τὰ θεῖα προσομιλεῖν, ὥς ἂν πᾶσαν τὴν παρὰ τοῖς ἀπίστοις αἰσχρᾶς διαβολῆς ὑπόνοιαν ἀποκλείσειεν, τὴν σωτήριον φωνὴν ἔργοις ἐπιτελέσαι ὠρμήθη, τοὺς πολλοὺς τῶν ἀμφ’ αὐτὸν γνωρίμων διαλαθεῖν φροντίσας.	dos céus e pensando, por um lado, cumprir assim a palavra do Salvador, e por outro, com o fim de evitar entre os infiéis toda suspeita e calúnia vergonhosa, já que sendo tão jovem, tratava das coisas de Deus não apenas com homens, mas também com mulheres, decidiu-se a concretizar a palavra do Salvador, cuidando para que passasse despercebido para a maioria de seus discípulos.	
6.07:03	οὐκ ἦν δὲ ἄρα δυνατόν αὐτῷ καίπερ βουλομένῳ τοσοῦτον ἔργον ἐπικρύψασθαι. γνοὺς δὴτα ὕστερον ὁ Δημήτριος, ἅτε τῆς αὐτόθι παροικίας προεστώς, εὖ μάλα μὲν αὐτὸν ἀποθαυμάζει τοῦ τολμήματος, τὴν δέ γε προθυμίαν καὶ τὸ γνήσιον αὐτοῦ τῆς πίστεως ἀποδεξάμενος, θαρρεῖν παρακελεύεται, καὶ νῦν μᾶλλον ἔχεσθαι αὐτὸν τοῦ τῆς κατηχίσεως ἔργου παρορμᾷ.	Mas não lhe era possível, mesmo querendo-o, ocultar semelhante façanha, e assim mais tarde soube-o Demétrio, como presidente daquela igreja. Muito se admirou por aquela façanha, e aceitando o zelo e a sinceridade de sua fé, exortava-o a ter ânimo e o estimulava a empenhar-se agora com mais força na obra da catequese.	Orígenes
6.07:04	οὐκ ἦν δὲ ἄρα δυνατόν αὐτῷ καίπερ βουλομένῳ τοσοῦτον ἔργον ἐπικρύψασθαι. γνοὺς δὴτα ὕστερον ὁ Δημήτριος, ἅτε τῆς αὐτόθι παροικίας προεστώς, εὖ μάλα μὲν αὐτὸν ἀποθαυμάζει τοῦ τολμήματος, τὴν δέ γε προθυμίαν καὶ τὸ γνήσιον αὐτοῦ τῆς πίστεως ἀποδεξάμενος, θαρρεῖν παρακελεύεται, καὶ νῦν μᾶλλον ἔχεσθαι αὐτὸν τοῦ τῆς κατηχίσεως ἔργου παρορμᾷ.	Tal era então a atitude de Demétrio. Mas não muito tempo depois, vendo o êxito de Orígenes, sua grandeza, seu brilho e sua fama universal, foi vítima de paixão humana e tratou de descrever aos bispos de todo o mundo aquela façanha como sendo totalmente absurda, quando os bispos mais experientes e mais ilustres da Palestina, a saber, os de Cesaréia e Jerusalém, considerando Orígenes digno de privilégio e da mais alta honra, impuseram-lhe as mãos para ordená-lo presbítero.	Orígenes
6.07:05	ἐπίσκοποι πρεσβείων τὸν	Assim pois, no mesmo momento	Orígenes

	Ὡριγένην καὶ τῆς ἀνωτάτω τιμῆς ἄξιον εἶναι δοκιμάσαντες, χειρας εἰς πρεσβυτέριον αὐτῷ τεθείκασιν. τηνικαῦτα δ' οὖν εἰς μέγα δόξης προελθόντος ὄνομά τε παρὰ τοῖς πανταχῇ πᾶσιν ἀνθρώποις καὶ κλέος ἀρετῆς καὶ σοφίας οὐ σμικρὸν κτησαμένου, μηδεμιᾶς ἄλλης εὐπορῶν ὁ Δημήτριος κατηγορίας, τῆς πάλαι ἐν παιδὶ γεγυμνασμένος αὐτῷ πράξεως δεινὴν ποιεῖται διαβολήν, συμπεριλαβεῖν τολμήσας ταῖς κατηγορίαις τοὺς ἐπὶ τὸ πρεσβυτέριον αὐτὸν προάξαντας.	em que Orígenes havia alcançado uma grande glória e havia conquistado em todas as partes e entre todos os homens considerável renome e fama de virtude e sabedoria, Demétrio, não tendo nenhum ouro motivo de acusação, armou um escândalo tremendo por aquela ação que Orígenes havia cometido sendo um menino e se atreveu a envolver em suas acusações os que o haviam promovido aos presbiterato.	
6.07:06	ταῦτα μὲν οὖν μικρὸν ἐπράχθη ὕστερον· τότε γε μὴν ὁ Ὡριγένης ἐπὶ τῆς Ἀλεξανδρείας τὸ τῆς θείας διδασκαλίας ἔργον εἰς ἅπαντας ἀφυλάκτως τοὺς προσιόντας νύκτωρ καὶ μεθ' ἡμέραν ἐπετέλει, τοῖς θεοῖς ἀόκνως μαθήμασιν καὶ τοῖς ὡς αὐτὸν φοιτῶσιν τὴν πᾶσαν ἀνατιθεὶς σχολήν.	Isto ocorreu, em realidade, pouco tempo depois. Por este tempo, no entanto, Orígenes estava entregue em Alexandria ao ensino divino para todos os que acudiam a ele, sem reservas, à noite e inclusive de dia, dedicando sem vacilação todo seu tempo às ciências divinas e aos discípulos que o freqüentavam.	Orígenes
6.07:07	Ἐπὶ δέκα δὲ καὶ ὀκτὼ ἔτεσιν τὴν ἀρχὴν ἐπικρατήσαντα Σευήρον Ἀντωνῖνος ὁ παῖς διαδέχεται. ἐν τούτῳ δὲ τῶν κατὰ τὸν διωγμὸν ἀνδρισμένων καὶ μετὰ τοὺς ἐν ὁμολογίαις ἀγῶνας διὰ προνοίας θεοῦ πεφυλαγμένων εἰς τις ὦν Ἀλέξανδρος, ὃν ἀρτίως ἐπίσκοπον τῆς ἐν Ἱεροσολύμοις ἐκκλησίας ἐδηλώσαμεν, οἷα ταῖς ὑπὲρ Χριστοῦ διαπρέψας ὁμολογίαις, τῆς δηλωθείσης ἐπισκοπῆς ἀξιοῦται, ἔτι Ναρκίσσου, ὃς ἦν αὐτοῦ πρότερος, περιόντος τῷ βίῳ.	Depois de exercer o império durante dezoito anos, Severo é sucedido por seu filho Antonino. Neste tempo, um dos que se portaram virilmente na perseguição e, depois dos combates de sua confissão, foram preservados pela providência divina, foi um tal Alexandre, mencionado a pouco como bispo da igreja de Jerusalém; por ter-se distinguido em sua confissão por Cristo foi considerado digno do mencionado episcopado, ainda que Narciso, seu predecessor, ainda estivesse vivo.	Orígenes
6.15.1	Τοσαύτη δὲ εἰσήγετο τῷ Ὡριγένει	E tão cuidadosa era a investigação	Orígenes

	τῶν θείων λόγων ἀπηκριβωμένη ἐξέτασις, ὥς καὶ τὴν Ἑβραΐδα γλῶτταν ἐκμαθεῖν τὰς τε παρὰ τοῖς Ἰουδαίοις φερομένας πρωτοτύπους αὐτοῖς Ἑβραίων στοιχείοις γραφὰς κτῆμα ἴδιον ποιήσασθαι ἀνιχνεῦσαί τε τὰς τῶν ἐτέρων παρὰ τοὺς ἐβδομήκοντα τὰς ἱερὰς γραφὰς ἐρμηνευκῶτων ἐκδόσεις καὶ τινὰς ἐτέρας παρὰ τὰς κατημαξευμένας ἐρμηνείας ἐναλλαττούσας,	que Orígenes fazia das palavras divinas, que até aprendeu a língua hebraica, comprou as Escrituras originais, conservadas entre os judeus com os próprios caracteres hebreus, e seguiu a pista das edições de outros tradutores das Sagradas Escrituras, além dos Setenta.	
--	--	---	--

Apêndice II - Análise documental de *Anedocta*

Citação	Original em grego	Tradução para o português	Tema
3.2-4	Φώτιος δὲ κατὰ τάχος ἐς τὴν Ἔφεσον στέλλεται, τῶν τινα εὐνούχων, Καλλίγονον ὄνομα, προαγωγὸν τῆς κεκτημένης ὄντα δεσμεύσας τε καὶ ξὺν αὐτῷ ἔχων, ὅσπερ αὐτῷ αἰκίζόμενος ἐν τῇ ὁδῷ ταύτῃ ἅπαντα ἐξήνεγκε τὰ ἀπόρρητα. καὶ Θεοδόσιος μὲν προμαθὼν ἐς τὸ ἱερὸν Ἰωάννου καταφεύγει τοῦ ἀποστόλου, ὅπερ ἐνταῦθα ἀγιώτατόν ἐστι καὶ ἐπιεικῶς ἔντιμον Ἀνδρέας δὲ ὁ τῆς Ἐφέσου ἀρχιερεὺς χρήμασιν οἱ ἀναπεισθεῖς τὸν ἄνθρωπον ἐνεχείρισεν.	Enquanto isso, Fócio tinha chegado furioso em Éfeso, tendo levado consigo em correntes Calígono, o eunuco e bajulador de Antonina, a quem ele havia torturado constantemente durante a jornada, forçando-o a contar todos os segredos da dama. Teodósio, porém, foi avisado a tempo e tomou abrigo no templo de São João, o apóstolo, que é reverenciado no lugar mais sagrado da cidade: mas André, o bispo de Éfeso, foi subornado para entregá-lo nas mãos de seu perseguidor.	Calígono
3.12-13	Φώτιον δὲ αἰκισμοῖς τε ἄλλοις ἀνδραποδώδεσι περιβαλοῦσα καὶ ξάνασα κατὰ τε τοῦ νότου καὶ τῶν ὤμων πολλὰς, ἐκλέγειν ἐκέλευεν ὅποι ποτὲ γῆς Θεοδοσίος τε καὶ ὁ προαγωγὸς εἴη. ὁ δὲ καίπερ ὑπὸ τῆς βασάνου κατατεινόμενος τὰ ὁμωμοσμένα ἐμπεδοῦν ἔγνω, ἀνὴρ νοσώδης μὲν καὶ ἀνειμένος γεροντὶ πρότερον, ἐς δὲ τὴν ἀμφὶ τὸ σῶμα θεραπείαν ἐσπουδακῶς, ὕβρεώς τε γενόμενος ἢ ταλαιπωρίας τινὸς ἄπειρος. οὐδὲν γοῦν αὐτὸς τῶν Βελισαρίου κεκρυμμένων ἐξεῖπεν.	Fócio, por suas ordens [de Teodora], foi torturado como um escravo e espancado com paus nas costas e ombros, e foi ordenado a revelar o paradeiro de Teodósio e do Eunuco Bajulador. Mas, mesmo sendo cruelmente torturado ele mantém o voto que tomou de forma inviolada: e mesmo sendo naturalmente fraco e delicado, e sendo sempre forçado a cuidar bem de sua saúde e nunca experienciou nenhum mal-tratamento ou desconforto de qualquer forma, ainda assim, nunca revelou os segredos de Belisário.	Calígono
5.23-27	ἡνίκα δὲ Ἀντωνίνα τῆς βασιλίδος ἀπογενομένης ἐς Βυζάντιον ἦλθεν, ἐπελάθετο μὲν ἐθελουσία ὧν	Esta ação fez com que ela fosse considerada uma das mulheres mais cruéis do mundo, mas mesmo assim	Calígono

	ἐκείνη ἔναγχος εἰς αὐτὴν εἵργαστο, ὥς ἦκιστα δὲ ὑπολογισαμένη ὥς, ἦν τῷ ἑτέρῳ ἢ παῖς αὐτῇ ξυνοικίζοιτο, πεπορνευμένη τὰ πρότερα ἔσται, τὸν Θεοδώρας ἔκγονον κηδεστὴν ἀτιμάζει, τὴν τε παῖδα ὥς μάλιστα ἀκουσίαν βιασαμένη ἀνδρὸς τοῦ ἐρωμένου ἀπέστησε. μεγάλην τε ἀγνωμοσύνης ἐκ τοῦ ἔργου τούτου ἀπηνέγκατο δόξαν εἰς πάντας ἀνθρώπους, ἦκοντά τε οὐδενὶ πόνῳ ἀναπεῖθει τὸν ἄνδρα τοῦ ἄγους αὐτῇ μεταλαχεῖν τοῦδε. ὥστε διαρρήδην τῆνικάδε ὁ τοῦ ἀνθρώπου τρόπος ἐλήλεγκται. καίτοι διομοσάμενος Φωτίῳ τε καὶ τῶν ἐπιτηδείων τισὶ πρότερον καὶ τὰ ὁμωμοσμένα οὐδαμῇ ἐμπεδώσας συγγνώμης ἐτύγγανε πρὸς πάντων ἀνθρώπων. αἴτιον γὰρ τοῦ ἀπίστου <τ>ἀνδρὸς οὐ τὴν γυναικοκράτειαν, ἀλλὰ δέος τὸ ἐκ τῆς βασιλίδος ὑπόπτειον εἶναι. ἐπεὶ δὲ καὶ Θεοδώρας ἀπογενομένης, ὥσπερ μοι εἴρηται, οὔτε Φωτίου οὔτε ἄλλου τοῦ τῶν οἱ ἀναγκαίων λόγος γεγένητο, ἀλλ' αὐτῷ δέσποινα μὲν ἢ γυνὴ ἐφαίνετο οὔσα, κύριος δὲ Καλλίγονος ὁ προαγωγὸς ἦν, τότε δὴ ἀπογνόντες αὐτοῦ ἅπαντες ἐχλεύαζόν τε διαθρυλλοῦντες καὶ ἄτε ἄνοιαν ὀφλισκάνοντι ἐλοιδοροῦντο. τὰ μὲν οὖν ἡμαρτημένα Βελισαρίῳ ἀπαρακαλύπτως εἶπεῖν ταύτη πη ἔχει.	a mãe obteve, sem qualquer dificuldade, a aprovação de Belisário para sua conduta, ao retornar para casa. Assim se revelou o verdadeiro caráter deste homem. Embora ele tivesse feito um juramento solene a Photius e a vários de seus íntimos e o quebrado, todos os homens prontamente o perdoaram, porque suspeitavam que a razão de sua infidelidade não era o domínio de sua esposa sobre ele, mas seu medo de Teodora. ; mas agora que Teodora estava morta, como já lhe contei, ele não pensava em nada sobre Photius ou qualquer um de seus íntimos, mas submeteu-se inteiramente ao domínio de sua esposa e de seu promotor Calígono. Então, finalmente, todos os homens deixaram de acreditar nele, desprezaram-no e zombaram dele, e o chamaram de idiota. Tais foram as ofensas de Belisário, sobre as quais fui obrigado a falar livremente neste lugar.	
5:29-31	ἀφ' οὗ δὴ Σολόμωνι καὶ τῷ Ῥωμαίων στρατῷ καὶ Λίβυσι πᾶσι	Salomão, o exército romano e todos os líbios foram perdidos devido a	Salomão

	διεφθάρθαι ξυνέβη. δι' αὐτὸν γάρ, ἄλλως τε καὶ Σολόμωνος τετελευτηκότος, ὥσπερ μοι εἴρηται, οὔτε τις ἄρχων οὔτε τις στρατιώτης ἐς πολέμου κίνδυνον ἰέναι ἠξίου. μάλιστα δὲ πάντων Ἰωάννης ὁ Σισιννιόλου τῷ ἐς αὐτὸν ἔχθει ἀπόμαχος ἦν, ἕως Ἀρεόβινδος ἐς Λιβύην ἀφίκετο.	este crime? pois, em consequência do que ele fez, especialmente após a morte de Salomão, nenhum oficial ou soldado se exporia aos perigos da guerra. João, filho de Sisinniolus, foi especialmente avesso a entrar em campo, devido ao ódio que sentia por Sérgio, até que Areobindo chegou à Líbia.	
5.32-33	ἦν γὰρ ὁ Σέργιος μαλθακὸς μὲν καὶ ἀπόλεμος, τὸ δὲ ἦθος καὶ τὴν ἡλικίαν κομιδῇ νέος, φθόνῳ τε καὶ ἀλαζονείᾳ ἐς ὑπερβολὴν ἐχόμενος ἐς πάντας ἀνθρώπους, τεθρυμμένος τε τὴν δίαιταν καὶ τὰς γνάθους φουσῶν. ἀλλ' ἐπεὶ τῆς Ἀντωνίνης τῆς Βελισαρίου γυναικὸς ἐγγόνης ἐτύγχανε μνηστήρ γεγωνῶς, τίσιν τινὰ ἐς αὐτὸν ἢ βασιλεὺς ἐξενεγκεῖν ἢ παραλύειν τῆς ἀρχῆς οὐδαμῇ ἠθέλε, καίπερ ἐνδεδεχέστατα διαφθειρομένην Λιβύην ὀρώσα, ἐπεὶ καὶ Σολόμωνα τὸν Σεργίου ἀδελφὸν τοῦ Πηγασίου φόνου αὐτῇ τε καὶ βασιλεὺς ἀθῶον ἀφῆκεν. ὃ τι δὲ τοῦτό ἐστιν αὐτίκα δηλώσω	Mole e pouco guerreiro, muito jovem em idade e mente, excessivamente ciumento e insolente com todos os homens, de hábitos luxuriosos e inflado de orgulho. Contudo depois de aceitar ser o marido da sobrinha de Antonina, esposa de Belisário, a imperatriz não o deixaria ser punido de nenhuma maneira ou retirado de seu posto, embora ela visse claramente que a situação na Líbia ameaçava a sua ruína total; e ela até induziu o imperador a perdoar Salomão, irmão de Sérgio, pelo assassinato de Pégasio. Como isso aconteceu, explicarei agora.	Salomão
11.34	Μετὰ δὲ καὶ τὸ παιδεραστεῖν νόμῳ ἀπεῖργεν, οὐ τὰ μετὰ τὸν νόμον διερευνώμενος, ἀλλὰ τοὺς πάλαι ποτὲ ταύτῃ δὴ τῇ νόσῳ ἀλόντας. ἐγένετό τε ἡ ἐς αὐτοὺς ἐπιστροφή οὐδενὶ κόσμῳ, ἐπεὶ καὶ κατηγόρου χωρὶς ἐπράσσετο ἡ ἐς αὐτοὺς τίσις, ἐνός τε ἀνδρὸς ἢ παιδὸς λόγος, καὶ τούτου δούλου, ἂν οὔτῳ τύχοι, καὶ ἀκουσίου μαρτυρεῖν ἐπὶ τὸν κεκτημένον ἀναγκασθέντος, ἔδοξεν εἶναι ἀκριβὲς ἔλεγχος. τοὺς τε οὕτως ἀλίσκομένους τὰ αἰδοῖα περιηρημένους ἐπόμπευον. οὐκ ἐς	Depois, ele proibiu por lei a pederastia, e ele fez com que esta lei se aplicasse não apenas àqueles que a transgrediram depois de ela ter sido aprovada, mas até mesmo àqueles que haviam praticado essa maldade muito antes. A lei foi aplicada de forma moralmente questionável, o testemunho de um homem ou menino, que possivelmente poderia ser um escravo que não estava disposto a testemunhar contra seu mestre, foi	Justiniano e castração

	πάντας μέντοι κατ' ἀρχὰς τὸ κακὸν ἦγετο, ἀλλ' ὅσοι ἢ Πράσινοι εἶναι ἢ μεγάλα περιβεβλησθαι χρήματα ἔδοξαν ἢ ἄλλο τι τοῖς τυραννοῦσι προσκεκρουκότες ἐτύγγανον.	considerado uma evidência sólida. Aqueles que fossem condenados seriam carregados pela cidade, tendo seus genitais cortados. Essa crueldade não foi praticada em primeiro momento em ninguém que não pertencesse à facção verde ou pessoas que ele pensava ter muitas posses, ou que tivessem ofendido-o de alguma forma	
12. 24-27	Λέγουσι δὲ καὶ μοναχὸν τινα τῷ θεῷ ἐς τὰ μάλιστα φίλον πρὸς τῶν αὐτῷ γῆν τὴν ἔρημον ξυνοικούντων ἀναπεισθέντα σταλῆναι μὲν ἐς Βυζάντιον τοῖς ἄγχιστα σφίσιν ἐνφικημένοις ἐπαμνυοῦντα, βιαζομένοις τε καὶ ἀδικουμένοις ἀνύποιστα, ἐνταῦθα δὲ ἀφικόμενον αὐτίκα εἰσόδου τῆς παρὰ τὸν βασιλέα τυχεῖν· μέλλοντα δὲ εἶσω παρ' αὐτὸν γενέσθαι, ἀμεῖψαι μὲν τὸν ἐκείνῃ οὐδὸν θατέρῳ τοῖν ποδοῖν, ἐξαπιναιῶς δὲ ἀναποδίζοντα ὀπίσω ἰέναι. εὐνοῦχον μὲν οὖν τὸν εἰσαγωγέα καὶ τοὺς τῇδε παρόντας πολλὰ τὸν ἄνθρωπον λιπαρεῖν ἐπίπροσθεν βαίνειν, τὸν δὲ οὐδέν τι ἀποκρινάμενον, ἀλλὰ καὶ παραπλήγι ἐοικότα ἐνθὲνδε ἀπαλλαγῆναι ἐς τὸ δωμάτιον, οὗ δὴ κατέλυε, γεγονότα· τῶν τέ οἱ ἐπομένων ἀναπνυθανομένων ὅτου ἔνεκα ταῦτα ποιοίη, φάναι λέγουσιν αὐτὸν ἄντικρυς ὡς τῶν δαιμόνων τὸν ἄρχοντα ἐν τῷ Παλατίῳ ἐπὶ τοῦ θρόνου καθήμενον ἴδοι, ᾧ δὴ ξυγγενέσθαι ἢ τι παρ' αὐτοῦ αἰτεῖσθαι οὐκ ἂν ἀξιοίη. πῶς δὲ οὐκ ἔμελλεν ὅδε ὁ ἀνὴρ δαίμων τις ἀλιτήριος εἶναι, ὅς γε ποτοῦ ἢ σιτίων ἢ ὕπνου εἰς κόρον οὐδέποτε ἦλθεν, ἀλλ' ἀμηγέπη τῶν παρατεθέντων ἀπογευσάμενος ἁπρὶ νύκτωρ	Dizem também que um certo monge, altamente favorecido por Deus, foi enviado a Bizâncio por aqueles que viviam com ele no deserto, para implorar que o favor pudesse ser mostrado aos seus vizinhos, que tinham sido injustiçados e ultrajados além do que poderiam suportar. Ao chegar a Bizâncio, obteve imediatamente uma audiência do imperador; mas quando estava prestes a chegar aos seus pés, ele recuou e, virando-se, retirou-se de repente. O eunuco que o estava escutando, e também outros espectadores, imploraram-lhe sinceramente que fosse em frente, mas ele não respondeu, mas como alguém que sofreu um ataque de paralisia, voltou para seu alojamento. Quando aqueles que vieram com ele perguntaram por que ele agiu assim, eles dizem que ele afirmou claramente que viu o chefe dos demônios sentado em seu trono no meio do palácio, e ele não iria encontrá-lo nem pedir nada a ele. Como alguém pode acreditar que este homem tenha sido outra coisa	Justiniano e eunucos

